

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

PEDRO JOAQUIM GONÇALVES TEIXEIRA

Santuário de Nossa Senhora da Assunção de Santo

Tirso

Da génese ao edificado atual

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor José Pedro Angélico

Porto

2023

Agradecimentos

Este trabalho é fruto de muita ajuda. Sendo assim quero deixar o meu sincero obrigado ao meu orientador, Professor Doutor José Pedro Angélico pela paciência que teve para comigo, agradeço também ao Pe. Nuno Queirós e aos meus amigos Arménio Rodrigues, Diogo Emanuel e Agostinho Gonçalves que me ajudaram a estruturar este trabalho. Agradeço também aos meus Pais e à D. Mireille Arrifana pela paciência que tiveram em ouvir, muitas das vezes, as minhas preocupações e desabafos. O meu agradecimento também à Biblioteca Municipal de Santo Tirso, aos Arquivos Distritais do Porto e de Leiria, e ao Arquivo da Diocese do Porto, pela ajuda preciosa que me deram. O meu profundo obrigado ao meu pároco de Estágio, Pe. Mateus pelas viagens que fizemos a fim de reunir a informação dispersa sobre o Santuário e que me sempre auxiliou. O meu muito obrigado à autora Lucília Verdelho da Costa que mesmo estando na Suíça, se disponibilizou a ajudar-me e indicar-me caminhos uma vez que a sua tese é sobre Ernesto Korrodi.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL.....	3
INTRODUÇÃO	7
CAP. 1 – SANTUÁRIO COMO LOCUS THEOLOGICUS	9
1.1. LUGAR TEOLÓGICO.....	10
1.2. OS DOGMAS MARIANOS	18
1.3. SANTUÁRIO COMO LUGAR TEOLÓGICO	28
CAP. 2 – SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO: HISTÓRIA E ARTE	32
2.1. A ORIGEM DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO EM SANTO TIRSO....	33
2.2. ARTE E ARQUITECTURA NO SANTUÁRIO.....	41
2.2.1. A imagem da Senhora da Assunção: análise, leitura e interpretação	41
2.2.2. A devoção a Nossa Senhora no Vale do Ave e a edificação da Capela Velha	44
2.2.3. A edificação do novo Templo de Ernesto e Camilo Korrodi	48
2.2.4. As infra-estruturas de apoio e segurança	53
2.3. PIEDADE POPULAR NO SANTUÁRIO.....	56
2.3.1. A primeira Peregrinação	56
2.3.2. A segunda Peregrinação.....	57
2.3.3. A terceira Peregrinação.....	60
2.3.4. A quarta Peregrinação.....	61
CAP. 3 – A RELIGIOSIDADE, O CULTO MARIANO E OS SANTUÁRIOS EM PORTUGAL.....	63
3.1. A RELIGIOSIDADE EM PORTUGAL	63
3.2. DEVOÇÃO MARIANA EM PORTUGAL.....	67
3.3. SANTUÁRIOS À LUZ DA PIEDADE POPULAR E LITURGIA.....	72
3.4. PROPOSTA DE DINAMIZAÇÃO DO SANTUÁRIO.....	78
3.4.1. Dinâmicas Litúrgicas	80
3.4.2. Dinâmicas pastorais.....	81
3.4.3. Dinâmicas Culturais.....	82
CONCLUSÃO.....	84
BIBLIOGRAFIA	86
FONTES E DOCUMENTOS	86
ESTUDOS E ENSAIOS	88
ANEXOS.....	92

Cântico à Virgem

Ó que beleza tamanha
Na montanha resplandece!
E astro, sol, luz divina
Que ilumina e que enriquece.

É a Virgem Nossa Senhora
Que lá mora em seu altar,
Dentro de branca ermíndinha
Caiadinha de luar.

CORO

É Maria, a Mãe de Deus,
Que dos céos nos vê e fala.
Ajuntae-vos, peregrinos,
Cantae hymnos p'ra louval-a

Sim ! é Maria a mais pura
Creatura, a mais formosa;
Que foi gerada assim bella
D'uma estrellá e d'uma rosa.

Da nossa villa defronte
Sobre o monte, eterna e boa,
Em redor protege as serras,
Nossa terra abençoa

CORO

É Maria, a Mãe de Deus,
Etc.

Entre cânticos e palmas
Nossas almas uma a uma
Leva-as para o firmamento
Como o vento leva a pluma.

Felizes te seguiremos,
Viveremos no Senhor,
Cantando, ó Virgem Maria,
Noite e dia em teu louvor.

CORO

É Maria, a Mãe de Deus,
Etc.

Resumo

O tema central deste trabalho é de dar a conhecer tudo o que envolve origem do Santuário de Nossa Senhora da Assunção em terras de Santo Tirso. É de nosso objetivo saber o que levou a esta construção e o porquê haver tanto desconhecimento e desinformação desta obra. Como não podemos falar só da parte histórica, é de nosso desejo, fazer uma contextualização de tudo o que envolve a devoção Mariana em Portugal, passando pelos vários dogmas e os vários Santuários em Portugal.

Por isso pensamos que este trabalho terá três capítulos. O primeiro irá conter uma parte mais teórica, o segundo capítulo a parte histórica, e o último capítulo a parte teológico Pastoral

Palavras-chave: Assunção; Dogma; Lugar Teológico; Santuário.

Abstract

The central theme of this work is to know the origin of the Sanctuary of Our Lady of the Assumption in Santo Tirso. It is our objective to know what led to this construction and why there is so much ignorance and misinformation about this work. As we cannot only talk about the historical part, it is our desire to make a contextualization about the context of the Marian devotion in Portugal, going through the several dogmas and the several Shrines in Portugal.

That is why we think this work will have three chapters. The first will contain a theological part, the second chapter the historical part, and the last chapter the pastoral part.

Keywords: Assumption; Dogma; Theological Place; Sanctuary.

Siglário

AINSA – Arquivo da Irmandade de Nossa Senhora da Assunção.

ADP – Arquivo Distrital do Porto.

ADL – Arquivo Distrital de Leiria.

CIC – Código do Direito Canónico.

MRAR – Movimentos de Renovação de Arte Religiosa.

INTRODUÇÃO

Na tentativa de perceber a importância dos Santuários, na atualidade e a respetiva devoção mariana que existe em Portugal, dos quais constituem exemplo as inúmeras peregrinações e romarias que se fazem como é o caso do Santuário de Nossa Senhora de Fátima. Procurámos estudar a forma como a religião influenciou o desenvolvimento da sociedade ao longo da História do nosso país onde sabendo que, outrora, a religião marcava a vida das populações estando na base da organização da própria sociedade.

Assumindo o facto anterior observamos que o fenómeno religioso, no geral, é potenciado pela especial ligação à figura de Maria tida como a especial intercessora a quem acorrem muitos em busca de auxílio.

Observamos que ao longo do território português, existem cerca de 143 Santuários com dedicação Mariana onde a devoção se concretiza sob várias invocações e que apesar de conhecermos sua existência ignoramos, na maioria dos casos, a sua origem.

O mesmo acontece com o Santuário da Senhora da Assunção, que será o nosso objecto de estudo, um templo erguido no alto do monte Córdova em Santo Tirso entre as cidades de Braga e Porto e construído talvez à semelhança de Santuários vizinhos (Braga e Guimarães).

Este trabalho que se intitula «Santuário da Senhora da Assunção: da génese ao edificado atual», será dividido em três partes a primeira parte abordará questões teológicas, a segunda parte será dedicada ao respectivo trabalho de campo e a terceira parte onde evocaremos a sua dimensão pastoral.

No primeiro capítulo, falaremos da importância do santuário na vida espiritual dos crentes e do seu significado enquanto lugar teológico o que não se cinge apenas ao edifício. Falaremos também da importância do monte, dos dogmas Marianos e sua respetiva história e por fim abordaremos o Santuário como lugar teológico.

No segundo capítulo falaremos de como surgiu a ideia que conduziu à construção deste santuário Mariano naquele local bem como da sua história, das diversas fases da construção e da sua componente artística.

Tentaremos perceber o porquê existirem de dois edifícios religiosos sob a mesma evocação tão perto um do outro e tentaremos desvendar alguma confusão existente entre os devotos sobre o seu ou os seus arquitectos.

Falaremos também do papel da Irmandade na construção do Santuário e a promoção da devoção à Senhora da Assunção nas terras Tirsenses. Tentaremos ainda fazer uma análise da imagem da Senhora da Assunção que se venera no Santuário bem como da sua história. Estudaremos, de igual forma, quais são as estruturas de apoio ao Santuário e observaremos a piedade no Santuário através da análise das procissões cingindo-nos às mais importantes ao longo destes anos.

Num terceiro e último capítulo propomo-nos analisar a religiosidade em Portugal, fazendo um breve apanhado onde falaremos do culto Mariano e da sua importância dos seus respectivos Santuários. Por fim, e como último ponto neste capítulo, olharemos para a situação concreta da pastoral do Santuário onde tentaremos fazer uma proposta a sua dinamização bem como das iniciativas a aí promover.

CAP. 1 – SANTUÁRIO COMO *LOCUS THEOLOGICUS*

O termo Santuário designa, de um modo geral, um local sagrado que não carece, necessariamente, de ser um edifício, podendo aplicar-se a outros locais tais como uma gruta, recorde-se o exemplo Lourdes, uma montanha, como é o caso do Monte Córdova, ou mesmo uma fonte. A categoria conceptual «Santuário» pode ainda designar a parte mais santa de um templo ou, no caso das Igrejas, pode aplicar-se ao próprio presbitério¹.

O santuário está igualmente dotado de um carácter institucional e exemplo disso é a sua menção na letra da lei da Igreja conforme o disposto no cânone 1230 do *CIC*, onde figura que «*Pelo nome de santuário entende-se a igreja ou outro lugar sagrado aonde os fiéis, por motivo de piedade, em grande número acorrem em peregrinação, com a aprovação do Ordinário do lugar*». Nesta linha, e por inerência jurídica, o santuário não pode erguer-se à margem da organização hierárquica da Igreja estando, nesse sentido, sujeito a normas estipuladas pelo responsável máximo do lugar onde se instaura.

A inclusão desta temática no *CIC* é relativamente recente tendo a Igreja abordado este conceito a nível canónico no códex de 1983² consagrando-lhe 5 cânones, não havendo qualquer menção no códex de 1917.

Esta constatação leva-nos a abordar a importância do espaço que o Santuário ocupa podendo estar elevado num monte, dos quais as ermidas são um exemplo, ou noutro local onde tenha ocorrido algum tipo de manifestação da transcendência.

No caso do Santuário que estudaremos adiante é no alto do monte que se encontra espaço para a proximidade com Deus o que nos recorda a importância que é atribuída ao «alto do monte» nomeadamente na Sagrada Escritura.

Assim entender o Santuário como *locus teológico* exigirá sempre a articulação do lugar com três importantíssimos predicativos: aliança, palavra e sacramento.

O santuário é lugar de aliança, pois, recorda-nos a aliança feita entre Deus e os homens, este é, «(...) *lugar da memória da acção poderosa de Deus na história (...)*»³, tornando-se simultaneamente local encontro e local de renovação quotidiana dos termos

¹ Cf. Joan Llopis, «Santuário», em *Dicionário de Pastoral*, ed. Cassiano Floristán et al. (Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1990), 499-500.

² Cf. Giuseppe Besutti, «Santuário», em *Dicionário de Mariologia*, ed. Stefano de Fiores e Salvatore Meo, (São Paulo: Paulus, 1995), 1198.

³ Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «O Santuário: Memória, presença e profecia do Deus vivo», acessido a 14 de Outubro de 2022, https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_19990525_shrine_po.html.

da aliança. Através da acção salvífica de Cristo que se manifesta por intermédio daquele Santuário, que apesar de feito com pedras insignificantes converte-se, pelo poder de Cristo, em «Pedras Vivas», tornando-se assim morada de Deus com os homens pois «*o templo é habitação da Arca da Aliança.*»⁴

O Santuário torna-se igualmente *lugar da palavra* uma vez que corresponde ao espaço onde se abre a possibilidade do aprofundamento da fé. A palavra é, nesse sentido, lugar da acção do Espírito Santo que sendo vivo e eficaz se torna para nós sinal de uma só aliança, pois, «*o Espírito Santo, penetrado nos membros do corpo de Cristo, faz da Igreja o Santuário vivo do Senhor (...).*»⁵

Por último o Santuário é um *lugar de sacramento* pois a presença do Espírito Santo envolve e convida o crente a reconciliar-se com Deus e consigo próprio na medida em que os Santuários são «*(...) lugares privilegiados das acções sacramentais especialmente da Reconciliação e da Eucaristia (...).*»⁶ onde os peregrinos chegam a esta etapa com a esperança de obter a Misericórdia Divina. Esta dinâmica, associada ao esforço e ao sacrifício, por vezes vivido, é recompensada pelo conforto e pelas graças recebidas tornando-se para cada peregrino num sinal da presença de Deus e na Sua aliança com o ser humano.

1.1. LUGAR TEOLÓGICO

A teologia católica dá o nome de lugares teológicos a todos os conhecimentos teológicos, que possam advir de várias fontes como a escritura, a tradição, etc.⁷ Assim, os lugares teológicos são o nome dado às temáticas ou fontes a partir das quais o saber teológico vai construir as suas premissas. Estes lugares teológicos podem ser encontrados nos mais variados campos desde a Sagrada Escritura, passando pela literatura e magistério da Igreja. O principal impulsionador do conceito foi o teólogo dominicano medieval, Melchior Cano (1509-1560) e é marcado no contexto tridentino.⁸ Partindo do método escolástico procura-se tratar cada questão teológica partindo da exploração dos sucessivos campos da teologia, que conhecemos como lugares teológicos.⁹ Embora a definição não

⁴ Conselho Pontifício para Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «O Santuário».

⁵ Conselho Pontifício para Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «O Santuário».

⁶ Conselho Pontifício para Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «O Santuário».

⁷ Cf. Cyrille Michon et Gilbert Narciss, «Lieux Théologiques», em *Dictionnaire critique de théologie*, dirigido por Jean- Yves Lacoste (Paris: Press Universitaires de France, 1988), 658 – 659.

⁸ Cf. Michon et Narciss, «Lieux Théologiques», 658.

⁹ Cf. Michon et Narciss, 658.

seja de todo uma novidade uma vez que Cano funda a sua sistematização apoiando-se no conceito de *lugares dialécticos* que havia sido, por sua vez, sistematizada por Aristóteles que Cano vai importar para o domínio da teologia¹⁰.

Entendemos assim este conceito como o local onde a proximidade com a revelação divina é de tal ordem que é o próprio lugar teológico a conduzir-nos até Deus para aí ler a história à luz da aliança, do compromisso e da entrega de Deus em favor da humanidade.

Partindo da definição de lugar teológico¹¹ podemos dizer que ele diz respeito à temática ou área do saber a partir da qual se pode elaborar o conhecimento ou o aprofundamento teológico. Nessa linha será importante dizer que na condição humana de ser *Capax Dei*¹² praticamente todos os lugares referenciados pela geografia humana são passíveis de albergar teologia, entendida como o discurso sobre Deus e de que forma a sua transcendência se cruza com a nossa imanência.

É precisamente neste ponto que se abre à fecundidade um conceito que à partida seria mais apropriado aplicando-se às categorias do pensamento na medida em que se trata de uma apropriação por parte da teologia de uma categoria anteriormente pensada no campo da filosofia aristotélica a de lugar dialéctico¹³, isto é, de uma instância do pensamento humano.

Falar de lugar teológico é muito mais que realizar uma localização sistemática de alguma matéria olhando-a com a métrica da disciplina teológica. É, em nosso entender, deixar espaço à escuta para aí encontrar o diálogo de Deus não só com as coisas criadas como também com o espírito do homem e da sua insaciável curiosidade.

Analisar um lugar teológico é desvelar a habitação de Deus numa dada temática e perceber as relações que se tecem em ordem a uma compreensão profunda dos fenómenos que emergem dos caminhos que, numa certa medida cruzam a transcendência, própria da divindade, com a imanência, própria da humanidade.

¹⁰ Cf. Michon et Narciss, «Lieux Théologiques», 659.

¹¹ Cf. Michon et Narciss, 660.

¹² Cf. São Tomás de Aquino, *Suma de Teologia*, I-II, q. 13, a. 16.

¹³ Cf. Michon et Narciss, 659.

Partindo da análise da utilização do termo é possível ver que monte ou montanha, em grego *ὄρος*, vai adoptando vários significados nas várias culturas o que necessariamente se reflecte ao longo de toda a Sagrada Escritura.

Vejamos agora, o que dizem os dicionários e algumas concordâncias, tanto do Antigo como do Novo Testamento, sobre este termo. Segundo a *Concordance to the Septuagint*, a palavra *ὄρος* aparece, no Antigo testamento, no seu total, 579 vezes. Este termo, tem vários significados entre eles o sentido mais utilizado é o de montanha (233 vezes), seguido de monte (168 vezes) e colina (36 vezes). Para além destes significados podemos encontrar alguns que não são literais, mas que se encontram no campo semântico dos anteriormente enunciados: vale (6 vezes), rocha ou rochedo (3 vezes), santuário (2 vezes), terra (2 vezes) e apenas uma vez como vala, fronteira, floresta, alto, alturas.

Se olharmos as frequências por livros da Sagrada Escritura vemos que a nossa palavra é mais frequente no livro de Isaías seguido do livro do Êxodo e do Deuterónimo.

O *Diccionario Del Griego Bíblico*, define a palavra *ὄρος*, começando por fazer um apanhado de todas as suas significações são elas: monte, montanha, colina, serra, alto.

Depois desta referência aos seus significados, vejamos, com alguns exemplos no Antigo Testamento:

«A enchente aumentava cada vez mais, e tanto que cobriu todos os altos montes existentes sob os Céus.» (Gn 7, 19)

«Que estejam prontos para o terceiro dia, porque no terceiro dia o Senhor descera aos olhos de todo o povo sobre a montanha do Sinai.» (Ex 19,11)

«Naquele dia, os seus pés pousarão sobre o monte das Oliveiras, que está em frente de Jerusalém, ao oriente. O monte das Oliveiras dividir-se-á em dois pelo meio, de oriente para ocidente, formando um imenso vale: uma parte do monte recuará para o norte e a outra para o sul. E vós fugireis pelo vale das minhas montanhas, pelo vale das montanhas que chega até Açal» (Za 14,4-5)

«Pois bem, por vossa causa, Sião será como um campo lavrado, Jerusalém será reduzida a um monte de Pedras» (Mi 3,12)

«Parti, então! Segui o vosso caminho e dirigi-vos para as montanhas dos amorreus e para todas as suas povoações, na Arabá, na montanha, na Chefela, no Négueb, no litoral marítimo (...)» (Dt 1, 7)

«Apregoai isto nos palácios de Asdod e nos palácios da terra do Egípto. Dizei: «Juntai-vos sobre os montes da Samaria» (Am 3,9)

O termo *ópoç*, ainda neste dicionário, faz referência a todos os montes desde o Sinai, ao das Oliveiras e chega, inclusive, a referir-se à montanha como «*el monte del Templo*».

Este dicionário, refere também o termo *ópoç*, como: *vale das montanhas, sítio rodeado de Montanhas*, região Montanhosa.

Ainda refere que *ópoç*, pode referir-se a um ponto que indica o limite de alguma coisa. Além de se referir à montanha ou sítios altos, também pode designar tempo cronológico

«E o Senhor fixou o tempo, dizendo: “Amanhã, o Senhor fará isso na terra”.» (Ex 9,5)

Assim, *ópoç*, como refere o nosso dicionário, é monte, montanha, colina, alto (Gn 7,19). O que diz respeito a um lugar onde se celebra um culto religioso (Lv 19,26); monte do tempo (Mi 3,12). Ainda se refere também a região montanhosa, montanhas (Am 3,9) e por fim, zona montanhosa, (Dt 1,7) oposta ao plano, montanha.

Depois da referência ao Antigo Testamento, prosseguimos agora com a análise da utilização deste vocábulo no Novo Testamento. Os evangelistas, no que respeita à palavra *ópoç*, utilizam somente o significado de monte o que, comparado com o Antigo Testamento onde existe maior variedade de significados atribuídos a esta palavra, demonstra uma maior limitação semântica.

Assim, segundo o *Concordance to the Greek New Testament*, *ópoç* aparece 63 vezes nos textos do Novo Testamento, das quais 44 nos Evangelhos: no material narrativo 11 em Mateus, 9 em Marcos, 9 em Lucas, 2 em João e no material discursivo 5 em Mateus, 2 em Marcos, 3 em Lucas e 2 em João. Aparece 8 vezes no Apocalipse, 4 na carta aos Hebreus, 3 nos Atos dos Apóstolos e também na 1ª aos Coríntios em 13,2, Gálatas em 4,24 e na 2ª carta de Pedro em 1,18. É ainda referida recorrendo à associação a uma

localização espacial concreta com é o caso do Monte das Oliveiras 12 vezes, Monte Sião 2 vezes e Monte Sinai 4 vezes.

O *Grande Lessico Del Nouvo Testamento* refere-se a *óρος* nomeadamente como o monte Garizim no singular de Jo 4,20; o Sinai de Act 7, 30 e o Sião de Heb 12, 22; esta palavra utilizada para significar uma cadeia montanhosa surge referenciada em Mc 5,11; *óρος* declinada no plural guarda este mesmo significado da utilização anterior (Mt 18, 12 Mc 13, 14).

Nos Evangelhos as características da orografia da Palestina interferem, na maioria dos casos, com a utilização do termo em análise. Assim a imagem da cidade colocada no alto de um monte de Mt 5,14 é um desses exemplos e encontra no seio daquele país mais do que uma correspondência concreta.

Denotam-se ainda algumas utilizações em sentido figurativo nesse sentido a parábola da ovelha perdida (Mt 18, 12) em que o pastor deixa as outras noventa e nove *επι τα όρος* pretende sugerir-se a perigosa solidão de quem fica sem orientação na montanha.

Temos também casos onde a montanha é simultaneamente local de elocução e assunto como na frase de Jesus sobre a fé que move montanhas (Mc 11,23; Mt 17,20) terá sido pronunciada na base de uma montanha verdadeira. Noutras ocasiões a montanha serve de inspiração como parece ser o caso de Lc 23,30 (Os 10,8) que terá, certamente, presente a paisagem montanhosa da Judeia; esta mesma expressão é recuperada em Ap 6,15 s. Já a advertência de Jesus que exorta os seus interlocutores a fugirem para «os montes» (Mc 13, 14) para assim se afastarem de Jerusalém terá correspondido à execução ocorrida no ano 66, a mando das autoridades de Roma.

Em Mc 5, 11 são mencionados os montes da margem oriental do lago de Genesaré habitada provavelmente por pagãos, mas também como local de habitação de demónios que não moram apenas nos sepulcros, mas também nas montanhas, algo que apenas aparece referido em Mc 5,5.

São recordados igualmente montes com nomes particulares: O monte Garizim em Jo 4,20 e s.; o monte sobre o qual está assente Nazaré em Lc 4,29; e o monte das Oliveiras em Lc 19, 37 e Mc 13, 3 testemunha um conhecimento directo do lugar. Uma crença judaica segundo o qual o Messias se manifestaria no monte das Oliveiras não está, contudo suficientemente documentada.

Nos evangelhos é referido muitas vezes que Jesus foi *επι τα όρος* (Mt 5,1 [8,1]; Mc 3,13 = Lc 6,12; Mt 15,29; Jo 6,3-15; Mc 6,46=Mt 14, 23; Lc 9,28.) Em todas estas passagens podemos traduzir do grego como «foi para a montanha», mas também «foi para o monte».

Nas passagens em que Jesus prega (Mc 6,46= Mt 14, 23; Lc 6,12; 9,28) demonstra-se a sua afinidade com Mc 1, 35, é pelo menos plausível que Jesus saindo *επι τα όρος*, fosse à procura de solidão; e a natureza montanhosa da Galileia e da Judeia oferecem-lhe essas possibilidades.

A razão de ser de Jesus sair para o monte no sermão da montanha pode querer dizer que naquele lugar alto a Sua voz chegaria mais longe, mas assim sendo seria um motivo secundário. Contudo podemos dizer, que Jesus vai para o monte para colocar os seus ouvintes na necessidade da escolha de o escutarem ou não, e pode ter algum peso a nível psicológico de serem convocados para um ambiente fora contexto do seu dia a dia.

Isto resulta para Mt 5,1, e também na passagem paralela de Mt 8, 18. Ainda em Lc 6,12 se nota esta intenção do sentido do sair de Jesus para a montanha.

A solidão só tem um papel preponderante nas passagens da transfiguração e nas últimas aparições do ressuscitado na Galileia (Mt. 28, 16). Mais séria e mais difícil de resolver é a questão se os evangelistas, em particular Mateus, quando chamam o monte, tenham a intenção de dizer algo mais e evocar algumas cenas do antigo testamento que acontecem na montanha. Sobretudo a introdução do sermão da montanha onde se identificou o problema de Mateus, ou Jesus mesmo, escolhendo como teatro um monte, não o tenha feito para recordar o monte donde saiu a lei de Deus no antigo testamento, considerando principalmente as antíteses que o mesmo sermão contém.

Podemos tentar interpretar, sob o mesmo perfil de intenção, todas as passagens em que se fala dos montes. Mas Mateus não deixou nenhuma pista para colocar uma luz sobre tais relações; podemos por exemplo atentar nas similitudes com Moisés que *ànebé eis tem koruphen tou orous*, isto é: «sai sobre o cimo do monte» (Ex 19, 20).

Ainda assim é difícil que um palestiniiano tenha dito a frase *anebe eis to óρος* num sentido diferente de um simples «fui para a montanha». Que a ascensão tenha ocorrido no monte é uma particularidade que aparece apenas perceptível em Lc 24, 50 e Act 1, 12.

A tradição unanime da Igreja primitiva que situou a transfiguração no Monte Tabor a opinião pode ser ainda a adjudicada do facto de que Jesus e os 3 desceram e encontraram reunidos em torno dos discípulos que ficaram em baixo. Mas provavelmente

o Tabor não seria um lugar solitário muito menos pode supor-se que fosse o lugar da Transfiguração.

Torna-se ainda pouco provável que Jesus, vindo de Cesareia de Filipe, tenha tomado a estrada para o Tabor na qual dificilmente poderia passar despercebido. Contudo o lugar da transfiguração não tem qualquer importância para os evangelistas que colocam a tônica fundamental na vivência de tal fenómeno.

O que importa destacar deste episódio é deixar bem claro, que se tratava de um monte muito alto para o qual se saía para o cimo. Assim não é a solidão que Jesus busca aqui, mas sim a necessidade de sensibilizar para a importância de aproximar os pensamentos e as intenções ao monte de Deus e para isso foi usada a imagem do monte.

Assim como o monte das tentações em Lucas não é passível de ser localizado, mas sim usado com a finalidade aludir para o alto donde se podem ver todos os reinos da terra. Também o grande e alto monte de que nos fala o apocalipse 21, 10 que se funda em Ezequiel 40,2 num grande e alto monte donde é possível abraçar o céu e a terra.

Ainda assim não podemos dizer que exista uma ligação expressa entre o monte e a visão profética uma vez que não nos é possível consubstanciar esse facto pelos dados da Sagrada Escritura donde está efetivamente ausente qualquer elemento que aponte nesse sentido.

Assim o alto do monte foi, desde sempre, um local onde se proporcionou um clima de recolhimento e, por consequência, um sentimento de maior proximidade com Deus. Desta mesma intuição encontramos exemplos um pouco por toda a Sagrada Escritura.

Se olharmos com atenção para a história bíblica foi no alto do monte que Deus se manifestou a «*Moisés (...) chegou à montanha de Deus, ao Horeb (...) e Deus chamou-o do meio da sarça...*» (cf. Ex 3, 1-5) ou então, «*subiu até junto de Deus*» (Ex 19,3) passagem onde Moisés sobe, subentende-se ao cimo do monte, a fim de se encontrar com Deus e falar sobre o povo liberto da escravidão.

É também no alto do monte, onde acontecem as manifestações de Deus e do Seu Filho Jesus que subiu a Jerusalém, subiu ao Monte Tabor. Vemos, de igual forma, que o «alto» também aponta para a transcendência encontramos essa referência na conversa de Jesus com Nicodemos «*em verdade, em verdade te digo: quem não nascer do Alto não pode ver o reino de Deus*» (Jo 3,3) Jesus refere-lhe que é no alto onde se encontra a sabedoria.

O monte é ainda o lugar da consumação da obra da salvação conhecido como «lugar da Caveira» (Gólgota) onde O autor da vida foi crucificado para que vejam que Ele morreu por todos (Jo 19, 25-27).

O alto do monte é sempre lugar de distanciamento da azáfama, lugar onde se procura tranquilidade e, por essa razão, é onde se procura uma maior aproximação de Deus, onde pela dificuldade da subida nos aproximamos do mistério do próprio Deus feito homem, que carrega aos ombros a cruz das nossas infidelidades.

Este é ainda local de refúgio, de recolhimento, de peregrinação e de oportunidade de contemplar a beleza da criação e por analogia a beleza do próprio criador. O alto do monte é lugar que favorece a oração, este mesmo sentimento experimentou Jesus que *«Saiu então e foi, como de costume, para o Monte das Oliveiras (...) Depois afastou-se deles, à distância de um tiro de pedra, aproximadamente; e, pondo-se de joelhos, começou a orar, (...)»* (Lc 22, 39-41)

Assim como Jesus, se afasta para orar, o mesmo acontece com os peregrinos, que vão se distanciando do «mundo», da azáfama do quotidiano e do barulho criando a oportunidade para um encontro mais pessoal com Deus.

Assim como *«ninguém, ao acender uma candeia, a coloca num lugar escondido ou debaixo do alqueire, mas sobre o candelabro, para que os que entram vejam a luz»*(Cf. Lc 11,33), assim acontece com inúmeros Santuários que, são levantados no alto do monte. Não são só levados *«...para lugares de boas vistas, desassombrados, e bem lavados dos ventos»*¹⁴, mas para ficarem à vista de todos a fim de que convide, quem os vê, à visita e à oração.

Local onde tudo fica desvendado e local onde seja propício ao recolhimento interior, mas também à manifestação expressiva da fé e da acção de graças. Ainda com o alto do monte, podemos fazer uma analogia entre o Deus que conduz e o Deus que caminha com o povo sobre a coluna de nuvem (Ex 13,21-22). No alto do monte que se cobre com as nuvens encontramos uma analogia com o próprio mistério da revelação divina que ocorre por iniciativa de Deus e sem a intervenção do Homem uma vez que *«Só o monte, com os seus cumes, que toca os céus, e com o mistério dos seus mantos nebulosos, que vinculavam tradicionalmente, a manifestação do Divino.»*¹⁵.

¹⁴ Cf. Alberto Pimentel, *Santo Thyrsos de Riba d'Ave* (Santo Tirso: Club Thyrsense, 1902), 12.

¹⁵ Francisco Carvalho Correia, *Senhora da Assunção* (Santo Tirso: Tipografia Nova-Santo Tirso 2013), 3.

O alto do monte constitui, nessa linha, o lugar propício para a contemplação não só da parte de quem aí se desloca, mas também da parte Daquele que lá do alto tudo vê ao qual o salmista clama: «*Ó Deus do universo, volta, por favor, olha lá do céu e vê: cuida desta vinha!*» (Sl 80, 15). Aqui podemos extrair a noção de uma superioridade protectora da parte de Deus que tem na quenose Seu Filho o paradigma do servidor de todos.

1.2. OS DOGMAS MARIANOS

Antes de avançarmos para abordagem aos dogmas propriamente ditos, é importante referir o que se entende por dogma acompanhando, para isso, o seu percurso na história. Assim ao falarmos de dogma podemos dizer, em traços gerais, que se trata de uma proclamação solene da Igreja sobre a ação de Deus.

O conceito de dogma, tal como o conhecemos hoje, foi fixado pela Igreja há relativamente pouco tempo «*A fixação pela autoridade ocorreu depois no Vat. I.*»¹⁶ A partir do concílio Vaticano I, define-o como «*fide Divina et Catholica.*»¹⁷ O Vaticano I refere que para ser considerado dogma, tem de possuir dois elementos fundamentais: o material e o formal. O elemento material diz respeito à necessidade de este constituir uma verdade que faça parte da revelação, já o elemento formal passa pela necessidade da Igreja enquadrar essa verdade para que ela possa ser tomada como objecto de fé.

No que à mariologia diz respeito a Igreja conta com quatro dogmas «*aos tempos antigos pertencem os dogmas da maternidade Divina e da virgindade (...) nos tempos recentes, foram definidos da Imaculada Conceição (8.12.1854) e da Assunção (1.11.1950).*»¹⁸

O primeiro, proclamado pelo concílio de Éfeso em 431, define explicitamente Maria como Mãe de Deus¹⁹. A maternidade Divina é a condição que justifica a assunção uma vez que é o «Sim de Maria» e sua fidelidade ao projeto de Deus constituem as razões pelas quais Maria é conduzida ao céu em corpo e alma.

O segundo, sobre a virgindade perpétua basta fazer referência aos termos utilizados pelo Papa Paulo VI sobre este dogma «*virginitas ante partum, in partum et post*

¹⁶ Gian Antonio Aiello, «Dogmas», em *Dicionário de Mariologia*, editado por Stefano de Fiores e Salvatore Meo (São Paulo: Paulus, 1995), 410.

¹⁷ Cf. Aiello, «Dogmas», 410.

¹⁸ Aiello, 412.

¹⁹ Cf. Aiello, 412.

partum»²⁰. A virgindade de nossa Senhora é mais um dos atributos sobre os quais assenta a predileção de Deus pela simplicidade de Maria, fazendo que aquela que havia sido preservada na sua concepção, permaneça virgem mesmo depois do nascimento do filho de Deus. A excelsa mãe reúne todas as condições e, por isso, merece ser preservada da corrupção que o tempo inflige aos corpos.

O terceiro dogma, datado da segunda metade do século XIX, é o da Imaculada Conceição e afirma que Maria está isenta do pecado original. Ela não nasceu com a marca do pecado enquanto herança comum a todos os homens.

Por último temos o mais recente que nos remete à Assunção, proclamado em 1950 «último dogma mariano definido afirma a glorificação corporal antecipada de Maria»²¹.

Em síntese podemos dizer que o dogma: «*Designa um decreto ou uma ordem. Na Igreja dos primeiros três séculos, tanto entre os Padres latinos como entre os gregos, a palavra dogma é usada para designar tudo o que é imposto à crença e prática cristãs. Mas no primeiro século, a palavra "dogma" no singular começa a significar a própria doutrina do Evangelho. (...) No Concílio de Trento, foi utilizado "dogma" para designar uma regra fixa, uma verdade segura na ordem da fé; o dogma da fé antiga e universal transmitida pelos Apóstolos opunha-se às inovações. Só no século XV é que a palavra "dogma" no sentido moderno de uma fórmula doutrinal (ou seja, tal dogma ou dogmas) se tornou comum na teologia católica. (...)*»²².

Segundo a apresentação feita na entrada «Maria» no Dicionário Crítico de Teologia podemos sintetizar a temática mariana explorando, por um lado, a teologia bíblica e, por outro, a teologia histórica.

Assim Maria é a mãe de Jesus como nos testemunham os relatos do Novo Testamento no qual se debruçam os estudos teológicos e pietistas que vêem na figura de Maria aquela que achou graça diante de Deus. O autor aqui recorda-nos para a importância de distinguir a diferença entre aquilo que são os dados concretos e objetivos dos textos bíblicos e aquilo que são as construções posteriores às quais se reserva um criterioso exame no que à regra do dogma diz respeito²³.

²⁰ Aiello, «Dogmas», 412.

²¹ Aiello, 416.

²² Cf. Claude Geffré, «Dogme chrétien», em *Dictionnaire des religions*, dirigido por Paul Poupard, 2ª ed (Paris: Presses Universitaire de France, 1985), 441-443.

²³ Cf. Maurice Jourjon et Bernard Meunier, «Marie», em *Dictionnaire critique de théologie*, dirigido por Jean-Yves Lacoste (Paris: Presses Universitaires de France, 1988), 703.

Neste campo abordaremos os dois temas que, em nosso entender, podem ajudar a compreender a figura de Maria como aquela cuja missão lhe valeu ser tratada de modo ímpar por parte de Deus.

Desde logo a sua Imaculada Conceição critério essencial para a possibilidade da Encarnação Divina e a sua Assunção a especial condição na qual Maria é preservada da corrupção da morte e é conduzida ao céu em corpo e alma e do qual, em nosso entender, emerge a fonte da piedade e do culto prestado a Maria no âmbito do Santuário do Monte Córdova.

Sobre este mistério diz-nos o nosso dicionário que tratando-se este do último dos dogmas marianos que o catolicismo definiu e que diz respeito ao destino final do corpo de Nossa Senhora cabe distinguir as duas correntes principais, a dormição segundo a qual Maria havia adormecido ou mesmo morrido existindo a efectiva separação da alma e do corpo que aguardaria a ressurreição e a assunção segundo a qual Maria teria sido conduzida para junto de Cristo em corpo e alma não havendo menção da morte neste caso apenas a certeza de que Aquela que trouxe Cristo no seu ventre não deveria conhecer a corrupção²⁴.

Em todo o caso, a devoção à Assunção da Virgem Maria (segunda metade do século V) é muito anterior ao próprio dogma e, por conseguinte, a sua devoção estende-se pelos séculos fornecendo, em nosso entender, elementos de confirmação da própria regra²⁵.

Assim o culto e a devoção no catolicismo estão agrupados em dois grandes grupos o culto litúrgico e o culto particular, donde o rosário é o expoente máximo aliando a repetição da Ave-maria à contemplação dos mistérios de Jesus Cristo²⁶. A importância do culto a Maria leva o Papa Paulo VI a consagrar-lhe uma encíclica a “*Marialis Cultus*”, já a reflexão teológica atual coloca a figura de Maria como mediadora, a “*Serva do Senhor*” do *Magnificat* (Lc 1, 46-55) e na relação de Maria com o Espírito Santo²⁷.

«*Apareceu um grande sinal no Céu: uma mulher revestida de Sol, tendo a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça.*» (Ap 12, 1). Eis a manifestação da Mãe de Jesus, onde Maria, em íntima e perfeita união com Seu Filho, faz

²⁴ Cf. Jourjon et Meunier, «Marie», 709.

²⁵ Cf. Jourjon et Meunier, 710.

²⁶ Cf. Jourjon et Meunier, 710.

²⁷ Cf. Jourjon et Meunier, 711.

dela a mestra de todas as outras criaturas que Deus colocou sobre a terra. Maria aparece como o reflexo da luz do sol que ainda não se vê e que representa o Seu Filho. Ela tem no seu Seio Aquele que julgará com justiça.

Mas a questão é: quem é esta Mulher que é tão próxima, tão universal, tão mundial? Numa tentativa de resposta recuemos ao Seu nascimento para aí contemplar como «*Maria pertence, ao mesmo tempo à antiga e à nova aliança: Ela encerra o Antigo Testamento e completa o passado*»²⁸.

Maria, à semelhança de sua mãe, Santa Ana concebeu de forma imaculada mantendo a virgindade²⁹ «*Chorarei a minha viuvez e minha esterilidade.*» (EvTg 2, 1)³⁰.

Só depois de muitas súplicas quer de Ana, quer de Joaquim, homem rico e com temor a Deus (EvTg 1, 1)³¹, é que Deus, no tempo que Ele quis, falou a Ana e a Joaquim (EvTg 4, 1-2)³². Os pais de Maria acharam graça aos olhos de Deus «*(...) darás à luz e a tua prole se falará em todo o mundo.*» (EvTg 4,1)³³. Assim, de acordo com os desígnios de Deus, Santa Ana deu à luz uma menina no qual pós o nome de Maria (EvTg 5, 1)³⁴.

Assim se cumpriu a palavra do profeta Isaías «*Brotará um rebento do tronco de Jessé, e um renovo brotará das suas raízes. Sobre ele repousará o espírito do Senhor: espírito de sabedoria e de entendimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de temor do Senhor. Não julgará pelas aparências nem proferirá sentenças somente pelo que ouvir dizer; mas julgará os pobres com justiça, e com equidade os humildes da terra*» (1 Is 11,1-4). Maria desde sua infância, e cumprindo a promessa feita a Deus por sua Mãe «*Viva o Senhor meu Deus (...) seja menino ou menina levá-lo-ei como oferenda ao Senhor e estará a seu serviço todos os dias de sua vida.*» (EvTg 4, 1)³⁵, foi sempre dedicada às coisas de Deus.

Maria estava isenta do pecado original, seu corpo se mantinha puro, o pecado não tinha entrado nas suas entranhas e «*ela participa, melhor do que todas as criaturas*

²⁸ Leo-Jozef Suenens, *Quelle est Celle-Ci: Essai de Synthèse Mariele*, trad. M. Duprat (São Paulo: Livraria Editora Flamboyant, 1958), 21.

²⁹ Cf. Suenens, *Quelle est Celle-Ci*, 22.

³⁰ Gustave Brunet, *Évangiles Apocryphes* (Paris: Franck, Libraire-Éditeur, 1848), 115.

³¹ Bruet, *Évangiles Apocryphes*, 114.

³² Bruet, 116.

³³ Bruet, 116.

³⁴ Bruet, 117.

³⁵ Bruet, 116.

humanas, dos incomparáveis benefícios da redenção que lhe vale tão glorioso privilégio»³⁶.

Corpo que não nasce do pecado, não pode conceber em pecado logo nem o demónio conseguia tentar Maria pois seu corpo está incorrupto sem mácula de pecado original «*o privilégio da Imaculada Conceção consiste na isenção desta hereditariedade fatal que todos nós trazemos ao nascer»³⁷.*

O pecado impede-nos de ver a bondade das coisas de Deus. Nós que nascemos do pecado estamos envoltos em inúmeras tentações (1Pe 5,8-9), o demónio procura sempre alguém a quem pode levar pelo mau caminho.

S. Joaquim e Santa Ana são escolhidos por Deus para que da Filha deles, tão desejada, nascesse o redentor. Deus desde o início escolhe «*a Mãe em que Ele se encarnaria e da qual nasceria.*»³⁸ Não foi Maria que escolheu ser a Mãe do Salvador, mas foi Seu Filho que A escolheu. Tudo estava pensado desde o início, isto é, condição social, a língua, a cultura, «*a mulher que deveria ser sua Mãe.*»³⁹ Tudo teria de ser como Deus desejava para que a mensagem tivesse a importância que lhe era necessária.

Enquanto nós temos de «lutar» a fim que a nossa alma se salve e tendo como fim Deus: Maria obteve desde o início, aquilo que nós só obtemos a partir do baptismo.

Enquanto a humanidade luta contra os desejos efémeros do corpo que, por sua vez, está manchado pelo pecado, o corpo e alma de Maria unem-se do início ao fim.

Maria é a Aquela que não se deixa afectar pela azáfama da sociedade e mesmo depois da promessa de sua Mãe, permanece fiel aos preceitos de Deus. Maria é uma mulher fiel em quem tudo foi preparado para que Deus se pudesse manifestar e, por isso, Ela é o ponto de viragem na história da salvação.

Afinal quem é esta mulher que é Mãe sem deixar de ser virgem? A presença do Senhor no seu seio, faz dela um templo santo e, por isso, quando Maria é interpelada pelo anjo, entrega-se a essa vontade de Deus (Cf. Lc 1, 26-38).

³⁶ Suenens, 25.

³⁷ Thomas de Saint-Laurent, *A Virgem Maria: Padroeira e Rainha de Portugal e de todos os povos de língua portuguesa* (Porto: Livraria Civilização, 1996), 19.

³⁸ Pio IX, *Constituição Apostólica Ineffabilis Deus* (8 de Dezembro de 1854, 1). <https://www.papalencyclicals.net/Pius09/p9ineff.htm>. Acedido a 15 de Julho de 2022.

³⁹ Suenens, *Quelle est Celle-Ci*, 39.

Fazendo o povo clamar «ah ditosa Mulher que do seu seio nasceu Aquele que nos trouxe a salvação». Maria torna-se assim a primeira discípula que Jesus, ainda dentro do seu Seio, ia constituindo.⁴⁰

A partir do seu «Sim» a história da humanidade mudou. Devido ao acolhimento e à disponibilidade de Maria em receber o salvador e assim permitir o cumprimento dos desígnios de Deus. Em virtude da escolha de Maria para ser depositária de tão grande graça, este mesmo privilégio aplicado a Maria foi considerado dogma de fé, em 1854, pelo Papa Pio IX.

Olhando para a vontade de Deus, «Aquele a quem tudo Lhe é possível», não podemos pensar na Imaculada concepção de outra forma senão aquela que está estabelecida no dogma.

Muitos teólogos durante algum tempo, principalmente os do concílio de Éfeso⁴¹, debateram em torno da concepção imaculada de Maria onde «*o próprio Oriente não expondo explicitamente a questão em função de uma doutrina do pecado original, firmou-se mais nitidamente ainda sobre a santidade total da Mãe de Deus até mesmo na sua concepção*»⁴².

Se Maria fosse purificada no seio de sua Mãe punha-se o problema da possibilidade da negação da onipotência de Deus. Na medida em que percebemos que a Deus nada é impossível, percebemos que a antecipação dos méritos redentores da paixão de Jesus, não necessitam de esperar uma concepção em pecado, investindo, de imediato, esses méritos de modo a tornar a concepção de Maria imaculada.

Logo este dogma da Imaculada Conceição é marcado, e olhando para a Sua história, pela ausência de pecado original. Maria está em plena graça antes e depois do nascimento de seu Filho. Quando Maria recebe esta graça de Deus partilha-a. A graça abre-nos, estando dispostos a acolher e a partilhá-la. Deus escolhe Maria e comunica-lhe pelas palavras do anjo que lhe diz «*não temas, Maria, pois encontras-te graça diante de Deus.*» (Lc 1, 26-38)

O facto de Maria ter cultivado esta graça recebida da parte de Deus, fez com que se abrisse aos desígnios do Amor personificado na Sua entrega às coisas de Deus,

⁴⁰ Cf. Suenens, 40.

⁴¹ Terceiro Concílio Ecuménico, 431 convocado por Teodósio II.

⁴² Suenens, *Quelle est Celle-Ci*, 25-26.

confirmou ainda mais Sua escolha fazendo «*Maria é Aquela que torna a encarnação possível*»⁴³.

Falemos agora do dogma da Assunção de Nossa Senhora ao céu em corpo e alma que remonta ao pontificado do Papa Pio XII proclamado no ano de 1950.

Em meio das muitas graças e também sofrimentos que pautaram a vida da Virgem Santa Maria a mais dolorosa e incompreensível deverá ter sido a hora terrível da paixão de seu Filho. Maria passa a ser a figura silenciosa que, depois da ressurreição de Jesus até à sua última aparição, se encontra reunida com os apóstolos. Não nos é dado a conhecer a duração desta presença, mas acreditamos que após algum tempo tenha chegado também ao fim a vida terrena de Maria.

Maria, a Mãe do redentor, cujo corpo e alma não conheceram pecado, não seria de todo estranho se «*como Jesus, a Imaculada subiu triunfante ao Céu com o seu corpo gloriosamente ressuscitado.*»⁴⁴ Toda a sua dor, anseio, tiveram nesse momento o seu fim.

Maria vai ao encontro de Seu filho que A espera de braços abertos. Assim como do alto da Cruz Jesus diz àqueles que se encontravam aos Seus pés, agora juntos no céu: «*Mulher eis o teu Filho (...) filho eis a tua Mãe*» (Jo 19, 25-27). O momento da Assunção constitui o reencontro da Mãe com o Seu Filho fazendo deste acontecimento o ponto em que o céu, mais uma vez, se une à terra havendo em ambos os locais uma grande alegria pela chegada da Mãe de Deus à felicidade eterna.

Em Maria, encontramos um modelo a seguir, na sua vida encontramos a amostra do Amor, a mesma medida de amor que Ela deu ao seu Filho. Amor sem medida, amor gratuito, aquele que perdoad tudo e por muito mal que possamos fazer, é capaz de nos perdoar e voltar a amar o que apenas um amor verdadeiro o pode permitir.

Ela olha para nós com um olhar terno, suave e dócil modelo para todos, mas principalmente para as mães. Se possuírmos o amor em nós também seremos capazes de o transmitir aos outros.

É esse mesmo amor que chamou à atenção, e continua a chamar, tantos e tantas que não se sentem amados pela raça humana, mas encontram em Maria um leito onde podem repousar a cabeça expõe-lhe todos os sofrimentos. Não seria humanamente possível que Maria continuasse no meio de nós na mesma forma, tal qual os seus a

⁴³ Suenens, 16.

⁴⁴ Saint-Laurent, *A Virgem Maria*, 38.

conheceram. Por mais que Maria fosse a mais excelsa das criaturas chegou o momento em que deixaria de caminhar sobre a terra, ocultando-se à vista de todos.

E assim sucedeu pois o Seu Filho tinha outros desígnios para a Sua Mãe uma vez que *«Ela não podia conhecer nem a decrepitude da velhice nem as lesões orgânicas da doença.»*⁴⁵

Chegada a hora de se encontrar com o seu Filho e embora não estando humanamente entre nós, Maria continua a manifestar-se no meio de nós. Manifestações essas mais evidentes umas que outras. Mas todas elas servem para mostrar a Sua presença e intercessão convidando todos a fazer o que Jesus disser (Jo 2, 5).

Foi esta presença que levou a uma crescente devoção do povo a Nossa Senhora e que motivou o pedido à Santa Sé, da seguinte definição *«De facto, sucedeu que não só os simples fiéis, mas até aqueles que, em certo modo, personificam as nações ou as províncias eclesíásticas, e mesmo não poucos Padres do concílio Vaticano pediram instantemente à Sé Apostólica esta definição.»*⁴⁶

O dogma da Assunção de Nossa Senhora aos céus confirma a intuição do povo de Deus que acreditava, há muitos séculos, que o devido lugar da Mãe do salvador era junto de Deus em corpo e alma.

A salvação chegaria por Jesus Cristo, mas para que isso fosse possível, era necessário, preparar um seio imaculado que pudesse receber, a encarnação do Filho do Divino Criador. *«O dia em que nasceu a Rainha do Céu foi um dos mais belos da história da humanidade: anunciava à terra maldita a hora próxima da libertação»*⁴⁷. A fundamentação do dogma da Assunção está de facto, como refere o papa Pio XII, na dignidade de Maria em ser chamada de rainha, pois é Mãe do Salvador⁴⁸. Se seu Filho é o Rei das nações automaticamente faz dela a Rainha, logo teria de ser elevada ao Céu em corpo e alma assim como o seu Filho, mas com uma importante diferença: Jesus eleva-se por Si mesmo, enquanto Maria é elevada por intermédio de seu Filho.

Tomando de novo as palavras de Jesus *«Tenho ainda muita coisa a dizer-vos, mas não sois capazes de as compreender por agora»*. (Jo 16, 12) vemos que o Espírito Santo esperou pelo século XX para a proclamação do dogma da Assunção acontecendo tudo no

⁴⁵ Saint-Laurent, 101.

⁴⁶ Cf. Pio XII, «Carta Apostólica *Munificentissimus Deus*», in *AAS* 42 (1 de novembro de 1950): 753-771.

⁴⁷ Saint-Laurent, *A Virgem Maria*, 26.

⁴⁸ Cf. Suenens, *Quelle est Celle-Ci*, 70.

tempo predestinado por Deus. A proclamação do dogma da Assunção acontece num século marcado pela 1ª e 2ª Guerras Mundiais num tempo em que a Igreja passava por grandes dificuldades: os Padres eram perseguidos, as Igrejas destruídas, o papa Pio XII era visto como conivente com o Nazismo.

Em pleno século XX e perante a afirmação do materialismo acentuada pela revolução industrial e pelo auge do capitalismo, as pessoas deixam a dimensão espiritual para segundo plano esquecendo os valores morais. A Igreja começava a perder a sua influência na sociedade e o seu papel é constantemente alvo de escrutínio, e ao nível do mundo da cultura os pensadores, relegam Deus para segundo plano chegando ao cúmulo do anúncio da morte de Deus como defendeu Nietzsche.

Nesta linha podemos dizer que o dogma da Assunção veio mostrar duas realidades importantes: uma que a Igreja continuava viva e eficaz, e que ao contrário do que muitos pensavam, o corpo não constituía uma prisão para a alma ou que são coisas distintas. Corpo e alma, como aconteceu com Maria, podem unir-se de forma que «*o homem não é uma alma e um corpo ou uma alma recoberta por um corpo (...) o homem é alma e corpo ao mesmo tempo*»⁴⁹. Todo o nosso corpo e alma, funciona como uma bela e suave harmonia. O corpo é como uma pauta, na qual a alma se assemelha às notas musicais, no qual, se nos deixamos tocar por Deus, podem surgir belas melodias.

Como sabemos a proclamação do dogma da Assunção de Nossa Senhora surge em articulação com o papa Pio IX, aquando da proclamação do dogma da Imaculada Conceição em 1854 «*De facto esses dois dogmas estão estreitamente conexos entre si*»⁵⁰. «*A definição do Dogma da Imaculada Conceição (8/XII/1854) e da Assunção de Maria ao céu (1/XI/1950) são dois marcos do clima teológico que consagrou o fervor devocional mariano no nosso tempo*».⁵¹ Logo depois de quatro anos acontecem as aparições em Lourdes que confirmaram o dogma da Imaculada Conceição⁵² e que devido a estes acontecimentos e outros que iam surgindo e depois de analisarem as petições, que chegavam à Santa Sé, em 1946, envia uma encíclica “*Deiparae Virginis Mariae*” onde os bispos poderiam se pronunciar sobre esta possibilidade.

⁴⁹ Suenens, *Quelle est Celle-Ci*, 72.

⁵⁰ Cf. Pio XII, «Carta Apostólica *Munificentissimus Deus*», 753-771.

⁵¹ Geraldo José Amadeu Coelho Dias, «A Devoção do Povo Português a Nossa Senhora nos tempos Modernos», *Revista da Faculdade de Letras – História* 11, 4 (1987): 229.

⁵² Cf. Suenens, 24.

Ao olharmos com atenção para o Novo Testamento, reparamos que este não aborda a questão da Assunção de Nossa Senhora. Tal temática «*aparece a primeira vez nas tradições dos textos apócrifos*»⁵³ levantando-se algumas questões sobre como aconteceu a assunção: «*Será que a Virgem Maria foi elevada ao céu sem passar pela morte (...)?*»⁵⁴.

A questão foi alvo de muita reflexão havendo quem defendesse que «*A virgem Maria, sim! Morreu e depois ressuscitou*»⁵⁵. No entanto encontramos referências em S. João Damasceno, «*(...) que é uma das testemunhas mais autorizadas da tradição patrística e teológica (...).*»⁵⁶ e também no número 17 da Carta Apostólica “*Munificentissimus Deus*”. Nesta linha importa referir o papel dos desígnios do Espírito Santo que opera no seu Povo, que clama pela legitimação da devoção e «*por isso mesmo manifesta, de modo certo e imune de erro, que tal privilégio é verdade revelada por Deus e contida no depósito divino que Jesus Cristo confiou à sua esposa para o guardar fielmente e infalivelmente o declarar*»⁵⁷.

Como podemos ver, nos documentos que citamos, este dogma desde há muito era desejado pelos cristãos. Com o passar do tempo iam surgindo cada vez mais devotos⁵⁸ de desta mulher merecedora de uma graça tão especial, de ser Aquela pela qual entrou a salvação no mundo e da qual, pela condição maternal, via aumentada a Sua devoção.

E por essa razão as celebrações festivas em honra da Senhora da Assunção, outrora também conhecidas como festa da dormição, principalmente no oriente, onde «*há evidências de uma festa da dormição*»⁵⁹, remontam já ao século V. Contudo foi já no final do século VI que o imperador Maurício estipulou o dia de 15 de agosto⁶⁰ para estas festividades.

O Papa Pio XII, aquando da proclamação deste dogma, refere-se a três realidade marianas: «*(...) à Imaculada Conceição, à Maternidade Divina e à Virgindade Perpétua*»⁶¹.

⁵³ Pierre Voulet, «Introduction», em Jean Damascène, *Homélies sur la Nativité et la Dormition* (Paris: Les Éditions du Cerf, 1961), 26.

⁵⁴ Saint-Laurent, *A Virgem Maria* 102.

⁵⁵ Saint-Laurent, *A Virgem Maria*, 98.

⁵⁶ Voulet, «Introduction», 24.

⁵⁷ Cf. Pio XII, «Carta Apostólica *Munificentissimus Deus*», 753-771.

⁵⁸ Cf. Pio XII, 753-771.

⁵⁹ Voulet, 28.

⁶⁰ Cf. Voulet, 28.

⁶¹ Suenens, *Quelle est Celle-Ci*, 65.

Pela Imaculada Conceição, Maria é protegida do poder de Satanás permanecendo sem mácula de pecado original. Ela sobe aos céus não pelo seu próprio meio, mas pelo meio de Seu Filho. É levada aos céus em corpo e alma e, por esse motivo, o Seu corpo fica preservado da corrupção da morte e assim «*A virgem Imaculada reina gloriosamente sobre a terra pelo culto que lhe prestamos e no céu pelo esplendor do seu poder e da sua realeza.*»⁶²

Em suma, os dogmas Marianos obtêm um profundo significado eclesiológico e é assim que devem ser pensados. Maria revela-Se mais que um membro, uma vez que é Mãe em relação à Igreja e, por esse motivo, mesmo «*antes que a Igreja apareça ela já é santa e imaculada (...).*»⁶³ Assim sendo, e olhando para o que já foi refletido, e sem pôr de parte a importância dos outros dois dogmas, vemos que estes dois últimos dogmas são deveras importantes para a fé do povo.⁶⁴

1.3. SANTUÁRIO COMO LUGAR TEOLÓGICO

O termo Santuário tem vários significados diferentes daquele a que estamos habituados. Sabemos que o Santuário é um local sagrado e que é dirigido a Deus através de alguma dedicação. São estes os Santuários onde nos dirigimos para renovar a força nossa fé através do amor que Ele tem por nós uma vez que cada santuário «*(...) é um sinal da presença activa e salvífica do Senhor na história (...)*»⁶⁵, isto é, os Santuários são representação da presença de Deus na terra e remetem-nos para a nossa própria origem.⁶⁶

A questão que ainda se pode colocar é de saber o quê que esteve na origem de destes locais sagrados? Num primeiro momento diríamos que estariam na sua base motivações de carácter sobrenatural⁶⁷ ou então uma promessa feita por alguém a uma cidade ou diocese. De forma a poder compreender melhor, e no sentido de procurar uma resposta à questão, acreditamos ser importante evocar alguns aspetos.

⁶² Saint-Laurent, 33-34.

⁶³ Aiello, «Dogmas», 417-416.

⁶⁴ Aiello, «Dogmas», 417.

⁶⁵ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, «Terminologia», em *Directório sobre a Piedade Popular e a Liturgia: Princípios e Orientações* (Lisboa: Paulinas, 2003), 207.

⁶⁶ Cf. Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «O Santuário».

⁶⁷ Cf. Giuseppe Besutti, «Santuário», 1208.

Nos três primeiros séculos a Igreja não via com bons olhos a questão das peregrinações pela sua ligação ao paganismo e, por essa razão, a *«Igreja temia a contaminação com práticas religiosas do judaísmo e do paganismo (...).»*⁶⁸

Só mais tarde e, com o passar do tempo, a Igreja vai permitindo a cristianização das peregrinações. Neste campo é importante perceber que os santuários marianos não são uma aculturação dos locais de culto profano, necessariamente os dedicados às divindades femininas⁶⁹ pois não houve qualquer transformação, pelo menos nos primeiros séculos, de edifícios pagãos em Igrejas.

Ao pensarmos num Santuário temos, necessariamente, de o relacionar com a realidade do peregrino e nesse contexto *«(...) não podemos qualificar como Santuário, o lugar sagrado que não seja meta de peregrinações mais ou menos numerosas.»*⁷⁰

Devemos igualmente acompanhar a evolução deste conceito ao longo dos séculos uma vez que o termo Santuário era utilizado para designar as relíquias de um Santo, mas, também designava os panos que tocaram os restos mortais de um santo.⁷¹ Assim o termo Santuário, como hoje conhecemos, só começou a ser utilizado, ou passou a ser mais frequente, a partir do ano 1000 e por isso, podemos ainda precisar, que só a partir do século XII é que podemos falar de uma história dos Santuários concebidos como Igreja ou templo algo que até aqui não se pensava ou seria uma tarefa *«(...) bem mais complexa e difícil é a pesquisa relativa ao período anterior.»*⁷²

Embora nos primeiros séculos, muito se fale de Maria, fala-se muito pouco dos seus locais de culto⁷³. Por isso nestes primeiros séculos entendia-se o Santuário em íntima ligação com a posse de relíquias de modo que *«(...) as relíquias parecem ser cronologicamente uma das primeiras causas da origem dos Santuários.»*⁷⁴ aos quais os devotos faziam peregrinações⁷⁵, só a partir do século XII, se começou a falar do Santuário propriamente como hoje o entendemos, isto é, como locais de grandes peregrinações por vezes incentivadas pelos Papas que os consideravam locais de forte relação com Deus de modo que:

⁶⁸ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, «Peregrinação», em *Diretório sobre a Piedade Popular e a Liturgia: Princípios e Orientações* (Lisboa: Paulinas, 2003), 223.

⁶⁹ Cf. Besutti, 1197.

⁷⁰ Besutti, «Santuário», 1198.

⁷¹ Cf. Besutti, 1198.

⁷² Besutti, 1199.

⁷³ Cf. Besutti, 1199.

⁷⁴ Besutti, 1209.

⁷⁵ Cf. Besutti, 1200.

«Por ocasião do ano mariano de 1954 o papa Paceli recomendou vivamente a todas as dioceses que fossem em peregrinação ao principal Santuário Mariano (...) Paulo VI reconhece neles preciosos centros de espiritualidade (...) João Paulo II, depois por ocasião das suas numerosas viagens apostólicas visitou os principais lugares agrados dedicados a Maria.»⁷⁶

Através destas peregrinações aos Santuários, conseguimos perceber que estes constituem locais de fé profunda e vivida.

«Tanto no Antigo como no Novo Testamento, portanto, o santuário é a memória viva da origem, isto é, da iniciativa com a qual Deus nos amou primeiro.»⁷⁷ Este local onde tudo fica desvendado, propício ao recolhimento interior, mas também à manifestação expressiva da fé e da acção de graças.

A grandeza e a monumentalidade são características de muitos dos Santuários existentes o que pode abrir lugar à reflexão do quanto somos pequenos perante a grandeza de Deus. Perante este cenário de grandeza somos transportados para o silêncio interior onde os sentimentos, as angústias, as preocupações tornam-se pequenos perante Aquele que tudo suportou por causa dos Homens: «Deus oferece uma vez não repete, mas fá-lo surgir do silêncio de uma dádiva»⁷⁸. Maria no silêncio, escutou a voz do anjo que lhe anunciava os desígnios que Deus tinha para Ela.

Muito mais importante que a grandeza que o Santuário de pedra nos possa mostrar, existe um ainda maior: o ventre de Maria, (Lc 1, 28-38), logo após esta anunciação aquela humilde casa, onde Maria habitava, tornou-se também um local sagrado (templo) pois lá habitava a escolhida por Deus e «Do poço daquela misericórdia, brotou a nova criação».⁷⁹

Logo depois da anunciação o «Santuário vivo», que era Maria, pôs-se a caminho. Este simples facto de pôr-se a caminho, percorrendo «entre o povo da galileia, da Samaria e da Judeia»⁸⁰ além de nos mostrar a primeira peregrinação de Jesus, mostramos que o Santuário não se fechou com o anúncio, mas pelo contrário abriu as suas portas para acolher a necessidade de Santa Isabel e doar o seu apoio e presença.

⁷⁶ Besutti, 1210.

⁷⁷ Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «O Santuário».

⁷⁸ José da Silva Lima, «Peregrinação e Santuário espaços de misericórdia», *Theologica* 44, 2 (2009): 83.

⁷⁹ Lima, «Peregrinação», 85.

⁸⁰ Lima, 86.

Através dos Santuários Deus e Maria, entram nas mais desconhecidas terras marcando a sua presença uma vez que «*O seu Santuário anda no meio do mundo, com tantos nomes e sob tantas invocações*»⁸¹. A presença de Santuários um pouco por todo o país, mostra-nos o quão é fácil estar, entrar e escutar a voz de Deus.

Deus está presente em todos os Santuários, independentemente da sua dedicação.

O Santuário funciona como um local onde se procura a força para a caminhada quotidiana, edificando-nos como templo para o outro. Onde o outro possa ver o rosto de Cristo em nós. Podemos procurar e estar com Deus sem ser num Santuário, mas estar dentro de um, é outra experiência. Estar diante do Santíssimo olhá-Lo e escutá-Lo é uma experiência totalmente diferente. Não vamos ao Santuário na esperança de que este nos transmita, por si só, a misericórdia Divina.

Dirigimo-nos a um Santuário na disposição de nos deixar tocar e envolver pela misericórdia de Deus. Apesar do santuário ser dedicado a Nossa Senhora, e no caso do nosso estudo à Senhora da Assunção, faz com que o seu papel de mediadora nos aponte para Deus e que Ela interceda por cada um junto de seu Filho.

Tal como o templo se ergue no monte, não por sua própria iniciativa, do mesmo modo o mistério da Assunção de Maria descreve uma elevação ao alto, não por iniciativa de Maria, mas por iniciativa de Deus.

⁸¹ Lima, 91.

CAP. 2 – SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO: HISTÓRIA E ARTE

O termo arte define a habilidade ou ofício, esta «*atividade que supõe a criação de sensações ou de estado de espírito, em geral de carácter estético e que acarretam o desejo de prolongar ou renovar a prática, ou pelo menos o contacto com essa atividade*»⁸². Arte, como cópia ou imitação⁸³, foi usado a primeira vez com Platão (428 aC- 347 aC).

A história da arte diz muito de um povo, de um local, de uma zona. Olhamos para a história da arte com uma representação de um passado que se mantém vivo nessas mesmas representações.

Quanto à relação entre a arte e a Igreja em Portugal, podemos referir que só se chega a um princípio de entendimento ou pelo menos começa-se a dar mais importância por volta do ano de 1953. Até este ano, a Igreja e a arte mantinham-se distantes. O que fazia com que a arte sacra existente nas Igrejas estivesse esquecida e em mau estado de conservação. Com isto, não estou a dizer que estas estavam de costas voltadas, mas só se começa a dar-lhe a devida importância, a partir de 1953.

E como já referimos só a partir da década de 50 do século passado e com impulso do Cardeal Cerejeira⁸⁴, a arte sacra começa a ser mais valorizada e a própria arte contemporânea começa a ser solicitada para se incorporar nos templos e edifícios da Igreja.

Digno de registo é o nascimento do MRAR movimento este que pretendia elevar a arte sacra à sua dignidade⁸⁵. E este trabalho como vemos em algumas Igrejas tem se mantido até hoje, o que faz com que as nossas Igrejas sejam muito visitadas para ver esta mesma arte.

⁸² José Pedro Machado, «Arte», em *Dicionário Enciclopédico de Língua Portuguesa*, (Lisboa: Publicações Alfa, 1992), 103.

⁸³ Cf. George Dickie, *El círculo del arte, una teoría del arte* (Barcelona: Paidós, 2005).

⁸⁴ Cf. Rui Jorge Martins, «Arte e Igreja em Portugal», acessado a 7 de agosto de 2022, https://www.snpcultura.org/arte_e_igreja_em_portugal.html.

⁸⁵ Cf. «O Movimento de Renovação da Arte Religiosa e o papel artístico e Pastoral do seu Boletim», *Lusitania Sacra*, 2ª Série, 12 (2000): 432.

2.1. A ORIGEM DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO EM SANTO TIRSO

Uma simples capela, uma Igreja ou, neste caso, um santuário constitui-se como local de encontro e oração, onde os peregrinos vão pedir uma graça, ou simplesmente contemplar o silêncio diante do sagrado.

O Santuário de Nossa Senhora da Assunção, elevado no monte Córdova, em Santo Tirso, possui a sua história, caracterizada por diversas vicissitudes que testemunham um passado rico. Ao contrário da grandeza de outros Santuários como é o caso do Sameiro ou da Senhora da Penha, o templo edificado no monte Córdova foi inicialmente muito diferente, já que «*nasceu singelo e pobre*»⁸⁶, mas mesmo assim, não foi impedimento para o crescimento da fé e da devoção das pessoas.

Segundo os escritos consultados os primeiros espaços, que estão na génese daquilo que hoje podemos contemplar, foram compostos por uma pequena capela, tendo «*adjacentes a sacristia e a casa do ermitão, por igual acanhadas*».⁸⁷ Enquanto se procurou que em Braga e em Guimarães os santuários se localizassem, desde a primeira hora, no cimo do monte, no caso de Santo Tirso a «*acanhada capela*», situa-se inicialmente não no cimo, mas a «*meia encosta*»⁸⁸. Apesar das pequenas dimensões da capela, constitui-se desde a sua edificação, como manifestação da grande fé do povo Tirsense, que teria começado o projeto com um desafio lançado no jornal da terra, por José Bento Correa, a 23 de Julho de 1896:

«Construindo-se quazi no cume do Monte O Templo, poder-se-iam edificar na encosta capelinhas, representando os acontecimentos mais importantes da vida d'Aquela que é a Mãe de Deus e dos homens. E com pouca despeza converter-se-ia aquele monte n'um verdadeiro manancial de gozo e bem-estar. Creio que nenhuma parte a logar mais belo e formoso. O ar que ali se respira é puríssimo, a água jorra abundantemente por todas as partes, o solo é juncado da mais luxuriante vegetação e o panorama que se

⁸⁶ Alberto Pimentel, *As alegres canções do Norte* (Lisboa: Livraria Viuva Tavares Cardoso, 1905), 158.

⁸⁷ Pimentel, *As alegres canções do Norte*, 159.

⁸⁸ Pimentel, 159.

offerece à vista é dos mais amenos e ridentes. Parece mesmo que a natureza os ornou de todas as graças e efeitos para testemunhar ao Creador a sua infinita gratidão.»⁸⁹

Após a publicação desta notícia, foi grande a adesão do povo e muitos os que se disponibilizaram para concretizar os anseios de um povo pois a «*iniciativa achou tão prompto e favorável acolhimento*»⁹⁰. Passou a ser o desejo dos crentes ter no Monte Córdova um monumento, por mais pequeno que fosse, dedicado à Santíssima Mãe de Jesus.

Ninguém imaginaria que o povo tirsense encontrasse naquele monte, despido de qualquer devoção, o local ideal para a construção de uma casa dedicada à Mãe de Jesus daí que «*nenhuma tradição devota se prendia a Monte Córdova antes da fundação do Santuário: nem gruta nem aparição, nem fonte milagrosa*».⁹¹ Acreditamos que a escolha do local esteja associada à vontade do povo em encontrar um lugar para venerar a Mãe do céu, considerada «saúde dos enfermos», isto é, a Virgem Maria, Mãe de Deus, e Senhora da Assunção.⁹²

O que se conhecia, até então, do Monte Córdova, eram os escritos de Camilo Castelo Branco, que o refere na sua obra «*a Bruxa de Monte Córdova*»⁹³. Um outro motivo que poderá ter justificado a iniciativa seria o desejo de comemorar convenientemente os 50 anos da definição dogmática sobre a Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria, declarada pelo papa Pio IX a 8 de Dezembro de 1854, através da Bula *Ineffabilis Deus*, e que seriam celebrados em 1904.

Lançado o desafio ao povo de Santo Tirso, a 23 de Julho de 1896, por José Bento Correa, o povo começou a organizar-se para levar avante o projeto, constatando-se que «*não leva muito tempo a organizar-se a comissão central e as subcomissões, a fim de tratarem de promover uma subscrição pública para dar princípio (...)*»⁹⁴. Desde a saída da notícia, como referimos, já tinha sido escolhido o local para a construção da capela para a Senhora. Seria um espaço de bons ares, boa radiação solar, com muita água, mas

⁸⁹ José Bento Correa, «Um Santuário no monte fronteiro a Santo Thyrsó», *Jornal de Santo Thyrsó* 11 (Novembro de 1896): 1.

⁹⁰ Pimentel, *As alegres canções do Norte*, 159.

⁹¹ Pimentel, 159.

⁹² Cf. Correa, «Um Santuário», *Jornal de Santo Thyrsó* 11 (1986): 1.

⁹³ A. Jorge Ribeiro *Camilo Castelo Branco: Terras de passagem* (Santo Tirso : Santo Tirso 2008), 8-40.

⁹⁴ Cf. José Bento Correa, «Um Santuário no monte fronteiro a Santo Thyrsó», *Jornal de Santo Thyrsó* 16 (Agosto de 1896): 2.

mesmo assim⁹⁵, faltava ainda decidir o local específico para esta edificação. Ainda assim, entre a análise e a escolha do local, e mesmo sem Santuário, já se celebrava a festa à Senhora da Assunção no hospital da Santa Casa da Misericórdia⁹⁶. A 28 de outubro de 1896 sai uma notícia com a escolha do local, que se situava a «*meia encosta*»⁹⁷ do Monte Córdova. Na escolha do terreno, segundo o autor Alberto Pimentel, houve uma situação muito interessante: surgiu um grupo de lavradores numa atitude agressiva, pois pensavam que estes iriam fazer alguma coisa menos piedosa⁹⁸. Contudo os ânimos acalmaram quando se explicaram as motivações para as medições do terreno. Escolhido o local, prontamente se procedeu à elaboração da escritura.

Além das características referidas anteriormente, o terreno distinguia-se pela sua grande extensão, ocupando uma boa parte do monte, sendo de solo rochoso. Pensou-se logo em usar os penedos existentes para o esqueleto da capela «*dando valor a essa riqueza inútil que ahi está há muitos séculos*»⁹⁹. O resto das pedras que não se usariam, seriam vendidas de forma a angariar dinheiro para o resto das obras. Estimou-se que para dar início à obra seriam necessários «*500\$000 reis sendo que, 300\$000 reis para a aquisição de uma primorosa imagem*». ¹⁰⁰ Para ajuda cada um dos membros da irmandade deu uma quantia avultada de 1\$000. As obras da capela, mesmo com as suas dificuldades, avançaram aos poucos. O orçamento para a construção da capela rondou os 38.000 reis.

Como os caminhos até ao local escolhido para a edificação da capelinha eram tortuosos, à medida que se ia edificando o templo, iam também sendo feitos melhoramentos nos acessos, embora os peregrinos tenham mantido os tradicionais meios para chegar ao local «*como formiguinhas mantem por instinto, anos após anos, o caminho primitivo e original*». ¹⁰¹

Como o sítio era despido de vegetação, sendo só constituído de grandes pedras, que, como já referimos, foram requisitadas para a construção da capela, foi necessário

⁹⁵ Cf. Correa, «Um Santuário», *Jornal de Santo Thyrsso* 11 (1986): 1.

⁹⁶ Cf. José Bento Correa, «Festividade de Nossa Senhora da Assunção», *Jornal de Santo Thyrsso* 15 (Agosto de 1896): 2.

⁹⁷ Pimentel, *As alegres canções do Norte*, 159.

⁹⁸ Cf. Alberto Pimentel, *Santo thyrsso de Riba d'Ave* (Santo Tirso: club Thyrsense, 1902), 267.

⁹⁹ Cf. José Bento Correa, «O Santuário da Senhora D'Assumpção», *Jornal de Santo Thyrsso* 18 (Setembro de 1896): 1.

¹⁰⁰ Cf. Correa, «O Santuário», *Jornal de Santo Thyrsso* 18 (1896): 1.

¹⁰¹ Francisco Carvalho Correia, *Senhora da Assunção* (Paróquia de Santo Tirso: Tipografia Nova-Santo Tirso, 2013), 15.

fazer uma plantação de árvores, doadas por uma devota e que foram «*expressamente ali plantadas para que venham a dar uma boa sombra, que proteja os visitantes eromeiros*»¹⁰². Eis que então em 1901 a capela dedicada à Senhora da Assunção, localizada a meia encosta do Monte Córdova de Santo Tirso, «*uma ideia irrealizável e infeliz, como alguém imaginou*»¹⁰³, é definitivamente construída (Anexo 1). O desejo do povo estava alcançado e eis que estava pronta a casa para a Mãe de Jesus.

Depois da ideia lançada no Jornal de Santo Tirso, tornou-se necessário a criação de um grupo de pessoas que pudessem assumir e conduzir o projeto. O objetivo seria «*fundar uma nova instituição nesta villa, com a denominação de- Irmandade de Nossa Senhora da Assunção*».¹⁰⁴ Para dar seguimento a essa intenção «*(...) reuniram-se no edifício escolar as pessoas mais gradas da villa,(...) resolvendo-se logo ali nomear comissões que tratassem de todos os assuntos relativos à construção do novo Santuário*»¹⁰⁵. Os corpos gerentes da Irmandade têm, desde o início, um período de mandato com a duração de três anos.

A Associação sempre contou com pessoas «extra Irmandade» a fim de ajudar no que fosse necessário, como é o exemplo de Alberto Pimentel que logo que soube desta ideia de erigir um santuário à Virgem Santíssima, se voluntariou, com alguns contactos, para oferecer a construção da estrada «*(...) que há de comunicar este concelho como de Paços de Ferreira e dar também acesso ao santuário de Nossa Senhora da Assunção*»¹⁰⁶

A fim de uma maior organização da comitativa que iria dar início a esta obra, e depois de formada a Irmandade, elaboram-se 4 comissões: a comissão responsável por elaborar os estatutos composta por: Dr. Manuel Pinheiro Guimarães; Francisco J. Teles da Cunha e José Bento Correa; a comissão para a escolha da imagem que contava com: Pe. Miguel Miranda; M. Eduardo de Souza e Ernesto Guimarães; a Comissão responsável pela Elaboração da Planta Geral do Santuário sob a responsabilidade do Abb. Fonseca Pedrosa e o Dr. Cruz Júnior; e por fim, uma comitativa responsável pela escolha de terreno para a estrada e promoção da mesma composta por: Dr. Carneiro de Oliveira Pacheco, Dr. A.A.S. Rodrigues Ferreira, Adelino M. Faria e Almeida, Dr. Arnaldo Batista Coelho,

¹⁰² Pimentel, *Santo thyrsos de Riba d'Ave*, 278.

¹⁰³ Zeferino Severo, «O Santuário da Senhora da Assunção», *Jornal de Santo Thyrsos* 15 (Agosto de 1901): 1.

¹⁰⁴ Fernando de Pires Lima, «O Santuário da Senhora da Assunção», *Jornal de Santo Thyrsos* 18 (Setembro de 1896): 1.

¹⁰⁵ Pimentel, *Santo thyrsos de Riba d'Ave*, 266.

¹⁰⁶ José Bento Correa, «Alberto Pimentel», *Jornal de Santo Thyrsos* 32 (Dezembro de 1901): 1.

Joaquim Correa de Miranda, Adriano de Souza Trepá, e por fim, o Senhor A. J. Cardoso de Miranda. Os corpos gerais desta Irmandade eram compostos por 49 elementos. Por serem os primeiros, creio que é importante referi-los.

Alfredo Augusto Correa Guimarães	Alberto Augusto Correa Guimarães
António Augusto Correa Guimarães	Amélia Borges de Sousa Leraz
Arnaldo Monteiro da Cunha	Albino de Sousa Leraz
Ana da Silva Cruz	António da Silva Dias
Augusto da Silva	Bernardino Dias Ferreira
César Augusto Correa Guimarães	Carlos Correa Amaral
Camilo de Sousa Cruz	Eduardo de Oliveira
Georgina Jordão da Cruz	João de Sousa Cruz
José Maria da Fonseca	Jacinto Dias Ferreira de Carvalho
Joaquim José Ferreira	Joaquim de Sousa Reis
Joaquim Carvalho de Azevedo	João Limões Férreas
Joaquim da Silva Adães	Joaquim António da Silva
João da Cruz Cardoso	Joaquim Narciso Teixeira
Júlio Pinto de Sousa Castro	José Pereira Borges
Maria Rosa de Sousa	Manuel Joaquim Machado
Manuel da Silva Castro	Luís de Sousa Cruz
Manuel Sousa	Lucinda Magriço Martins
Manuel de Sousa Cruz	Maria de Jesus de Sousa Martins
Manuel António da Costa Reis	Maria Borges da Cruz
Manuel Gomes de Almeida	Manuel Gonçalves da Costa
Pe. Eurico de Sousa	Manuel de Sousa Rezende
Pe. Serafim da Silva Dias	Olívia Duarte Guimarães
Rosa da Conceição Sousa	Pe. João Gonçalves da Costa
Rosa Felicidade Cunha	Raquel Fonseca
Rosa Araújo	

Depois de eleitos estes elementos, seguiu-se então a elaboração dos estatutos (Anexo 2) que pautavam a vivência da Irmandade e a sua finalidade. Em modo geral estes

estatutos, aprovados pelo governador civil do Porto em 1897¹⁰⁷, elaborados pelo Dr. Manuel Pinheiro Guimarães¹⁰⁸ e a sua comitiva visavam o seguinte:

«erigir em local apropriado, no monte Córdova, fronteiro a esta vila, um templo sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção, a quem será consagrado, e em honra da qual se fará solemne festividade no 15 de agosto de cada ano

Socorrer os irmãos idosos em indigência ou ainda as pessoas pobres do concelho (...)

Par.º único. Para o fim designado em o n.º 1.º, a irmandade, seguindo as prescrições legais, deverá adquirir o terreno necessário e aformosá-lo arborizando o, explorando águas e fazendo obras de arte, à semelhança do que se vê no Bom Jesus do Monte, em Braga, de modo as converter o respectivo local em uma instância aprazível de agrado e recreio, que convide, pelos seus atractivos, a visita e atenção dos forasteiros»¹⁰⁹

Depois desta breve transcrição dos estatutos relativamente à finalidade da Irmandade, existem outros aspetos relevantes a destacar. Por exemplo, para fazer parte desta Irmandade, era necessário ser-se maior de 16 anos, com a devida autorização dos pais. Para as mulheres fazerem parte desta Irmandade teria de ter a autorização do seu marido. Além do mais, só poderiam fazer parte desta Irmandade pessoas Católicas¹¹⁰.

Após a elaboração dos estatutos, foi marcada uma reunião¹¹¹ para que as pessoas das terras de Santo Tirso pudessem dar a sua opinião sobre os mesmos. O *Nihil obstat*, do foro civil foi dado oficialmente em 1897. A nível diocesano, este reconhecimento acontece mais tarde por D. António Augusto de Castro Meireles, em 1938 (Anexo 3).

É importante referir que o pároco de Santo Tirso procurou estar sempre representado na direcção, dada a ligação do Mosteiro de Santo Tirso ao projeto da Senhora da Assunção e pelo facto de que a ideia da sua construção partiu do ambiente da vila.

¹⁰⁷ Pimentel, *Santo Thyrsos de Riba d'Ave*, 270.

¹⁰⁸ Nativo de Santo Tirso, estou direito e foi juiz em 1889 em reguengos de Monsaraz.

¹⁰⁹ Correia, *Senhora da Assunção*, 7.

¹¹⁰ AINSA, *Estatutos da Irmandade de Nossa Senhora da Assunção*, Cap. 2 Art 3- 4.

¹¹¹ Francisco Cunha, «O Santuário da Nossa Senhora da Assunção», *Jornal de Santo Thyrsos* 28 (Novembro de 1896): 2.

Assim a representação, na pessoa do pároco, foi sempre tida como benéfica levando a que se tenha, ainda que de forma oficiosa e à margem dos estatutos, atribuído ao pároco de Santo Tirso o cargo de Presidente da Irmandade. Só a partir de 2014 é que ficou averbado nos estatutos após a sua revisão, que data do mesmo ano, que o pároco de Santo Tirso devia ser, por inerência, o presidente da Irmandade¹¹² algo que, recorde-se, até então não era obrigatório.

Até ao presente os Estatutos da Irmandade tiveram 3 revisões sendo o lugar de reunião oficial a Sacristia do Mosteiro de Santo Tirso. A união entre a Irmandade e o povo tirsense foi uma das características que marcou todo o processo, prova disso mesmo é o facto de a Irmandade, dar a conhecer, sempre que se justificava, ao povo, a evolução das obras.

No que respeita à imagem da Virgem da Assunção que se encontrava na Igreja Matriz de Santo Tirso mesmo antes do final das obras da capelinha. A escultura aclamada pelo povo como «tão bela» e merecedora de um Santuário maior do que aquele que havia sido projectado, contudo devido às dificuldades económicas da Irmandade¹¹³, só foi realizado aquilo que realmente era possível tendo em conta os recursos disponíveis.

Para fazer face aos gastos da construção do primitivo Santuário, a Irmandade procedeu à venda de árvores, realizou peditórios e arranjam um livro para que as pessoas se inscrevessem como patrocinadores da obra.

Contudo a Irmandade após ter lançado esse convite em 1899, «*A meza da Irmandade já principiou a promover a subscrição pública para dar princípio às obras do santuário, que se vae construir, havendo já dois subscriptores (...)*»¹¹⁴, em 1900 a Irmandade contava apenas com 3 subscriptores provando que a tarefa não estava, neste contexto, muito facilitada.

Apesar das dificuldades encontradas e mesmo com tão poucos subscriptores, a Irmandade reuniu a quantia de 220\$000 reis, juntando à quantia já reunida para a construção que totalizava cerca 2.000\$000 reis¹¹⁵.

¹¹² AINSA, «Acta de sessão ordinária de 4 de março de 2014», *Actas*, 2012-2016, fl. 25r. – 26v.

¹¹³ José Bento Correa, «O Santuário da Nossa Senhora da Assunção», *Jornal de Santo Thyrsó* 6 (Junho de 1899): 1.

¹¹⁴ Correa, «O Santuário», *Jornal de Santo Thyrsó* 6 (1899): 1.

¹¹⁵ Cf. José Bento Correa, «O Santuário da Nossa Senhora da Assunção», *Jornal de Santo Thyrsó* 47 (Março de 1900): 3.

Desde a sua fundação a Irmandade não teve o caminho financeiro facilitado e prova disso é o facto de nunca terem tido muito dinheiro em caixa. O saldo mais alto que tiveram foi, mesmo no ano acima descrito (1900) 2.220\$000 já o mais baixo foi no ano de 1917, onde o saldo em caixa era de 62\$00 escudos¹¹⁶. Razão pela qual a Irmandade ia sobrevivendo graças às esmolas que recebiam dos devotos.

Para fazer face ao problema de tesouraria sempre que era necessário os membros da Irmandade doavam dinheiro¹¹⁷ à instituição a fim de equilibrar as contas e continuar com as obras no santuário¹¹⁸ e na capela velha.

A Irmandade ia recebendo dos devotos anéis, colares de ouro, entres outros utensílios de grande valor que mais tarde se viu obrigada a vender o ouro que estava na sua posse bem como a alienar um dos prédios situado no Porto que havia sido doado por um grande devoto.

Mais tarde e após terem inaugurado a capela-mor, como consta do primeiro projeto de Ernesto Korrodi datado de 1921 e do qual a Irmandade apenas conseguiu cumprir até à referida capela-mor levando após a sua bênção a implementar algumas modificações.

Contudo a Irmandade só decide avançar com a continuação das obras no santuário após escutar a opinião do cónego Manuel Aguiar Barreiros tido como um «*douto arquitecto*»¹¹⁹ e por isso um precioso auxílio para conciliar o desejo de monumentalidade e a realidade financeira da Irmandade. Como as iniciativas para encontrar o financiamento do projeto, por parte da Irmandade, não conseguiam atingir os seus propósitos foi necessário criar um grupo de trabalho que se ocupasse em exclusivo desse assunto. Com esse objetivo é criada uma «*comissão exterior à Irmandade para angariar fundos*»¹²⁰.

No mês de outubro a Câmara Municipal de Santo Tirso oferece um milhão de escudos para as obras, uma quantia que apesar de bem-vinda não foi suficiente para fazer face aos custos das obras a decorrer quer no santuário quer na área envolvente. Do conjunto destas obras fazem parte a construção dos sanitários e o ordenamento e cuidado

¹¹⁶ Cf. AINSA, «Orçamento da Irmandade de Nossa Senhora da Assunção 1916-1917», *Copiador de Orçamentos e contas da Irmandade de Nossa Senhora da Assunção, 1897-1921*, fl. 34v. – 35r.

¹¹⁷ Cf. AINSA, «Acta de sessão ordinária de 17 de fevereiro de 1954», *livro das Actas, 1940-1992*, fl. 26v. -27r.

¹¹⁸ Recorde-se que neste momento já se havia tomado a decisão de construir um santuário maior do que aquele para o qual a Irmandade foi constituída. Este novo santuário seria construído no alto do Monte Córdova, local onde hoje se encontra edificado.

¹¹⁹ AINSA, «Acta de sessão ordinária de 19 de janeiro de 1941», *livro das Actas, 1940-1992*, fl. 2r. -3v.

¹²⁰ AINSA, «Acta de sessão ordinária de 17 de abril de 1993», *Actas, 1992-1999*, fl. 2v. – 3r.

da mata, de modo a criar um espaço agradável para os muitos peregrinos ali acorrem bem como a promoção das necessárias obras de restauro na capela velha.

A primeira festa que a Irmandade realizou foi no dia 15 de agosto de 1896, tendo a colaboração da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia que também tem como orago Nossa Senhora da Assunção. Celebrou-se Eucaristia no mosteiro de Santo Tirso, com sermão na capela do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, mas o desejo continuava a ser a realização da festa no recinto do Santuário.

2.2. ARTE E ARQUITECTURA NO SANTUÁRIO

2.2.1. A imagem da Senhora da Assunção: análise, leitura e interpretação

Outra das missões da Irmandade foi a de procurar idealizar uma imagem da Senhora da Assunção que pudesse ser venerada em primeiro na primitiva capela e depois no atual Santuário. Esta missão é, desde a sua génese até sua conclusão, elaborada em articulação com artistas portugueses, pois os membros da comissão responsáveis pelo projeto acreditavam que tendo em Portugal bons profissionais de arte sacra não fazia qualquer sentido ir procurar ao estrangeiro um escultor para aquela que seria a imagem oficial.

Assim por escolha popular a imagem foi elaborada por João da Fonseca Lapa natural de Vila do Conde que tinha o seu atelier em Vila Nova de Gaia e de quem se dizia «*é um dos que de entre nós, mais honra a arte nacional*»¹²¹ e pintada por Diogo Sampaio, da cidade do Porto, que completara a «*imagem de Nossa Senhora da Assunção, de madeira com redoma também de madeira e vidro*».¹²²

O escultor era bem conhecido do povo de Santo Tirso, uma vez que tinha na conta dos seus trabalhos a escultura do busto do tirsense Conde São Bento. Lapa esculpe a imagem tendo por base o desenho «*em tamanho natural*»¹²³ de Teixeira Lopes.

O mecenas deste trabalho foi Manuel Eduardo de Souza que doou a escultura fazendo questão de seguir a construção da imagem em pormenor e para isso «*visitava o artista no seu atelier, a inteirar-se do avanço na esculpuração da Imagem*».¹²⁴

¹²¹ A.J.C, «João D’Affonseca Lapa», *Jornal de Santo Thyrsso* 29 (Novembro de 1896): 1.

¹²² Correia, *Senhora da Assunção*, 21.

¹²³ Fernando Pires Lima, «Santuário da Senhora da Assunção», *Jornal de Santo Thyrsso* 16 (Agosto de 1896): 2.

¹²⁴ Correia, *Senhora da Assunção*, 21.

Sendo portugueses a elaborar o projeto e a executar a imagem da Senhora, é natural que esta possa ter ficado com traços da cultura portuguesa. Não tendo a Irmandade dado orientações muito específicas para a concepção da escultura, o artista esculpiu aquilo que, para ele, era o modelo de simplicidade da Mãe de Jesus.

A partir da contemplação da imagem, poderíamos intuir que o artista era um homem de fé, e que, por entre linhas, teria a figura do feminino como algo de bom, belo e doce recorrendo, talvez aos traços de uma Mãe.

Segundo Alberto Pimentel, «*A Virgem do Monte Córdova, afasta-se do typo hebraico que ressalta nitidamente do retrato composto por S. Lucas*»¹²⁵. A imagem elaborada pelos portugueses possuía um tipo de «*beleza meridional*»¹²⁶.

Ao olharmos para esta imagem em concreto e pela sua tipologia, isto é uma escultura, tem em si não só, toda uma riqueza figurativa que se situa no campo da estética, e em harmonia das cores, formas e movimentos acentuados pela sua dimensão tridimensional como também motivos simbólicos que nos alertam para o próprio mistério da Assunção de Nossa Senhora naquilo que constitui uma interpretação, ou melhor, da plasticidade do próprio dogma.

Centrando-nos na descrição da imagem conseguimos ver pelo rosto a ternura com que olha para o céu numa atitude de quem intercede junto do Seu Filho por nós, e simultaneamente a serenidade de quem, tendo cumprido os seus afadigados dias terrenos, recebe a especial graça de ser levada ao céu em corpo e alma.



¹²⁵ Pimentel, *As alegres canções do Norte*, 159.

¹²⁶ Pimentel, 160.

Aquela a quem o povo chama a «arca da nova aliança», e que havia sido Imaculada na sua Conceição regressa para junto de Deus seu criador.

Ao mesmo tempo é visível no seu rosto a intenção do autor da escultura em representar que naquele rosto dócil estivesse também a alegria, daquela que vai ver o Filho que tanto sofreu. Um encontro entre Mãe e Filho, que desta vez não está pautado pelo sofrimento como fora outrora no momento da crucificação, mas pela alegria que só a glória do ressuscitado pode transmitir. Os braços abrem-se em direcção ao céu à espera de abraçar o Seu Filho. O Anjo que se encontra debaixo do seu braço aparece apontar o caminho para onde vai e informar de quem está à espera Dela.

O segundo anjo que ampara e ajuda na Assunção na Senhora já o terceiro anjo, tem flores no seu regaço, e olha para baixo como quem toma, para si, uma atitude de despedida atirando flores exemplificando aqueles que cá em baixo se despedem de Maria.

A atitude devocional deste anjo recorda-nos uma forma de piedade popular que consiste em atirar flores a uma imagem no momento de uma procissão. No caso específico da imagem da Senhora da Assunção, o anjo descreve uma atitude de entregar o que há de mais belo e suave Àquela que é a mais bela de entre todas as mulheres e perante a qual nem os anjos se situam acima. Nesta imagem essa premissa está muito presente pois nenhum anjo se situa por cima da Senhora mostrando assim que nenhuma criatura é maior do que a Mãe de Jesus.

A presença dos três anjos pode, simbolicamente, apontar para o mistério da Assunção de Maria como obra da Santíssima Trindade que acompanhou Maria ao longo dos dias que entre nós viveu.

É elevada numa atitude de louvor e saudade. Se olharmos para todas as vestes, reparamos que são uma extrema naturalidade e realidade. As cores, branco e azul são o significado de pureza e os movimentos das vestes revelam uma leveza de quem se deixa arrebatado por uma força maior que Si mesma.

Vemos ainda que Nossa Senhora sobe ao céu com o mesmo rosto de docilidade que nos transmitiu e a coroa que traz na sua cabeça recorda-nos a mulher do Apocalipse que não só sofreu as dores da maternidade, mas igualmente a glória de se ver «revestida de sol» nesta escultura não vemos a lua, mas encontramos as nuvens como marco indelével do lugar para onde Maria é levada sinal de esperança e sobretudo da certeza de termos uma insigne intercessora junto de Deus, como já o havia feito em Jo 2 nas bodas de Caná.

Esta imagem foi elaborada com características especificamente portuguesas. Desde o rosto, ao manto, e até à coroa, tudo isto era pautado pela simplicidade e humildade. A própria coroa dada à Senhora da Assunção do Monte Córdova era feita «*não de ouro burilado nem pedras preciosas. Fora unicamente entretecida de flores (...)*»¹²⁷

Em 1934, a Imagem da Senhora da Assunção de João D'Afonseca Lapa, foi transportada para o santuário e fruto dessa mudança, a Irmandade pede em 1942, a José Thedim¹²⁸, uma réplica da Imagem, mais pequena, para se colocar na capela que agora a Imagem original deixara. (Anexo 4)

2.2.2. A devoção a Nossa Senhora no Vale do Ave e a edificação da Capela Velha

Desde há muitos séculos a zona norte do território português vive com muita intensidade a religião católica. No que respeita à religiosidade traduz-se, por vezes, numa vivência «*ingénua e cega*»¹²⁹. Este é um povo do qual Alberto Pimentel afirma que não saberia distinguir superstição da fé verdadeira.¹³⁰

Segundo o autor a população portuguesa demonstra uma fé «mal vivida», ou vivida na superficialidade. Nesta dinâmica vivem num sincretismo religioso pois no meio das suas promessas, esmolas em dinheiro, acender uma vela por alguém, são capazes de pagar a alguém para lhes ler a sina.

O povo vive, nessa medida, imerso numa tendência de reivindicação e reclamação tudo o que Deus dá e não consegue analisar as causas para ou por outras palavras não se apercebem «*Se está enferma a terra, se pede sol ou reclama chuva...*»¹³¹.

No campo das formas de cumprimento de promessas as peregrinações são uma forma de culto adoptada por muitos crentes e têm, na generalidade dos casos, a finalidade de celebrar a memória de um Santo ou agradecer uma benevolência concedida.

A devoção a Maria Santíssima, mãe de Jesus, sempre foi muito difundida em Portugal. No que diz respeito à figura da Senhora da Assunção esta devoção encontra-se

¹²⁷ Cf. Pimentel, *As alegres canções do Norte*, 163.

¹²⁸ Natural de S. Mamede de Coronado, Autor da réplica da Imagem (1942) que ficou na Capela Velha, enquanto a original passa para o Santuário.

¹²⁹ Pimentel, 135.

¹³⁰ Cf. Pimentel, 135.

¹³¹ Pimentel, 136.

justificada num documento que pode ser consultado no arquivo da Diocese do Porto, trata-se de um discurso dirigido àqueles que se encontravam no culminar do congresso Mariano em Santo Tirso (Anexo 5). O autor, começa por mostrar o enraizamento da devoção à Senhora da Assunção em Portugal. A razão remonta, segundo ele, à batalha de Aljubarrota que tendo lugar na véspera do dia da Senhora da Assunção, 14 de agosto, travou-se uma batalha e o «*mestre de Avis e Nuno Álvares pereira, incentivavam os soldados dizendo que era véspera de Nossa Senhora e Esta os protegeria*» a verdade é a guerra foi vencida e quando se soube deste facto, as pessoas “*acorreram em massa á ermida de Santa Maria, cantado a Salvé Rainha!*»

Exemplo da mesma devoção mariana, são os inúmeros santuários Marianos que temos um pouco por todo o território português, onde se mostra a devoção do povo a Nossa Senhora e no contexto desses santuários crescem igualmente as peregrinações e as suas respectivas procissões.

Sobre esta manifestação devocional importa referir que durante a construção do Santuário de Nossa Senhora da Assunção de Santo Tirso são realizadas várias peregrinações marianas majestosas. A primeira peregrinação que saliento é à Senhora do Sameiro, lugar onde dois sacerdotes desejaram instaurar o culto a Maria Imaculada levantado, para esse fim, no alto do Sameiro, uma estátua da virgem¹³² e ocorreu em 12 de Junho de 1904 da qual se escreveu «*A mais imponente peregrinação que o nosso paiz tem presenciado (...)*»¹³³. Esta manifestação religiosa marcou os crentes afirmando-se como aquela que foi a mais pomposa vista até então e aconteceu 50º aniversário da definição dogmática da Imaculada Conceição da Virgem Santíssima: «*bodas de ouro da pureza originária de Maria com a Igreja Catholica*»¹³⁴.

A outra grande peregrinação foi à Senhora da Penha em Guimarães, onde se desejou também, comemorar o «aniversário» da definição dogmática de 1854 com uma majestosa peregrinação ao cimo do monte.

Embora mais pequena e não tão pomposa como as “suas congéneres”, a 3ª peregrinação acontece em 1904 onde se assinala a memória com uma procissão ao

¹³² Cf. Pimentel, *As alegres canções do Norte*, 141.

¹³³ Pimentel, 138.

¹³⁴ Pimentel, 138.

Santuário da Senhora da Assunção no Monte Córdova e que «se realizou a 14 de Agosto»¹³⁵.

Ao pensar no culto da Senhora da Assunção associemos esta veneração ao pontificado do papa Pio XII e à definição dogmática ocorrida no primeiro dia de novembro de 1950, com constituição apostólica, «*Munificentissimus Deus*» onde se lê «*declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que: a imaculada Mãe de Deus, a sempre virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assumta em corpo e alma à glória celestial*»¹³⁶ ele é efetivamente anterior.

No caso concreto de «*Nossa Senhora da Assunção é uma antiga devoção Thyrsense, que data do tempo dos frades*»¹³⁷ nesta linha podemos ver que esta veneração é, em Santo Tirso, muito anterior ao dogma proclamado e já encontramos referências desta piedade popular em Santo Tirso em meados do ano 1091.

Prova desta devoção especial à figura de Maria está o facto do Mosteiro de Santo Tirso¹³⁸ ter recebido em meados de 1098 um segundo padroeiro como prova a carta da doação do couto, que, apresenta o nome de Santa Maria, a sempre virgem como a padroeira secundária deste mosteiro. Em bom rigor Maria «*acabou por arrumar para uma posição secundária, (...) o nome do Mártir*»¹³⁹ invertendo assim as posições no padroado.

Assim não será de todo estranho que no ano 1430 se conheça esta instituição monástica pelo nome de *Mosteiro de Santa Maria de Santo Tirso e Riba d'Ave*.

No século XVII é colocada uma escultura da Senhora da Assunção do Mosteiro, e S. Tirso¹⁴⁰ é transferido para um altar «*de segunda ordem*»¹⁴¹. Contudo no século XVIII devido a uma reacção popular, a imagem de S. Tirso regressa ao altar-mor, onde permanece até hoje, e a escultura da Senhora da Assunção é colocada no claustro do mosteiro (Anexo 6).

Apesar deste contratempo a devoção dos monges do mosteiro à Senhora da Assunção não esmoreceu, muito pelo contrário, e para mostrar o seu afeto à virgem

¹³⁵ Pimentel, *As alegres canções do norte*, 138.

¹³⁶ Cf. Pio XII, «Carta Apostólica *Munificentissimus Deus*», 753-771.

¹³⁷ Pimentel, *Santo thyrsos de Riba d'Ave*, 265-266.

¹³⁸ Mosteiro Beneditino, cuja construção remonta a 978. Ligação muito próxima com o Santuário da Senhora da Assunção.

¹³⁹ Correia, *Senhora da Assunção*, 4.

¹⁴⁰ Padroeiro do Mosteiro.

¹⁴¹ Correia, 4.

pintaram a imagem da Senhora num grande painel que colocaram na frente do altar-mor (Anexo 7). Mas não se ficaram por essa iniciativa, pois, segundo uma carta enviada ao bispo D. Agostinho, os monges «*ergueram um altar no interior dedicado à Senhora da Assunção*»¹⁴² permitindo assim a veneração da imagem por quem passasse.

A devoção à Senhora da Assunção na vila, como tenho vindo a referir, remonta à presença de uma ordem monástica e de modo concreto no cenóbio do Mosteiro de Santo Tirso. Neste contexto não podemos dizer que os monges que o habitaram desde o início, fossem beneditinos já que a ocupação do mosteiro decorre de «*uma primeira fase (...) de silhueta imprecisa*»¹⁴³ o que sabemos é que, a certa altura, os monges que habitavam naquele mosteiro à época chamado de S. Nicolau¹⁴⁴ adoptaram a regra de S. Bento, contudo mantendo «*o orago de trás S. Tirso*»¹⁴⁵.

Naquilo que diz respeito à veneração da Senhora da Assunção, é importante referir, suscita-se com estes monges tirsenses Beneditinos quando, ao adotarem a regra de S. Bento, continuaram com um especial carinho pela Senhora da Assunção ao ponto de a adoptarem como «*proteção secundária*». A partir deste momento, podemos dizer começa a haver uma tripla veneração: a S. Bento pela regra, a Santo Tirso como padroeiro principal e à Senhora da Assunção como padroeira secundária.

Os monges desempenham assim um papel fundamental na difusão do culto e da veneração à Senhora da Assunção que dessa forma fica mais presente naquelas terras.

Mesmo depois da expulsão das ordens religiosas em 1834, a veneração à Senhora da Assunção em Santo Tirso perdurou. O próprio hospital da misericórdia em Santo Tirso, tem como protectora a Senhora da Assunção. Nessa linha a construção do Santuário surge como uma natural expressão de veneração de todo um povo que pretende glorificar a pureza da virgindade de Maria Santíssima cujo ventre materno permitiu que fosse gerado o Filho de Deus que veio, na condição humana, para salvar o mundo.

Talvez por ser tão querida naquele local e tão amada por aquele povo levou José Bento Correa, a querer suscitar a afirmação desta devoção que sofria a tendência

¹⁴² Cf. Pimentel, *Santo thyrsos de Riba d'Ave*

¹⁴³ Francisco Carvalho Correia, *O Mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588: A Silhueta de uma entidade projetada no chão de uma história milenária* (Santiago de Compostela: Universidade Santiago de Compostela), 69.

¹⁴⁴ Cf. Pimentel, *Santo thyrsos de Riba d'Ave*, 12.

¹⁴⁵ Correia, *O Mosteiro de Santo Tirso*, 69.

decrecente e o risco de se perder devido à situação turbulenta em que o país vivia por causa do cunho anti-religioso dos ideais republicanos que já se espalhavam.

Com a inauguração da capela a 15 de agosto de 1901 e vendo a fé do povo suscitou-se o desejo da construção de um santuário maior onde se pudesse acolher um maior número de pessoas de modo que a «(...) *elegante capela que há-de ser no futuro, substituída por um rico e espaçoso templo*»¹⁴⁶.

Na verdade, «*A capelinha era modesta, o espaço circundante pequeno, os horizontes suficientemente amplos*»¹⁴⁷ constituída por 2 partes: o corpo da capela e uma sala que seria a sacristia, tem duas portas uma maior no fundo, a porta principal, e a outra encontra-se no lado direito de quem está de frente da porta principal. Contém ainda duas janelas superiores, por cima de ambas as portas, e uma cruz na parte superior da capela por cima da porta principal. No seu interior encontra-se despida de grandes relevos ou pinturas. O tecto é de madeira, contém um coro-alto e um altar-mor de madeira com uma imagem do Sagrado Coração de Jesus e uma pequena cruz. Nessa mesma capelinha, encontra-se a Imagem original de João d’Afonseca Lapa que só sai na procissão do 15 de agosto em direcção ao Santuário.

2.2.3. A edificação do novo Templo de Ernesto e Camilo Korrodi

Depois de uma pesquisa aprofundada, onde nos deparamos com um projeto diferente do original datado na mesma altura, projeto este presente na obra de Lucília Verdelho da Costa¹⁴⁸, decidimos contactá-la por email a pedir ajuda. A investigadora e Amiga de Ernesto Korrodi, falou abertamente connosco, numa conversa onde discutimos os projetos do Korrodi. Nesta longa e rica conversa, conseguimos saber alguns aspetos da vida de Ernesto Korrodi “*uma pessoa amável e trabalhadora e pelo mesmo caminho seguiu o seu filho Camilo*”. Mas após esta conversa, dispôs-se logo ajudar-nos e a indicar onde poderia ir buscar informação disponibilizando-nos também algumas imagens, sobre o santuário presentes na sua tese.

¹⁴⁶ Severo, «O Santuário», 1.

¹⁴⁷ Discurso escrito por Dr. Manuel Correia, secretário-geral da Irmandade no centenário de Nossa Senhora da Assunção.

¹⁴⁸ Ernesto Korrodi (1889-1944): arquitetura, ensino e restauro do património.

No que respeita à construção do santuário e devido ao aumento da devoção do povo, a Irmandade logo percebeu que aquela humilde capelinha, não chegaria para acolher os tantos e tantos devotos que procuravam em Nossa Senhora auxílio e proteção.

Então a Irmandade sentiu a necessidade de apostar na «*construção, no cimo do monte, de um grandioso Santuário (...)*»¹⁴⁹ local onde pudesse acolher todos os peregrinos e que «*(...) oferecesse o espaço necessário ao aumento da devoção*».¹⁵⁰ Em 1923 foi constituída uma comissão «Pró-Monte» constituída por 13 elementos com a missão de preparar as obras necessárias na mata. Esta mesma comissão envia uma carta a algum membro da alta importância, (na qual não se consegue perceber, devido ao estado de deterioração do documento), a fim reunirem algum apoio (Anexo 8).

Em 1910, a Irmandade abre um concurso a fim de serem apresentados projectos para o futuro santuário. Nesse mesmo ano a Irmandade pede que Ernesto e Camilo Korrodi¹⁵¹, fizessem o projeto final para o a edificação do Santuário. Embora que os documentos falem só de Ernesto, todos os projectos originais consultados vão assinados pelos dois daí a importância de referir também Camilo Korrodi¹⁵². Estes elaboraram um primeiro anteprojecto (Anexo 9) que, desconhecemos as razões, não foi levado a cabo talvez por questões monetárias. Então os Korrodi elaboraram um novo projeto que depois de aprovado, foi levado a cabo (Anexo 10).

Esta obra contou com três empreitadas (Anexo 11). A primeira empreitada, segundo o projeto de 1928, estava concluída correspondendo à parte da capela-mor e dependência da Administração «*(...) a obra cumpriu o projeto de Korrodi até capela-mor, sendo inaugurada a 1934*». Paralelamente, outras obras de apoio decorriam. Depois de terminada a primeira empreitada a partir de 1928 até 1937, a segunda e a terceira empreitada sofreram algumas alterações até que a terceira empreitada, nunca saiu do projeto final, isto é, a primeira estava concluída, a segunda estava em projeto, que correspondia ao transepto e parte inferior da capela-mor, a terceira parte, que era a construção das naves, coro e a torre e suas vedações provisórias de perpiano, nunca saíram do papel. Apesar de tantas reformulações do projeto, no final não pôde ser

¹⁴⁹ Discurso escrito por Dr. Manuel Correia, secretário-geral da Irmandade no centenário de Nossa Senhora da Assunção.

¹⁵⁰ Lucília Verdelho da Costa, *Ernesto Korrodi 189-1944: arquitetura, ensino e restauro do património* (Lisboa: Editorial Estampa, 1997), 13.

¹⁵¹ Ernesto e Camilo Korrodi, são os arquitetos do Santuário, de origem suíça 1889-1944, dedicaram-se à arte pré-românica, à arquitetura religiosa e militar medieval.

¹⁵² Filho de Ernesto Korrodi.

elaborado, uma vez que foi «*fortemente condicionado por restrições orçamentais*»¹⁵³. Em meio das sucessivas alterações, só foi possível realizar a primeira empreitada, à época já concluída. Quanto à segunda esteve parada durante algum tempo.

No ano de 1948 a parte construída e a parte provisória recebe um forte abalo «*devido a um violento temporal de há tempos era necessário substituir a frente do templo provisório. Que foi derrubada pelo vento. Resolveu-se de fazer o referido trabalho em pedra que depois será aplicada na basílica*».

Depois da capela-mor (Anexo 12), benzida a 15 de agosto de 1934 pelo cardeal-patriarca de Lisboa, Gonçalves Cerejeira, foram trocadas correspondências entre a Irmandade e o Arquitecto Ernesto Korrodi, a fim de que este pudesse acompanhar os trabalhos e fazer algumas alterações nas obras «*nesse sentido, escreveu ao arquitecto Korrodi, o qual, no ano de 17 de novembro de 1942, lhe respondeu: “na carta última de Vossa excelência, com data de 14 de outubro de 1941, antevê V. Exm^a, a esperança de dentro de alguns anos poder dar seguimento às obras e fala em possíveis modificações no projeto. Não tenho dúvida em prestar ao assunto a minha atenção e dar o meu concurso na altura devido, mas sem que vossas excelências consigam aliviar a situação financeira e que disponham de uma verba que permita dar algum influxo à obra acho prematuro ventilar tais assuntos”*»¹⁵⁴.

Perante esta situação, a Irmandade sabe que ainda podia contar com a ajuda do arquitecto, mas teria de haver verbas que garantissem a continuação das obras. Então tiveram de arranjar rapidamente meios, para que realmente pudessem continuar com as obras e «*(...) Pelo juiz presidente foi dado conhecimento que havia dado seguimento à deliberação da reunião anterior relativo ao pedido de subsídio para as obras em curso ao Exm^o Senhor Ministro das obras públicas*»¹⁵⁵. Devido às dificuldades financeiras o dinheiro dos peditórios e peregrinações anuais, a venda do prédio da rua das flores do Porto, e a venda do ouro¹⁵⁶, não chegavam para fazer face aos custos do projeto, então devido a estas circunstâncias, a Irmandade pede ao Arquitecto que o projeto seja revisto e em 1944 é elaborado outro projeto (Anexo 13) que «*(...) Foi apresentado e submetido*

¹⁵³ Costa, *Ernesto Korrodi*, 13.

¹⁵⁴ AINSA, «Acta da sessão ordinária de 31 de dezembro de 1942», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 46v -7r.

¹⁵⁵ AINSA, «Acta da sessão ordinária de 31 de dezembro de 1942», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 16v.

¹⁵⁶ AINSA, «Acta da sessão ordinária de 30 de julho de 1964», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 34 v. – 35 r.

à aprovação dos mesários o projeto de alteração a introduzir no templo (...)»¹⁵⁷(Anexo 14).

Contudo falece em fevereiro de 1944, Ernesto Korrodi e na sequência deste acontecimento a Irmandade envia uma carta a Camilo Korrodi a fim de que este possa seguir a construção do santuário «(...) resolveu-se pedir ao architecto Camilo Korrodi as condições pormenorizadas para que lhe seja entregue a direcção técnica das obras»¹⁵⁸. Acreditamos que tenha sido Camilo Korrodi a fazer a alteração ao projeto uma vez que seu pai tinha falecido em fevereiro e a Irmandade fala nessa alteração em agosto do mesmo ano e o projeto elaborado data de Maio de 1944.

Mesmo com as obras quase paradas e a mudança de architecto, sabemos que o desejo da Irmandade era terminar rapidamente a obra e «tentar concluir o Santuário aproveitando-se o que já está feito»¹⁵⁹. A Irmandade pede então ao filho de Ernesto Korrodi, para acompanhar a obra levada a cabo pelo empreiteiro Aurélio Nogueira Gonçalves¹⁶⁰. Mas como as obras avançavam tão vagarosamente, decidiu reduzir as visitas do architecto uma vez que tinham de pagar cada deslocação «(...) Interrogado o presidente sobre as condições em que o architecto Korrodi está a prestar assistência às obras, este esclareceu que estava sem efeito o acordo feito com ele em dezassete de Outubro de mil novecentos e quarenta e quatro. Na sua última visita concordou em modificar as condições de apresentação de trabalho e respectivos honorários. Como as obras vão em ritmo vagaroso não é necessária assistência permanente o citado architecto. Assim este combinou que só prestaria assistência técnica quando o empreiteiro das obras o exigisse»¹⁶¹(Anexo 15).

¹⁵⁷ AINSA, «Acta da sessão ordinária de 27 de agosto de 1944», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 13r. – 13v.

¹⁵⁸ AINSA, «Acta da sessão ordinária de 31 de dezembro de 1942», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 13v.

¹⁵⁹ AINSA, «Acta da sessão ordinária de 31 de dezembro de 1942», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 4r-8v.

¹⁶⁰ AINSA, «Acta da sessão ordinária de 31 de dezembro de 1942», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 26v.-27r.

¹⁶¹ AINSA, «Acta da sessão ordinária de 31 de dezembro de 1942», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 23r – 23v.

A verdade é que esta obra foi toda ela construída ao ritmo do orçamento que iam tendo da parte dos fiéis, «*seguiu um projeto de alterações de 1928*»¹⁶² e mais tarde algum apoio da parte da câmara. E só por volta do ano de 1970¹⁶³ a conseguiram concluir.

O projeto, elaborado por Korrodi em 1928, é todo ele inspirado no estilo gótico do século XIV. Todo ele construído em pedra, um material mais caro, tem uma planta em forma de Cruz Grega. Contava com três portas principais, porta norte (porta principal) uma ao meio do Santuário, parte leste e outra para oeste. Contava com duas fachadas altas, com 44 vitrais em arco, três na parte sul, três na parte norte e 19 em cada parte lateral, ao longo do santuário, 6 vitrais redondos, por trás de cada altar logo constava também de 6 altares, o que faz com que houvesse uma boa iluminação interior. Contava com 4 confessionários e um coro alto.

Devido à alteração feita em 1944 ao projeto do Santuário, tendo em conta o que já tinha sido construído, ficou com as seguintes características: até ao altar-mor ficou tudo pois já estava construído, não contendo os confessionários que estavam desenhados para essa secção. Ficou com 26 vitrais em arco, 4 vitrais redondos dois grandes, e dois mais pequenos junto aos dois altares no fundo do Santuário, conta com duas portas a principal (lado norte) e outras duas portas onde no meio delas se encontra uma escultura de Cristo Rei (Anexo 16) que foi lá colocada, e que constitui uma referência às Igrejas românicas com a representação do Cristo em glória. Por fim conta com uma grande Torre sineira. No seu interior conta com 2 altares, um por baixo de um vitral redondo onde esta a Nossa Senhora de Fátima, junto à porta principal oferecida também por Adriano Teixeira, por vontade dos pais (Anexo 17), e o outro altar no lado lateral direito, onde se encontra S. Francisco Xavier doado também ao santuário pelos soldados de Santo Tirso em serviço na Índia de 1957 a 1959 (Anexo 18).

O Santuário, só ficou verdadeiramente concluído em 1973 com o arranjo dos pavimentos no interior e no exterior do complexo arquitectónico. (Anexo 19)

A obra ficou concluída, mas segundo o projeto do santuário, não foi cumprido a totalidade projeto de 1944 que contava ainda com uma grande torre sineira que não foi construída sendo substituída por duas torres da mesma altura.

¹⁶² José Manuel Teixeira, *Arquiteto Ernesto Korrodi: vi(n)da e obra* (Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2018).

¹⁶³ Glória Cristiana Gomes Pereira, *Igrejas Modernas com problemas acústicos: o Caso da Igreja do Santuário da N.ª Sr.ª da Assunção (Santo Tirso)*. Porto, 2011, acedido a 15 de Julho de 2022, em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/61573/1/000149148.pdf>.

Apesar das dificuldades encontradas a conclusão das obras maraca o esforço não só da Irmandade, mas sobretudo dos devotos da Senhora da Assunção, em terminar este Santuário que desde a fundação da Capela velha até ao Santuário, foram construídos com as esmolas e generosidade de muitos devotos.

2.2.4. As infra-estruturas de apoio e segurança

No que respeita às infra-estruturas de apoio e segurança podemos identificar dois grandes núcleos o que circunda a capela velha e o que corresponde ao Santuário propriamente dito.

No que se refere à capela Velha, foi necessário construir também no local, uma casa onde pudesse habitar o responsável por zelar e cuidar da capela. Uma pequena casa onde só contivesse «*indispensáveis condições*»¹⁶⁴ criou-se também uma esplanada e muros de suporte, dando assim mais firmeza à capelinha.

Afirmado a importância desta capela foram doados, vários utensílios litúrgicos, um cruzeiro que se colocou no cimo do monte Córdova precisamente no local, onde viria a levantar-se o novo templo da Senhora da Assunção acredita-se que foi a partir da colocação do cruzeiro, que firmava a devoção lá existente, que o monte Córdova, foi «*crismado como monte da Assunção*»¹⁶⁵.

Em 1943¹⁶⁶ é lançada a ideia de edificar uma pousada para albergar os peregrinos, para junto da Capela velha projectada pelos arquitecto Korrodi (Anexo 20), mas pelo que consta, essa ideia não foi concretizada.

Relativamente ao Santuário, enquanto este era construído, ao pé, era também construída a casa dos milagres (Anexo 21) datada por volta de 1940. O que mais tarde passa a chamar-se casa das vendas da Irmandade, esta casa constituída por três pisos um rés do chão onde funcionou a partir de 1964, um serviço de aluguer para casamentos e batizados¹⁶⁷ até 2017 por desistência da arrendatária. No piso um passou a ser local de venda de artigos religiosos e no segundo piso, a casa propriamente dita onde habitava um (a) responsável por zelar pelo santuário.

¹⁶⁴ Correia, *Senhora da Assunção*, 16.

¹⁶⁵ Cf. Correia, 19.

¹⁶⁶ AINSA, «Acta da sessão ordinária de 30 de julho de 1964», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 9v.- 10r.

¹⁶⁷ AINSA, «Acta da sessão ordinária de 30 de julho de 1964», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 34v.- 35r.

Ao mesmo tempo que iam terminando as obras no Santuário, optou-se por fazer algumas modificações quer no espaço envolvente quer no próprio Santuário. A fim obter algum lucro para as obras em curso e também dando aos peregrinos melhor condições, na década de trinta, a Irmandade decide pela criação de uma casa de chá, em 1944 realizam obras para um bar com esplanada (Anexo 22) que, em 1958, resolvem arrendar pela melhor proposta.

No ano de 1961, a Irmandade recebe o legado, que já referi anteriormente, do Senhor Francisco Manuel Cardoso de Miranda que era constituído por dois prédios, situados na rua das Flores, na cidade do Porto. Face a estes activos a Irmandade vê-se na necessidade de tentar colocar à venda¹⁶⁸ os imóveis. Já que, em primeiro não conseguiam pagar os impostos sucessórios e, em segundo lugar, os rendimentos da venda eram uma óptima oportunidade de angariar verbas para as obras do Santuário.

Depois de tanta procura por um comprador e publicação do anúncio de venda, em 1966, a Irmandade consegue vender um dos prédios no valor de 300.000\$. (Anexo 23) Quanto ao outro prédio face à dificuldade em vender, talvez pelo preço requerido, cerca de 80.000.000\$ optou-se pelo arrendamento, mas mantendo a esperanças da sua venda. Actualmente, este referido prédio ainda se encontra na posse da Irmandade e encontra-se ainda arrendado. (Anexo 24)

A Irmandade sempre foi recebendo vários pedidos para que o monte fosse explorado, isto é, foi pedido em 1979, a colocação, de uma antena de televisão espanhola, a qual foi autorizada a sua colocação em 1988. A PSP do Porto, pede também a colocação de «*um repetidor de rádio e antena com 15 metros de altura*»¹⁶⁹ algo que foi logo deferido pela Irmandade. Sabe-se que em 1988 chega à Irmandade um pedido da construção de hotel, em troca do pagamento das dívidas da Irmandade, empreendimento que foi autorizado, contudo acaba por não se realizar talvez pela falta de autorização da Santa Sé à qual a Irmandade formula um pedido de autorização.

Já a partir de 1992, o Santuário começou a ser vandalizado levando a Irmandade a reunir-se e onde «*começaram os presentes por ocupar-se da forma de assegurar, eficazmente a segurança no Santuário, alvo de três regulares assaltos.*»¹⁷⁰ Perante isto, a Irmandade, pede um sistema de alarmes a ser instalado o mais rapidamente possível.

¹⁶⁸ AINSA, «Acta da sessão ordinária de 30 de julho de 1964», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 31v.- 32r.

¹⁶⁹ AINSA, «Acta da sessão ordinária de 30 de julho de 1964», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 47r.- 47v.

¹⁷⁰ AINSA, «Acta nº8 de 26 de fevereiro e 1994», em *Livro de Actas*, 1992-1999, fl. 5v.-6r.

Aquela zona era susceptível a assaltos e a outros encontros, pois a iluminação da rede pública naquela zona era pouca ou nenhuma. O que levava grupos de pessoas, a fazerem rituais impróprios no recinto do Santuário «(...) *os inconvenientes resultantes de presença, no Santuário, à noite, de determinados grupos de pessoas que de vez enquanto lá se reuniam e ao qual são atribuídos actos de duvidosa religiosidade*»¹⁷¹ algo que, e como a Santo Tirso TV testemunhou, a 20 de abril de 2020, que ainda continua a acontecer¹⁷².

A pedido de muitos peregrinos foi pensado, em 1993, fazer a construção de sanitários próximos ao Santuário criando assim melhores condições para os visitantes. A obra foi entregue ao construtor civil Joaquim Saldanha que, sabendo a situação económica da Irmandade, se comprometeu a avançar com a construção das instalações sanitárias. As obras avançaram até 1994 altura em que o responsável pela obra, envia uma carta à Irmandade, dizendo «*ser-lhe difícil prosseguir com as obras de construção dos sanitários sem uma contribuição prévia*»¹⁷³. A fim de solucionar o problema para a conclusão das obras nos sanitários, a Irmandade, pediu um empréstimo de 500 mil escudos tendo por destino custear as obras.

No ano de 1996 a Irmandade, detentora de um terreno sem qualquer utilidade, estudou a possibilidade de abrir aquele espaço desocupado aos vendedores ambulantes. (Anexo 25). Pondo fim à dispersão que até então existia, contudo inicialmente instaurou-se a confusão na ocupação dos lugares o que obrigou a Irmandade a proceder à demarcação do lugar onde cada um ficaria e da aplicação taxa correspondente a esse mesmo espaço.

Como o dia 15 é o dia da peregrinação à Senhora da Assunção, onde acorrem muitas pessoas não só de Santo Tirso, mas das outras cidades vizinhas, foi necessário criar áreas de lazer na própria mata. Os escuteiros plantaram muitas árvores, foram criadas zonas de relva, colocadas mesas de pedra, e no interior do monte e junto ao Santuário, foram contratadas pessoas para assegurarem a vigilância e para a limpeza, quer das casas de banho quer da própria mata. Tudo isto foi feito a fim de que os devotos pudessem ter as melhores condições e os peregrinos poderem passar o dia em família e em segurança.

¹⁷¹ AINSA, «Acta nº1 de 09 de julho e 1992», em *Livro de Actas*, 1992-1999, fl. 5v.-6r.

¹⁷² Santo Tirso TV, «Ritual estranho no monte de Nossa Senhora da Assunção», acedido a 20 de setembro de 2022, <https://www.santo-tirso.tv/amp/artigo/1/7069/ritual-estranho-no-monte-da-nossa-senhora-da-assuncao>.

¹⁷³ AINSA, «Acta nº1 de 09 de julho e 1992», em *Livro de Actas*, 1992-1999, fl. 1v.-2r.

Mais recentemente, nos anos 2000, a Irmandade recebeu por doação o constante do legado do pároco de Roriz um apartamento que actualmente se encontra arrendado.

2.3. PIEDADE POPULAR NO SANTUÁRIO

Assim como as pessoas peregrinam individualmente ao santuário a fim de fazerem as suas orações, a peregrinação coletiva também constitui uma forma de oração. Nessas mesmas peregrinações os devotos levam os seus pedidos a fim de serem atendidos e celebrar a dimensão comunitária da fé.

Apesar de serem inúmeras as peregrinações à Senhora da Assunção, creio importante destacar quatro. A de 14 de janeiro de 1899, a de 15 de agosto de 1901 aquando da passagem da Imagem para o novo templo em 1934 e a do culminar do Congresso Mariano de 1951.

2.3.1. A primeira Peregrinação

Enquanto manifestações religiosas as procissões marianas ao Monte da Assunção iniciam-se, em nosso entender, muito antes do dia concreto em que os peregrinos efetivamente cumprem a viagem que separa a vila da Capela situada a meia encosta.

Toda a peregrinação tem no seu centro a imagem de Nossa Senhora da Assunção daí que desde o momento da publicação da notícia a 23 de Julho de 1896, que mostrava o desejo em construir uma capela à Senhora da Assunção, correspondeu a devoção do «*Sr. Manuel Eduardo de Souza, negociante na villa lendo aquelle artigo, declarou que era elle próprio, que ofereceria a imagem*»¹⁷⁴ e cujo fervor fez com que apesar de ainda não haver construção da capela já havia uma imagem para lá colocar.

Como já referimos anteriormente dirigiram-se a Vila Nova de Gaia a um escultor de nome João d'Afonseca Lapa nativo de Vila do Conde onde o devoto doador e o Padre Miguel Miranda, fizeram a encomenda da imagem.

Ao longo da elaboração da imagem, o Sr. Manuel Souza, ia com muita frequência ao atelier acompanhando os passos da esculturação da imagem. Cerca de dois anos depois, em 1898 a imagem ficaria pronta, mas antes da sua peregrinação para Santo Tirso, ficou exposta na Santa Casa da Misericórdia no Porto para que as pessoas contemplassem «*A figura insinuante da Virgem, a naturalidade com que se acham lançadas as roupas, a*

¹⁷⁴ Cf. Pimentel, *Santo thyrsos de Riba d'Ave*, 266.

*atitude dos anjos a expressão dos rostos, tudo demonstra a inspiração e a técnica superior do artista»*¹⁷⁵. A 14 de janeiro de 1899 e, depois de ficar exposta durante algum tempo na cidade Invicta, a imagem partiu de comboio para o seu destino. Segundo o jornal da terra a acompanhar a escultura da Virgem da Assunção, vieram o escultor João d’Afonseca Lapa, o doador da imagem e o pároco de Santo Tirso.

A segunda etapa da primeira peregrinação iniciou-se na estação ferroviária de Santo Tirso à chegada do comboio que trazia a Imagem de Nossa Senhora. À sua espera estava uma multidão de crentes de todos os lugares de Santo Tirso *«a que à chegada, arremessou ao ar girândolas de foguetes»*¹⁷⁶. A imagem seguiu dali para a Igreja matriz, seguida de uma grande multidão. Após a chegada da imagem à Igreja, aí ficou até ao dia seguinte onde se procedeu à sua bênção. Assim *«para festejar este jubiloso acontecimento, tocou à primeira missa a banda Artística Thyrsense, e a missa conventual foi acompanhada a órgão pelo Sr. Ernesto Guimarães»*¹⁷⁷.

Após este momento de grande alegria para os devotos em ter junto a si a imagem, tão esperada, esta ficou no mosteiro até ao dia da sua grande peregrinação a 15 de agosto de 1901 onde foi transferida a imagem para a sua capelinha.

2.3.2. A segunda Peregrinação

A uns dias da tão esperada festa, o jornal local e a Irmandade, anunciam o programa da festa começando no dia 11 de agosto *«dando-se salvas de morteiros e foguetes no alto do monte Córdova»*¹⁷⁸. Na véspera do 15 de agosto, como hoje ainda acontece nas nossas terras e as aldeias onde se preservou esta tradição, uma banda de música percorre as ruas de Santo Tirso a anunciar a chegada do grande dia. Foi espalhada também pela população tirsense, uma saudação dedicada à Senhora da Assunção escrita por Costa Macedo, *«Recordação da primeira romaria ao monte de Nossa Senhora da Assunção no concelho de Santo Tyrso em 15 de agosto de 1901»*¹⁷⁹

¹⁷⁵ Pimentel, 268.

¹⁷⁶ José Bento Correa, «Imagem de Nossa Senhora da Assunção», *Jornal de Santo Thyrsó* 37 (Janeiro de 1899): 2.

¹⁷⁷ Pimentel, *Santo Thyrsó de Riba d’Ave*, 270

¹⁷⁸ José Bento Correa, «Programa de Inauguração», *Jornal de Santo Thyrsó* 14 (Agosto de 1901): 2.

¹⁷⁹ Pimentel, 271.

<p><i>Ó Virgem Nossa Senhora, Doce Mãe dos pecadores, Á luz do teu pranto, - Aurora, Abrolhos rasgam-se em flores.</i></p> <p><i>Virgem Santa, Virgem Mãe, Ó Senhora da Assumpção, Que de romeiros ahi vêm Orar-te com devoção!</i></p> <p><i>Quem navega tudo teme: Noite, nuvens, tempestade... Só tu és seguro leme, Luz d'infinita piedade.</i></p> <p><i>Que importa que a noite escura Encha tudo de tristeza, Se a fé em ti, Virgem Pura, Fôr sempre alampada accesa!</i></p>	<p><i>Agora é linda a capella, Que nos convida á romagem, Porque mora dentro d'ella A tua celeste Imagem.</i></p> <p><i>Crystalino veio d'agua, Que tam perto aqui nasceu, Parece gemer de mágoa, Temendo te leve o Céu:</i></p> <p><i>Que as estrellas, a scismar, Vendo Imagem tam formosa, Podem vir-te arrebatat Pela noite silenciosa.¹⁸⁰</i></p>
--	---

Na manhã do dia seguinte, aquele que seria o grande dia, do qual se disse «o dia de 15 de agosto de 1901 há-de ficar eternamente memorável na villa de Santo Thyrso»¹⁸¹ O dia começa bem cedo e às 3:30 da manhã, ainda o sol não tinha nascido, os mais nocturnos ainda se estavam a deitar só que esses não tiveram muita sorte. A essa hora, a vila acordou ao som de buzinas e bombos. Com esta alegria toda na cidade, até aqueles

¹⁸⁰ Pimentel, *Santo Thyrso de Riba d'Ave*, 271.

¹⁸¹ Pimentel, 272.

que tem o sono mais pesado acordaram. Aos poucos as pessoas «*abriam as janelas e acendiam as luzes como se já fosse dia*»¹⁸².

As pessoas iam saindo de suas casas e iam-se agrupando junto à Igreja matriz, esperando a saída, tão aguardado momento, em que veriam a Mãe de Jesus subir para a casa que para ela foi humildemente construída recordando a própria Assunção da Virgem que sobe ao Céu para a morada preparada pela Santíssima Trindade. Saiu, assim, pouco depois das 4 horas da manhã a bela imagem, como era aclamada pelo povo, foi subindo pela encosta acima seguida de uma grande procissão que percorria um caminho tortuoso, cheio de irregularidades, mas nada que demovesse a fé, a simplicidade, e devoção dos crentes. «*Perguntavam-se aos mais velhos se teriam forças para subir o monte (...) Eles respondiam com coragem Juvenil:*» «*A Senhora da Assunção, p'ra cima dá-nos a mão*»¹⁸³. Depois de algum percurso de procissão, onde a Nossa Senhora era seguida de uma grande multidão de fiéis e apesar de ser acompanhada pela banda que encerrava a procissão, era também pautada por «*um recolhimento cheio de respeito e unção*»¹⁸⁴.

Chegada a S. Miguel do Couto, a Senhora da Assunção, é recebida pelo santo desta terra S. Rosendo que depois de fazer a receção à Senhora da Assunção acompanhou-a até à sua nova capela voltando depois para a sua freguesia. Depois de um longo e árduo caminho marcado por cânticos e orações, como por exemplo, a oração que as mulheres aclamavam:

*Ave Maria!
Virgem-Mãe de Deus!
Nós somos teus filhos,
Somos todos teus.*

*Ave Maria!
Santa Mãe de Deus!
Rogai a Jezus
Pelos filhos teus.*

*Sois cheia de graça,
Sem culpa gerada,
Para ser dos homens
Terna advogada.*¹⁸⁵

¹⁸² Correia, *Senhora da Assunção*, 10.

¹⁸³ Pimentel, *As alegres canções do Norte*, 166.

¹⁸⁴ Correia, *Senhora da Assunção*, 10.

¹⁸⁵ Pimentel, *Santo Thyrso de Riba d'Ave*, 274.

Às 7 horas da manhã a imagem chega ao seu destino. Depressa, enquanto se fecharam as portas para acomodar a Imagem, o recinto encheu. Assim que foram reabertas as portas da capela, as pessoas fizeram fila para ver a imagem, fazendo as suas promessas, e verem a tão esperada capela que foi benzida nesse mesmo dia. Durante todo dia, o monte Córdova encheu-se de muitos peregrinos que foram glorificar a Maria Santíssima, Mãe de Jesus «*durante todo o dia encheram-se de esmolos as bandejas e algumas esmolos avultadas*»¹⁸⁶.

Era tão grande a alegria de estarem junto da Virgem, que quando o sol se ia pondo, as pessoas demoravam a sair «*vagarosamente e a custo*»¹⁸⁷. Deixavam naquele local mais distante da vila a Senhora da Assunção que tanto amavam. Alguns choravam por ter de deixar num lugar que parecia tão distante da vila.

2.3.3. A terceira Peregrinação

Esta terceira peregrinação demonstra a grande alegria para os devotos da Senhora da Assunção. Em 1928 apenas parte do Santuário – até à capela-mor – está terminado, ainda assim será preciso esperar até 1934 para proceder à bênção desta parte, como anteriormente referimos.

É nesse ano que a Irmandade entende, a 15 de agosto de 1934, transportar a Imagem para o Santuário. Para esse importante acontecimento, decide fazer uma peregrinação ainda mais especial para marcar este momento memorável onde «*todo o Concelho de santo Tirso vai viver no próximo dia 15 um dos momentos de mais intensa e pura vibração mística (...)*»¹⁸⁸ Apesar das vicissitudes e contratemplos devido à construção do santuário, que já referimos anteriormente, a Irmandade comunica ao povo Tirsense, através do jornal o que se iria suceder dando a conhecer também, que esta peregrinação, contará com as ilustres presenças «*Arcebispo de Baga, Arcebispo de Ossirinco*¹⁸⁹, *Arcebispo de Évora, Bispo do Porto, bispo de Portalegre e bispo de Bragança*»¹⁹⁰. Para este tão importante dia foi feito o seguinte programa: (Anexo 26)

¹⁸⁶ Pimentel, *Santo Thyrsos de Riba d'Ave*, 266.

¹⁸⁷ Pimentel, 275.

¹⁸⁸ José Gabriel Santarém, «Senhora da Assunção: Inauguração do novo templo», *Jornal de Santo Thyrsos* 13 (Agosto de 1934).

¹⁸⁹ D. João Evangelista de Lima Vidal.

¹⁹⁰ José Gabriel Santarém, «Templo de Nossa Senhora da Assunção: Bênção Solene da Capela-mor», *Jornal de Santo Thyrsos* 12 (Agosto de 1934): 1.

9:30- Partida da peregrinação da atual capela, na Assunção para o novo templo.

11h- Bênção solene do novo templo

12h- Missa rezada, campal, para todos os peregrinos.

12.30- Missa de Pontifical e alocução por S. Ex.^a Revma. o Sr. Bispo de Portalegre

16.30- Exposição do SS. Sacramento, sermão pelo sr. Bispo do Porto e consagração da Diocese à Nossa Senhora da Assunção

Logo a partir deste programa, que segue na íntegra em anexo, vemos que a consagração da diocese do Porto a Nossa Senhora da Assunção tem início aqui em 1934 no alto do monte da Senhora da Assunção.

Esta peregrinação foi a maior do ano começando no dia 12 e estendendo-se até ao dia 15 onde ocorreu, desde uma procissão de 10 horas até à ocorrência de um avião nº 5 da base de S. Jacinto fazer acrobacias «*quási tocando no pára-raios da suntuosa Basílica (...)*»¹⁹¹.

Terminada esta peregrinação ansiava-se por outra maior quando este Santuário, estivesse realmente todo concluído¹⁹². Realmente não demorou muito para chegar outra grande peregrinação, mas esta ainda não será comemorativa da conclusão do Santuário.

2.3.4. A quarta Peregrinação

Esta quarta peregrinação foi memorável porque conteve uma chave de ouro. Encontramo-nos no primeiro aniversário da proclamação do dogma da Assunção de 1950. E Santo Tirso recebe, para o efeito, entre os dias 11 e 15 de agosto o congresso Mariano que assinalava também o quinquagésimo aniversário da transferência da Imagem da Senhora da Assunção para a sua capelinha. Por este aniversário¹⁹³ e o facto do Congresso Mariano acontecer em Santo Tirso, o Jornal e a comissão organizadora incentivavam as pessoas a receberem os venerados bispos «*No dia 11 de agosto, portanto de sábado a oito dias vai a sede do nosso concelho, a donairoza e esbelta vila de Santo Tirso, ter a grande honra*

¹⁹¹ José Gabriel Santarém, «N. Senhora da Assunção: As pomposas Solenidades», *Jornal de Santo Thyrsó* 14 (Agosto de 1934).

¹⁹² José Gabriel Santarém, «Senhora da Assunção», *Jornal de Santo Thyrsó* 13 (1934)

¹⁹³ José Gabriel Santarém, «N. Senhora da Assunção: A peregrinação Anual- Congresso Mariano», *Jornal de Santo Thyrsó* 14 (Agosto de 1951): 1.

*de receber dentro dos seus muros os dois venerados Bispos da Diocese, Suas excelências Reverendíssimas o Sr. D. Agostinho de Jesus e Sousa e o Sr. D. Policarpo da Costa Vaz, e, quase com certeza mais alguma das respeitáveis figuras do episcopado Português (...)*¹⁹⁴ por isso as pessoas eram convidadas a manifestar esta alegria da presença deste tão importante evento pondo sinais em suas casas desta alegria.

Depois destes três dias de congresso, para o seu encerramento, realizou-se uma «*grandiosa procissão de velas e aquela assombrosa e chocante visão, quási sobrenatural*»¹⁹⁵. Num dia de sol onde a Imagem era tão brilhante como o sol, e agora com um novo andor doado por um devoto, esta procissão percorreu as ruas de Santo Tirso em direcção ao Santuário. Esta procissão era seguida por uma multidão de cerca de «*50 mil devotos*»¹⁹⁶ que subiam debaixo do sol e sem nunca perder o fervor, aquela montanha santa numa procissão de 3 horas duração. As difíceis condições do terreno, não foram motivo para os devotos deixarem de participar. O ponto culminante foi o facto de à chegada terem 50 mil pessoas agitar lenços brancos «*o dia 15 de agosto de 1951, ficará para sempre como data gloriosa para Santo Tirso.*»¹⁹⁷

¹⁹⁴ José Gabriel Santarém, «N. Senhora da Assunção», *Jornal de Santo Thyrsó* 14 (1951): 1.

¹⁹⁵ Aurélio Botelho Moniz, «Data Gloriosa para Santo Tirso», *Jornal de Santo Thyrsó* 16 (Agosto de 1951): 1.

¹⁹⁶ Moniz, «Data Gloriosa», 1.

¹⁹⁷ Moniz, 3.

CAP. 3 – A RELIGIOSIDADE, O CULTO MARIANO E OS SANTUÁRIOS EM PORTUGAL

Ao longo do tempo a sociedade vai sofrendo mutações e a demonstração da fé das pessoas vai sofrendo igualmente alterações. Assim religiosidade vai-se desenvolvendo de modo diferente com o passar do tempo tendo cada pessoa a sua própria forma de manifestar a sua crença. O surgimento de variadas religiosidades é fruto, como referimos anteriormente, de uma cultura também em mudança andando assim estes dois termos em perfeita união, isto é, a religiosidade como forma de relação com a transcendência enquanto fenómeno que se enraizou perfeitamente na cultura¹⁹⁸. Devido a estas mudanças culturais e de religiosidade, o culto passa também a estar vulnerável a transformações de vária ordem uma vez que «*com definição apenas aproximada poderíamos dizer que o culto consiste no sistema de variadas acções simbólicas (...).*»¹⁹⁹

3.1. A RELIGIOSIDADE EM PORTUGAL

Vivemos um tempo de constantes mudanças no nosso mundo que afectam a sociedade não só a nível cultural, mas também económico, político. No campo da religiosidade em Portugal apesar de se tratar de um país laico, tem havido um esforço para legislar no sentido de garantir um conjunto de direitos como por exemplo a liberdade religiosa²⁰⁰.

O fenómeno religioso que antigamente ritmava a vida da sociedade, hoje já não se faz assim tão presente. Vemos um sentimento de perda dos valores que afectam a matriz, tradicionalmente, cristã da sociedade ocidental e influenciam o conceito de comunidade²⁰¹. Existem hoje, dois termos que não têm o mesmo sentido: a paróquia e a comunidade: a paróquia enquanto aquela estrutura que agregava em torno dela uma comunidade local mantendo-a organizada, o que ajudava na estruturação dos territórios uma vez que os cristãos participavam ativamente na vida da paróquia. A comunidade, pois, como não havia ainda muitos desenvolvimentos a nível cultural, as pessoas acabavam por viver umas para as outras dando o sentido de coesão e fazendo com que «a

¹⁹⁸ Javier Martinez Cortés, «Religiosidade Popular», em *Dicionário de Pastoral*, ed. Cassiano Floristan et al. (Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1990), 469.

¹⁹⁹ Juan Martín Velasco, «Devoção Mariana», em *Dicionário de Mariologia*, editado Stefano de Fiores e Salvatore Meo (São Paulo: Paulus, 1995), 394.

²⁰⁰ Cf. Lei da Liberdade religiosa, 2001.

²⁰¹ Cf. J. J. Castillo, «Comunidade», em *Dicionário de Pastoral*, ed. Cassiano Floristan et al. (Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1990), 102 – 105.

comunidade centrava-se na igreja matriz, exactamente por ser a sua mãe de onde emanava a sua vida (...)»²⁰².

O próprio desenvolvimento dos aglomerados populacionais que, como era normal na época, iam crescendo em torno das Igrejas paroquiais pois estas, organizavam o dia a dia do povo «*este chapéu religioso, enformava todas as esferas sociais e que pautava a vida social*»²⁰³.

Através do toque dos sinos, naqueles anos antes do século XX, o sentimento de comunidade era muito importante, pois era o local onde se criavam e transmitiam as tradições de geração em geração. O pároco, responsável por uma dada Igreja, acabava por estar próximo do povo, e falamos que naquela altura, o sacerdote era dos poucos habitantes com estudos, o que fazia que houvesse respeito por ele, pois era um homem de Deus. «*O Padre, (...) seria tomado com respeito pelo povo, nem que fosse pelo medo das consequências de desobediência*»²⁰⁴. Este facto, fazia com que o padre fosse também por vezes, mal visto. «*O povo ressentia-se contra o padre, pela sua posição privilegiada dentro da aldeia e mediano entre Deus e os homens (...)*»²⁰⁵.

Viver em comunidade acabava por fazer que ninguém estivesse só, algo que com a rápida mudança que o século XX trouxe, fez com que o sentido de comunidade se comesse a perder no tempo, pois a partir dos anos 1960, a emigração e o atenuar do sentimento de pertença que se vive no mundo rural, tornaram-se muito acentuados: a emigração, o desenvolvimento rural, a mudança de rumo político (1974), a entrada de Portugal para a comunidade económica Europeia (1986).

O catolicismo em Portugal, segundo José Coutinho, vai variando de região para região: «*Lisboa (e Vale do Tejo) tem uma taxa de urbanização muito semelhante às do Norte e do Centro, mas, nestas regiões, o peso dos católicos é claramente superior e o peso dos sem religião é claramente inferior.*»²⁰⁶. Logo entre Lisboa, Norte e Centro o catolicismo tem se mantido equilibrado. Um dos problemas, apesar do equilíbrio referido, é que o cristianismo atravessa uma crise onde sobressai cada vez mais o individualismo dando origem ao nascimento de um conceito de religião à medida de cada um: «*o impacto*

²⁰² José Pereira Coutinho, «A religiosidade em Portugal: caracterização, comparação e evolução», *Religião e Sociedade* 39, n. 3 (2019): 59, <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872019v39n3cap03>.

²⁰³ Coutinho, «A religiosidade em Portugal: caracterização», 59.

²⁰⁴ José Pereira Coutinho, «A religiosidade em Portugal: perspectiva de longo prazo», *Revista Brasileira de História das Religiões* 12, n.º 35 (2019): 143, <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v12i35.47641>.

²⁰⁵ Coutinho, «A religiosidade em Portugal: perspectiva», 142.

²⁰⁶ Coutinho, «A religiosidade em Portugal: caracterização», 60.

*da individualização no fenómeno religioso e nítido»*²⁰⁷ e porquê? Pois, começa a surgir uma desvalorização daquilo que é a tradição o que faz com que a própria religiosidade tradicional, transmitida pelos nossos pais e avós, comece a cair no esquecimento não só talvez, pela exigência da mensagem de Jesus, mas também pela educação cada vez mais laica.

O segundo passo, passa pela revolução espiritual²⁰⁸, como já referimos anteriormente, ter uma religiosidade à nossa medida levando à «bricolage religiosa» devido ao pluralismo e oferta da religiosidade. Os primeiros responsáveis pela transmissão da fé, não são os catequistas, ou aqueles que frequentam a catequese, mas são os pais. Os pais das crianças/jovens são a chave dessa transmissão. Segundo José Coutinho, «*vários estudos empíricos confirmam que a religiosidade dos pais influencia positivamente a religiosidade infantil.*»²⁰⁹. Os pais deveriam ser uma peça fundamental no processo de transmissão da fé. E porquê já não o são? No mundo em que vivemos marcado pela azáfama do dia a dia, aquilo que era essencial no passado como, por exemplo, a transmissão da fé passa a ficar para um plano secundário o que provoca uma profunda descontinuação. Hoje, transmite-se a fé, não por se sentir essa necessidade, mas por conveniência, isto é, «*apenas pela sua utilidade*»²¹⁰. Estes problemas têm o seu início, no nosso entender, quando se perde o sentido da importância de pertencer a uma comunidade.

De entre estes existe o peregrino aquele que pratica uma devoção continuada. Aquele que todo ele vive para Deus. Este devoto peregrino, vive quer no seu exterior e interior para Deus e constitui-se um «*homem religioso por excelência*»²¹¹. É aquele que recebe a transmissão da fé de seus pais e procura aprofundar esse dom recebido não ficando pelo superficial. Segundo os dados estudados, Portugal, encontra-se acima da média relativamente à pertença católica quando comparado com os outros países europeus é o local onde ainda se mantém a matriz católica. Mas que factores explicam a preponderância da afirmação, em sede censitária, do povo português como maioritariamente católico? Tal cenário apresenta-se em contraciclo com os restantes países da Europa onde por via dos fenómenos como a secularização e a laicização dos

²⁰⁷ Coutinho, «A religiosidade em Portugal: caracterização », 60.

²⁰⁸ Cf. Helena Vilaça e Maria João Oliveira, *A religião no espaço público português* (Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2019), 118.

²⁰⁹ Coutinho, «A religiosidade em Portugal: caracterização», 60.

²¹⁰ Coutinho, 61.

²¹¹ Coutinho, 62.

estados, o peso do catolicismo na sociedade tem vindo a decrescer. A razão pode encontrar-se na forte ligação do povo à fé cristã fruto de um passado, ainda recente, onde os valores de Deus, Pátria e Família foram amplamente difundidos ao longo de mais de quatro décadas.

A este respeito, é nossa convicção, o que aconteceu no século IV com Constantino, em que o catolicismo passou a ser a religião oficial do império, aconteceu, de modo análogo, no nosso país com Salazar onde o ideário católico passou a estar amplamente ligado à concepção política do Estado Novo. Como referem Helena Vilaça e Maria João Oliveira “*Essa homogeneidade religiosa no sentido em que a população portuguesa se declara maioritariamente católica, é parcialmente explicada pelo tipo de regime político que funcionou até 1974*”²¹².

Apesar dos indicadores que referimos existe um decréscimo no que respeita à prática religiosa devido certamente à falta de tempo que tem como pano de fundo o desinteresse religioso, etc.

Aquela que diz respeito à prática dominical, isto é, à participação regular na celebração do sacramento da Eucaristia, passou para segundo plano, pois com a azáfama e talvez algum desinteresse, acabam por destruir a própria vida comunitária e o respetivo sentimento pertença religiosa. Portugal encontra-se em 7º lugar, depois da Polónia, Malta, Irlanda, Lituânia, Itália no que respeita ao religioso²¹³. Apesar disso, Portugal está ligado, como sabemos, ao cristianismo, desde a sua fundação, embora que esta vinculação tenha «tremido» na primeira metade do século XIX com o liberalismo e depois no século XX com a I República, o Estado Novo e o aparecimento de Nossa Senhora em Fátima, inverteram esta tendência de perda da cristandade.

Olhando para estes dados a Igreja deve reagir o mais rapidamente possível. Estamos perante um quadro em que a estrutura eclesial tem de se aptar ao tempo que vivemos. Acompanhar a história, a fim de fazer frente à «*concorrência de outras confissões religiosas*»²¹⁴. Temos de estar atentos pois devido à individualização, à emigração, aos trabalhos precários, podem trazer ou fazer permanecer, quer os jovens quer os adultos para que, «*no calor comunitário encontrem remédio para os seus receios*»²¹⁵, é isto, o que faz de nós Igreja como apoiar o outro, mesmo sem o conhecer,

²¹² Vilaça e Oliveira, *A religião*, 56.

²¹³ Cf. Coutinho, «A religiosidade em Portugal: caracterização», 69.

²¹⁴ Coutinho, 70.

²¹⁵ Coutinho, 74.

dar-lhe um ombro quando, no mundo dele, tudo parece desabar. Sabemos que o caminho não é fácil, mas é necessário sair, ir ao encontro ouvi-los e responder-lhes às questões não só dos jovens, mas de todo o povo de Deus.

3.2. DEVOÇÃO MARIANA EM PORTUGAL

Depois do caminho percorrido, no primeiro capítulo, sobre a história do dogma, centremo-nos em Portugal. Apesar dos altos e baixos que a cristandade em Portugal possa ter passado e esteja a passar, o nosso país sempre foi muito devoto especialmente a Nossa Senhora, Mãe de Jesus, Mãe dos homens.

Esta devoção popular, está sedimentada em três pontos essenciais: a fé, no que respeita às verdades sobre Nossa Senhora; a confiança, na sua proteção e intercessão junto de Deus e a alegria marcada nas celebrações religiosas à Mãe de Deus uma vez que «*o que realmente iria vir ao de cima, como alma espiritual da nação, seria a devoção popular*».²¹⁶

Apesar da longa presença do cristianismo no mundo não conseguimos datar com precisão a sua origem no contexto ibérico. Sabemos que este entrou na península ibérica através do império Romano onde, «*desde as épocas pré-romanas*»²¹⁷, existia um panorama religioso muito heterogéneo orientado para o politeísmo²¹⁸, que tinha a sua prática nos campos onde faziam as suas oferendas aos deuses que mais lhes convinham.

Nos primeiros séculos, nos territórios onde viria a ser Portugal, haveria «duas tendências» uma em Évora havendo uma grande variedade de deuses e outra mais a Sul onde se constava apenas uma divindade²¹⁹.

Apesar destas referências ainda não conseguimos datar com precisão as origens do cristianismo neste espaço, o que sabemos é o que a história e as tradições²²⁰, nos trouxeram. Uma primeira tradição fornece-nos uma possível explicação destas origens,

²¹⁶ Dias «A Devoção», 233.

²¹⁷ Ana Maria C. M. Jorge, «A procura do Deus Único: Convivência Religiosas um desafio Multissecular», em *História religiosa de Portugal*, dirigido por Carlos Moreira Azevedo (Rio Mouro: Círculo de Leitores, 2000), 13.

²¹⁸ Cf. Jorge, «A procura do Deus Único», 13.

²¹⁹ Cf. Jorge, 13.

²²⁰ Cf. Jorge, 18.

que remonta a S. Paulo e à sua carta aos romanos, escrita por volta do ano 57, mostrando o seu desejo de passar pela Hispânia²²¹.

Outra tradição remonta a São Tiago (anexo 5) e à sua passagem sua pela península ibérica e a consequente evangelização por volta do século VIII. Apesar destas tradições, as notícias mais antigas que nos chegam do cristianismo, estão presentes em Ireneu de Leão no seu tratado “*Adversus Haereses*” onde refere que «*a fé se transmitiu a todo o universo apesar da sua diversidade de povos (...).*»²²².

Já Portugal como reino em 1143, com o tratado de Zamora. «*Portugal, país predominante católico, apresenta, neste campo da devoção a Nossa Senhora, uma história secular e glorificante que arrancou logo nos primórdios da Nacionalidade e se sedimentou e alargou, sobretudo, com a restauração no século XVII*»²²³. Os ambientes que íamos vivendo no nosso país, influenciaram a cristandade no nosso território e isso devemos à devoção de nosso primeiro Rei de Portugal, D. Afonso Henriques. Foi por este rei que entrou a devoção a Nossa Senhora. «*Não duvidamos, por isso, ir buscar á vida do primeiro rei portuguez, tão intimamente consubstanciado com a consciência dos seus companheiros de armas, a origem do culto de Nossa Senhora em Portugal.*»²²⁴

Posto isto, achamos importante falar da devoção a Nossa Senhora, em três idades, a fim de percebermos a devoção atual:

Nos séculos X a XV, em plena Idade Média, há um grande aumento da devoção a Nossa Senhora «*desde a liturgia às artes*»²²⁵. Outro factor que veio fomentar esta devoção a Nossa Senhora foram as aparições e os milagres. Um dos milagres, por exemplo, remonta a D. Afonso Henriques «*El- Rey Dom Afonso Henriques logo desde menino foi posto debaixo do amparo da bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus Senhora Nossa, por cuja revelação e intercessão alcançou a saúde das pernas*».²²⁶

A idade Moderna (XVI a XVIII) como falamos anteriormente, está marcada pelas reformas protestantes e a sucessiva «*ridicularização das práticas devocionais ao culto de Maria*»²²⁷. Embora seja uma heresia, o jansenismo, no século XVII, contribuiu para a

²²¹ Cf. Rm 15, 24.

²²² Jorge, «A procura do Deus Único», 17.

²²³ Dias, «A Devoção», 227.

²²⁴ Alberto Pimentel, *A História do Culto a Nossa Senhora em Portugal* (Lisboa: Livraria Editora, 1958), 2

²²⁵ Dias, 227.

²²⁶ António Brandão, *Terceira Parte da Monarquia Lusitana* (Lisboa: Mosteiro de S. Bernardo, 1632), 74.

²²⁷ Dias, 229.

devoção a Maria pois obrigou os cristãos a repensar o lugar da Mãe de Deus na vida dos crentes e na práxis da Igreja. Embora as controvérsias que a Igreja enfrentava com as reformas protestantes e alguma desconfiança por parte do povo, face à vida que o clero levava, e a impreparação do clero face às situações, foi na Idade Contemporânea, que se atingiu o auge da devoção Mariana, criando-se os meses de devoção a Maria, novas festas como, por exemplo, a festa do Imaculado Coração de Maria, entre outras. Mas acima de tudo o que veio marcar mesmo o auge da devoção a Maria, foram as aparições de «*Rue du Bac, Paris, 1830; La Salette (1846), Lourdes (1858) e Fátima (1917)*»²²⁸.

Mas mesmo com este aumento de devoção o século XX, o seu início se mostrou adverso à Igreja e ao catolicismo «*(...) no princípio, a propaganda republicana veio, agravar a situação da Igreja (...)*»²²⁹. Não nos esqueçamos que foi nesta altura que entra em vigor a lei da separação entre Igreja e Estado (1911), o que agrava um pouco mais a situação religiosa no nosso país.

Devido às rápidas mudanças do século XX, as pessoas passavam a estar mais dedicadas à economia, à busca de riquezas, à acumulação de bens levando a sociedade a uma azáfama total, que levou a que todas as questões espirituais e a busca de Deus ficassem de parte. Foi «*historicamente, só a partir da revolução de Sidónio Pais, é que o catolicismo começaria a recompor-se ganhando liberdade e pujança após a revolução de 28/V/1926*»²³⁰.

Muitos pensavam que o catolicismo, devido ao tempo adverso, ia terminar rapidamente, triunfando o laicismo. Mas isso não aconteceu. Como exemplo desta devoção, basta olharmos para todo o nosso país e verificamos essa presença Mariana. Segundo o artigo publicado na Revista da Faculdade de Letras²³¹, e segundo o livro de Maria do Rosário²³², em 18 dioceses, há 134 Santuários três destes que pertencem à trilogia de Santuários Marianos Nacionais (Vila Viçosa, Sameiro e Fátima) que viram consagrado este estatuto na época moderna. Vejamos a seguinte tabela:

Santuários Nacionais	3	Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa; Nossa Senhora da Conceição do Sameiro; Nossa Senhora de Fátima.
Dioceses:	18	134 Santuários e outros centros de devoção Mariana
Algarve	3	Senhora da Piedade (Mãe Soberana);

²²⁸ Dias, 229.

²²⁹ Dias, 232.

²³⁰ Dias, 232.

²³¹ Dias, 242-248.

²³² Maria do Rosário Barardo, *Santuários de Portugal: Caminhos de fé* (Águeda: Artes Tipográficas, 2015).

		Senhora da Rocha; Senhora do Pé da Cruz.
Aveiro	4	Nossa Senhora de Vagos; Senhora do Socorro em Albergaria-a-Velha; Senhora do Amor Admirável em Ílhavo; Nossa Senhora Auxiliadora de Mogofores.
Beja	7	Nossa Senhora da Graça; Senhora de Guadalupe, Serpa; Senhora das Relíquias, Vidigueira; Senhora da Rosa, Cuba; Senhora das Dores, Santiago do Cacem; Senhora das Salvas, Sines; Senhora de Ara-caeli,
Braga	17	Senhora do Sameiro; Senhora da Abadia, Amares; Senhora do Livramento, Vilar, Terras de Bouro; Senhora da Penha e Senhora da Lampinha, Guimarães; Senhora da Franqueira, Barcelos; Senhora da Aparecida, Balugães; Senhora do Porto d'Ave, Póvoa de Lanhoso; Senhora do Carmo, Famalicão; Senhora da Fé, Vieira do Minho; Senhora da Saúde, Laúndos; Senhora da Assunção e Senhora das Dores, Póvoa do Varzim; Senhora da Guia e Senhora do Socorro, Vila do Conde; Senhora do Bom Despacho, Cervães; Senhora do Alívio, Soutelo — Vila Verde; Senhora do Antime, Fafe
Bragança	11	Nossa Senhora das Graças, Bragança; Senhora de Balsamão, Chacim, Senhora da Assunção, Vilas Boas — Vila Flor; Senhora da Serra, Rebordão; Senhora do Nazo; do Caminho, Mogadouro; Senhora dos Remédios, Tuizelo — Vinhais; Senhora da Ribeira, Quintanilha; Senhora do Viso, Serapicos; Imaculado Coração de Maria, Cerejais — Alfândega da Fé; Nossa Senhora dos Montes Ermos, Freixo de Espada à Cinta; Nossa Senhora da Assunção, Moncorvo.
Coimbra	12	Senhora do Bom Sucesso, Soure; Senhora da Encarnação, Buarcos; Senhora da Tocha; Senhora das Vitórias, Montemor-o-Velho; Senhora das Precas, Aldeia das Dez; Senhora da Piedade, Tábua e Lousa; Senhora do Parto, Pampilhosa da Serra; Senhora do Monte Alto, Arganil; Senhora da Natividade, Luso e Vila Nova de Poiares; Senhora do Pranto, Dornes; Senhora da Guia, Avelar; Senhora do Cardai, Pombal
Évora	5	Senhora de Vila Viçosa, Nossa Senhora do Castelo, Coruche; Senhora da Boa Nova, Terena — Alandroal, referida nas Cantigas de Santa Maria; Senhora das Brotas, Mora; Senhora da Visitação, Montemor-o- Novo; Senhora de Aires, Viana do Alentejo, famosa no Baixo Alentejo com duas peregrinações anuais; Senhora do Carmo, Agarifa — Évora
Guarda	5	Senhora da Póvoa, Penamacor; Senhora da Ajuda, Malhada Sorda — Almeida; Senhora das Dores, Paul — Covilhã; Senhora do Carmo, Teixoso — Covilhã; Senhora do Incenso, Penamacor.

Lamego	8	Nossa Senhora dos Remédios; Senhora da Lapa; Senhora de Cárquere; Senhora da Piedade, Armamar; Senhora da Ajuda, Vila da Ponte; Senhora da Ouvida, Monteiras — Castro d'Aire; Senhora da Paz, Vila Cova à Coelheira — V. N. de Paiva; Senhora da Veiga, V. N. de Foz Coa.
Leiria	2	Além do Santuário de Fátima, Nossa Senhora do Fetal, Batalha; Senhora da Encarnação, Leiria.
Lisboa	5	Nossa Senhora da Luz, Carnide; Senhora da Rocha, Carnaxide; Senhora da Merceana, Olhalvo — Alenquer; Senhora da Nazaré, Sítio — Nazaré; Senhora dos Remédios, Peniche, para além dos monumentos nacionais de Santa Maria de Belém e de Alcobaça.
Portalegre	6	Senhora da Penha Portalegre e Castelo de Vide; Senhora do Almortão, Idanha-a-Nova; Senhora dos Remédios, Sertã e Ponte de Sor; Senhora de Mércules, Castelo Branco; Senhora da Piedade e da Serra, Castelo de Vide; Senhora da Estrela, Marvão, Senhora da Flor da Rosa, Crato.
Porto	14	Senhora da Vandoma, da Silva e da Lapa, Porto; Monte da Virgem, V. N. de Gaia; Senhora das Neves, Azurara; Senhora das Dores, Trofa; Senhora da Assunção, Santo Tirso; Senhora do Castelinho, Marco de Canavezes; Senhora do Salto, Aguiar de Sousa; Senhora dos Chãos, Bitarães; Senhora da Aparecida, Torno — Lousada; Senhora do Pilar, Paços de Ferreira; Senhora da Saúde, Carvalhos; Senhora da Mó, Arouca; Senhora de La Salette, Oliveira de Azeméis; Senhora da Saúde, Castelões — Vale de Cambra
Santarém	2	Nossa Senhora da Saúde; Senhora da Piedade, Santarém e Tomar.
Setúbal	6	Senhora do Bom Sucesso, Cacilhas; Senhora da Boa Viagem, Moita do Ribatejo; Senhora de Tróia, Comporta — Alcácer do Sal; Senhora da Arrábida, Azeitão; Senhora da Atalaia, Montijo; Senhora do Cabo, Cabo Espichel — Sesimbra
Vila Real	9	Senhora da Graça, Mondim de Basto; Senhora das Candeias, Canelas do Douro; Senhora da Piedade, Sanfins do Douro; Senhora da Cunha, Alijó; Senhora da Azinheira, S. Martinho d'Anta e Outeiro Seco; Senhora do Viso, Fontes — Sta. Marta de Penaguião; Senhora da Saúde, S. Lourenço — Sabrosa, Valpaços, Vilar de Perdizes, Viade, S. Pedro de Agostém; Senhora da Livração, Boticas.
Viana do Castelo	10	Senhora do Minho, Serra d'Arga; Senhora da Agonia, Viana; Senhora da Vinha, Areosa; Senhora das Neves, Mujães e Correlhã; Senhora do Carmo e das Neves, Castelo de Neiva; Senhora da Boa Morte, Correlhã; Senhora das Rosas, Vila Franca; Senhora da Bonança, Vila Praia de Âncora; Senhora da Paz,

		Barrai — Ponte da Barca; Senhora da Peneda, Gavieira — Arcos de Valdevez.
Viseu	8	Senhora do Castro; Senhora Dolorosa, Ribeiradio; Senhora da Graça, Fornos de Algodres; Senhora dos Milagres, Muxagata; Senhora do Castelo, Vouzela e Mangualde; Senhora da Saúde, Várzea de Lafões; Senhora da Conceição, S. Pedro do Sul; Coração de Maria, Castelões.

3.3. SANTUÁRIOS À LUZ DA PIEDADE POPULAR E LITURGIA

Antes de abordarmos este tema acreditamos ser necessário fazer uma breve exposição do significado do conceito de piedade/religiosidade popular. Entendemos piedade popular como o conjunto das manifestações de fé em Deus por parte um povo.

Esta piedade popular é muito diversificada, não sendo manifestada sempre da mesma forma, mas estas manifestações marcam o campo da fé e *«embora não façam parte da liturgia estas estão em harmonia com ela (...)»*²³³. Estas manifestações de piedade tornam-se de fácil identificação, pois, os crentes as mostram de diversas formas através de objectos sagrados que podem significar esta fidelidade. O Dicionário Espanhol de Teologia Bíblica²³⁴ refere que piedade, no Antigo Testamento, do hebraico (*hesed*) manifesta-se em actos, sendo também uma ajuda ao próximo *«que une a parientes»*.

Segundo o Novo Testamento, a piedade de Deus é manifestada no Seu Filho Jesus Cristo. Por fim sobre esta definição, *«usamos o conceito de religiosidade para o fundo comum, de toda a humanidade e utilizamos o de Piedade para dizer o que mais pertence aos cristãos (...) com Paulo VI começou-se a distinguir: Religiosidade para todos e piedade para os fiéis cristãos.»*²³⁵.

Relativamente ao termo «Popular», leva-nos a pensar que diz respeito apenas aos mais humildes fruto de uma sociedade que associa este termo, talvez às classes mais baixas *«ou por vezes referimo-nos que menos frequentemente utiliza a inteligência para as suas práticas»*²³⁶. Mas se olharmos à nossa volta, não é só o “povo” que utiliza este conceito de piedade. Basta olharmos o exemplo dos jogadores de futebol que se benzem

²³³ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, «Terminologia».

²³⁴ Marc-François Lacan, «Piedad», em *Vocabulário de Teología Bíblica*, ed. Xavier Léon-Dufour, 4ª ed., (Barcelona: Editorial Herder, 1967), 615-616.

²³⁵ José da Silva Lima, «Maria e os Santos na religiosidade Popular», em *Boletim de Pastoral Litúrgica* 157 (2015): 12.

²³⁶ Lima, «Maria», 12.

antes de um jogo por isso acreditamos que o termo “popular” se estende a todos o que faz que *«a religiosidade popular é de todos, não apenas dos povos oprimidos»*²³⁷.

Muitas vezes ficamos atónitos com a grandeza dos Santuários. O que nos leva a reflectir sobre o quanto somos pequenos perante a grandeza de Deus. Perante esta grandeza que nos transporta para o silêncio interior; os sentimentos, angústias, preocupações tornam-se pequenos perante Aquele que tudo suportou por nossa causa! *«O que Deus oferece uma vez não repete, mas fá-lo surgir do silêncio de uma dádiva»*²³⁸. Maria no silêncio, escutou a voz do anjo que lhe anunciava os desígnios que Deus tinha para Ela.

Muito mais importante que a grandeza que o Santuário de pedra nos possa mostrar, existe um ainda maior: o ventre de Maria, (Lc 1, 28-38), logo após esta anunciação aquela humilde casa, onde Maria habitava, tornou-se também um local sagrado (templo) pois lá habitava a escolhida por Deus. *«Do poço daquela misericórdia, brotou a nova criação»*²³⁹.

Logo depois desta anunciação o «Santuário», que era Maria, pôs-se a caminho. Este simples facto de pôr-se a caminho, percorrendo *«entre o povo da galileia, da Samaria e da Judeia»*²⁴⁰ além de nos mostrar a primeira peregrinação de Jesus, mostra-nos que o Santuário não se fechou com o anúncio, mas pelo contrário abriu-se à relação.

Através dos Santuários, Deus e Maria, entram nas mais desconhecidas terras marcando a sua presença pois *«O seu Santuário anda no meio do mundo, com tantos nomes e sob tantas invocações»*²⁴¹. A presença destes Santuários por todo o nosso país, mostra-nos o quão fácil é estar, entrar e escutar a voz de Deus que está presente em todos os Santuários, independentemente da sua dedicação.

O Santuário funciona como um local onde se pode procurar a força para a caminhada quotidiana, edificando-nos como templo para o outro. Onde o outro possa ver o rosto de Cristo em nós. Podemos procurar e estar com Deus sem ser num Santuário, mas estar dentro de um, é outra experiência. Estar diante do Santíssimo olhá-Lo e escutá-Lo é uma experiência totalmente diferente. Não vamos ao Santuário na esperança de que este nos transmita, por si só, a misericórdia Divina. Dirigimo-nos a um Santuário na

²³⁷ Lima, 13.

²³⁸ Lima, «Peregrinação», 83.

²³⁹ Lima, «Peregrinação», 85.

²⁴⁰ Lima, 86.

²⁴¹ Lima, 91.

disposição de me deixar tocar e evolver pela misericórdia de Deus mesmo sendo dedicado a Nossa Senhora, neste caso à Senhora da Assunção, Ela intercede por nós a seu Filho. Tal como o templo se ergue no monte, não por sua própria iniciativa, do mesmo modo o mistério da Assunção de Maria descreve uma elevação ao alto, não por iniciativa de Maria, mas por iniciativa de Deus.

A piedade, com o passar dos anos, tem sofrido alterações uma vez que a Igreja tem vindo a incentivar os seus fiéis à devoção para que esta não se perca ainda mais. Este incentivo feito pela parte da Igreja e seus «*ministros sagrados, religiosos e fiéis leigos*»²⁴², é um incentivo «saudável», isto é, à luz de vários princípios e de forma exemplar.

Aqueles que se consideram mais «adultos» na fé, devem ajudar os outros membros da comunidade de onde fazem parte, pois, «*os Santuários, respeitam a piedade popular, isto é, as motivações que levam os próprios peregrinos a deslocarem-se a estes locais.*»²⁴³

A piedade popular, no caso particular a Nossa Senhora, tem ao longo do tempo, vindo a assumir várias nuances. Mas embora existindo diferenças de região para região, o povo crente tem bem presente a relação essencial entre Maria e Seu Filho.

Ela, Maria, aparece como mediadora de todas as graças, sendo que a salvação, ou graça para o crente, não parte dela, mas de Seu Filho: «*os fiéis compreendem facilmente a relação vital que une o Filho à Mãe*»²⁴⁴. É preciso educar os crentes para o facto de Maria aparecer como mediadora que olha para os seus filhos com olhar materno e intercede por eles.

Assim a piedade Mariana, devido à sua importância, constitui uma fonte de inspiração, mas com um único objetivo: Louvar o Senhor. Daí que seja importante que os sacerdotes, no meio dos seus afazeres, acompanhem esta piedade que, por vezes, se pode tornar um «totalmente à parte» da liturgia uma vez que de «*De facto a piedade popular não adverte por vezes a hierarquia na santidade e nem discute a Trindade*»²⁴⁵. Há normas que devem ser cumpridas e dadas a conhecer aos fiéis para que estes possam adaptar os seus exercícios de piedade às normas da Igreja, com o objetivo de uma relação saudável e única.

²⁴² Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, «A veneração à Santa Mãe do Senhor», em *Diretório sobre a Piedade Popular e a Liturgia: Princípios e Orientações*, (Lisboa: Paulinas, 2003), 145.

²⁴³ Barardo, *Santuários*, 17.

²⁴⁴ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, «A veneração», 145.

²⁴⁵ Lima, «Maria e os Santos na religiosidade Popular», 17.

A Piedade Mariana nasce da devoção do povo à intercessão e ao carinho que Nossa Senhora tem pela humanidade ou por pronunciamentos do magistério da Igreja que, por sua vez, integram o calendário litúrgico Romano ou o calendário litúrgico de cada diocese. Uma vez que Maria está associada ao mistério de seu Filho, não pode ser celebrado de forma que não esteja em união com as normas da liturgia. A devoção a Maria é feita todo o ano, mas esta devoção tem dias e até meses específicos.

Embora as razões para o seu estabelecimento sejam desconhecidas podemos citar o exemplo do Sábado onde a celebração mariana e «*desta memória remonta certamente à época carolíngia*»²⁴⁶. Outro desses dias é o dia 13 de cada mês que nos recorda as aparições de Nossa Senhora em Fátima, data em que os fiéis se reúnem para oração de cariz mariano.

Para além destes dias, quer o sábado quer os dias 13, o mês mais significativo dedicado a Maria, no costume ocidental é o mês de Maio chamado o mês de Maria, já em algumas regiões do hemisfério sul é o mês de novembro «*difundida em várias Igrejas, tanto no Oriente como no Ocidente*»²⁴⁷. Estes são chamados os meses «*intocáveis*» pois causariam muito desconforto aos devotos se caso fossem retirados.

Então para evitar problemas com os fiéis, o que seria muito perigoso, a Congregação para o Culto Divino, pede que haja uma conciliação entre o mês de Maria e o ano litúrgico. Daí que o mês de maio, como normalmente localiza-se entre os cinquenta dias do tempo pascal, deve recordar a participação de Maria no mistério Páscoa de seu Filho²⁴⁸.

Deve-se educar os fiéis a esta sensibilidade de conciliação para um objetivo único: o louvor de seu Filho. Por isso, o magistério fornece alguns exercícios de piedade como a escuta orante da palavra de Deus, com por exemplo, a celebração da palavra; o *Angelus Domini*, onde rezam o anúncio do anjo Gabriel a Maria; A *Regina Caeli* que pode ser rezado em vez da oração do *Angelus*; o mais importante, sem perder, é claro, a importância dos outros exercícios, é a oração que Nossa Senhora pede aos pastorinhos várias vezes em suas aparições. «*Rezai o terço todos os dias*»²⁴⁹.

²⁴⁶ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, «A veneração», 148.

²⁴⁷ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, «A veneração», 150.

²⁴⁸ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, «A veneração», 151.

²⁴⁹ Lúcia de Jesus, *As memórias da Irmã Lúcia* (Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2007), 174.

A recitação do terço une Nossa Senhora ao mistério da Ressurreição de seu Filho e automaticamente, ao rezar o santo terço, estamos a fazer memória de Maria pela meditação dos mistérios da vida de seu Filho. Como vimos existem inúmeras formas de louvar Maria, recordando Jesus como princípio (alfa) e fim (ómega) último do nosso percurso de fé.

Para louvar Maria e Seu Filho com estas orações recorreremos, por norma a uma Igreja ou a um Santuário. O Santuário quer seja dedicado a qualquer invocação de Maria, é sempre lugar onde a piedade popular e a liturgia se unem.

Os fiéis vão a um Santuário sempre por um motivo especial ou por desejarem estar mais perto de Nossa Senhora ou porque é um local onde os milagres acontecem ou aconteceram, ou por alguma manifestação Divina.

Os Santuários, assim como as Igrejas, são sempre locais onde se pode encontrar Cristo sendo este «ícone da morada de Deus entre os homens»,²⁵⁰ local onde nos podemos encontrar com Deus algo que o processo da secularização da sociedade não retirou. O Santuário não se prende ao edifício. O verdadeiro Santuário é Cristo. Todos nós somos peregrinos ao encontro do Verdadeiro Santuário. Estes Santuários físicos nasceram, muitas vezes de uma piedade popular como é o caso do Santuário de Nossa Senhora da Assunção, que é o objecto do nosso estudo.

Embora que o Magistério entenda que o Santuário é tudo o que dissemos nas linhas anteriores, o povo entende o Santuário de forma um pouco diferente. Para estes são considerados, muitas vezes, como locais de misericórdia, lugares privilegiados para o encontro com Maria e seu Filho e também pela sua localização por vezes afastada e elevada, pela sua beleza e pela natureza que a circunda que reflecte esta beleza Divina.

Tudo o que nos leva ao encontro com Deus e que nos convida à reconciliação logo é importante que, sempre que possível, haja um sacerdote ou comunidade religiosa que possa assegurar esses mesmos momentos de reconciliação.

Esta devoção mariana levou a que algo que era inicialmente ligado ao paganismo, passasse a ser um local religioso. A peregrinação, nos três primeiros séculos, fazia parte do judaísmo e do paganismo algo que a Igreja rejeitava, mas, ao passar do tempo esta

²⁵⁰ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, «Santuários», 208.

forma de louvor, foi assumindo características cristãs pois o povo crente deslocava-se para a veneração dos mártires no fenómeno conhecido por «peregrinação votiva»²⁵¹.

A Idade Média traz consigo uma época de ouro para as peregrinações, isto é, as peregrinações são um momento de devoção sem dúvida, mas sobretudo um momento de encontro de diferentes povos cultivando assim a consolidação e união do cristianismo.

Segundo o *Diretório sobre a piedade popular e liturgia*, este sentimento de peregrino, traz consigo várias dimensões espirituais: a escatológica ao fazer caminho, faço-o em direcção ao Santuário definitivo que é Jesus; a dimensão da penitência, peregrino a fim de fazer caminho, arrependimento e com a esperança de mudar de vida; toda a peregrinação tem de abraçar uma dimensão festiva alegria em ir ao Santuário «*Exultei com quantos me diziam: “Vamos para a casa do SENHOR!”*» (Sl 122,1); dimensão cósmica simplesmente estar diante dele mesmo sem nada dizer abrindo-me ao que Ele tem para me dizer; com esta peregrinação, os peregrinos tornam-se anunciadores da fé, isto é, «*heraldos itinerantes de Cristo*»²⁵². Outra dimensão é a da comunhão pois o peregrino que faz caminho, mostra a sua fé e fá-lo por si e muitas vezes por outros.

Se porventura, devido a algum acontecimento, fossem retiradas as festas em honra a Nossa Senhora certamente tirariam a alegria dos seus mais fiéis devotos, pois, outro ponto importante no qual os devotos se entregam de corpo e alma, são as festividades a Nossa Senhora.

Se fizermos uma análise do nosso calendário litúrgico, vemos que em todo ano existem festividades a nossa Senhora, «*É a Santa de todos os meses do ano.*»²⁵³. Vejamos, segundo o nosso autor José da Silva Lima:

Janeiro	Senhora da Paz ou Santa Maria Mãe de Deus (dia 1)
Fevereiro	Senhora da Apresentação ou da Luz (dia 2) e Senhora de Lourdes (dia 11)
Março	Senhora da Anunciação (dia 25)
Abril	Senhora das Boas Novas (domingo <i>in abilis</i>)
Maio	Senhora de Fátima (dia 13) e a Senhora da Visitação (dia 31)
Junho	Coração Imaculado de Maria (sábado depois da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus)
Julho	Senhora do Carmo (dia 16)
Agosto	Senhora da Assunção (dia 15)

²⁵¹ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, «Santuários», 223.

²⁵² Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, «Santuários», 226.

²⁵³ Lima, «Maria», 18.

Setembro	Senhora da Natividade (dia 8) e a Senhora das Dores (dia 15)
Outubro	Senhora do Rosário (dia 7 e todo o mês)
Novembro	Apresentação de Maria (dia 21) e Senhora das almas do purgatório (todo o mês)
Dezembro	Senhora da Conceição (dia 8) ou a Senhora do Ó (pelo IV domingo do Advento)

Ao olharmos para esta tabela, vemos perfeitamente que o único mês que não tem dedicação directa a Nossa Senhora, é o mês de junho, pois este mês, como sabemos, é o mês dedicado ao Sagrado Coração de Jesus e aos Santos Populares «*Colocando de parte os santos ditos populares, no mês de junho, a Senhora é aquela que orienta os momentos de pausa das comunidades, de norte a sul: as festas.*»²⁵⁴ Logo Nossa Senhora, «restabelece o equilíbrio» das festas em sua honra, no mês de junho. Como tudo na vida requer uma pausa, como por exemplo numa pauta musical que requer as suas pausas para fazer sentido, o mês de junho é esta pausa de uma bela harmonia. Estas festas mais significativas em maio, agosto, dezembro e janeiro, que constituem o tempo forte, já estão tão impregnadas na sociedade que «*a vida quotidiana precisa deste pulmão social habitual.*»²⁵⁵.

É importante salientar que, todas estas devoções e suas festividades, servem para exultar o Deus altíssimo através de Sua Mãe. Ela é a nossa intermediária junto do Altíssimo. Ao avaliar tudo o que dissemos até aqui e através de dados que referimos, concluímos que o «*O povo português é Mariano*»²⁵⁶ característica que descreve perfeitamente a relação do povo Luso com Maria.

3.4. PROPOSTA DE DINAMIZAÇÃO DO SANTUÁRIO

No contexto atual o Santuário de Nossa Senhora da Assunção do Monte Córdova, é utilizado de forma muito esporádica quando comparado com o dinamismo que teve este local noutros tempos. As razões não se prendem directamente com a diminuição do número dos fiéis, mas devido à diminuição do número de vocações sacerdotais, o que leva à diminuição, do número dos sacerdotes disponíveis para assegurar um acompanhamento mais eficaz e frequente.

²⁵⁴ Lima, 18.

²⁵⁵ Lima, 19.

²⁵⁶ Lima, 23.

Tal cenário obrigou, os responsáveis pelo santuário, a diminuir a frequência das dinâmicas litúrgicas e pastorais aí desenvolvidas o que forçosamente levou ao término das celebrações dominicais. Assim as celebrações litúrgicas e as dinâmicas regulares concentram-se nos meses de maio a outubro onde o santuário conta com eucaristia todos os domingos, dinamizada não só pelo pároco responsável, mas também, em alguns domingos, pelos párocos e suas comunidade que pertencem à Vigararia de Santo Tirso.

No que à organização do calendário celebrativo diz respeito, os párocos escolhem com antecedência o domingo em que pretendem celebrar no Santuário, cabendo ao pároco responsável (o de Santo Tirso) a coordenação com as datas das outras comunidades.

Estes são os meses em que o Santuário tem mais movimento e onde é rezado o terço todos os domingos à tarde o que faz que nestas tardes habitem o santuário muitos de devotos para orar e participar na eucaristia celebrada às 16h00 na qual participam igualmente muitos fiéis.

A verdade é que com o passar dos anos, e não tendo dinâmicas diárias, este santuário encontra-se com alguns sinais de desgaste provocados essencialmente por estar praticamente sempre fechado. Realmente se houvesse mais movimento de devotos este local poderia ser ainda mais «grandioso» daquilo que já é, mas para mostrar esta grandiosidade, era necessário que houvesse outro tipo de dinâmica o que atualmente é impossível.

Neste local existe a necessidade de um capelão que fosse responsável por aquele local podendo, possivelmente, ter mais uma outra paróquia nas imediações. Não mais porque para uma boa dinâmica deste Santuário é necessário disponibilizar muito tempo e muita dedicação.

É claro que para dinamizar o Santuário a fim de o tornar mais presente na vida dos fiéis, tínhamos de implementar dinâmicas que fossem apelativas a todas as fchas etárias.

Nesse sentido propomos agora três tipos de dinâmicas em torno das quais se poderia criar dinamismo no Santuário e fomentar a capacidade de atração de peregrinos.

3.4.1. Dinâmicas Litúrgicas

Começaríamos por tentar ter um sacerdote ou uma comunidade religiosa permanentemente no local. Trata-se de um ponto essencial para depois podermos efetivar as restantes dinâmicas.

A situação desejável seria a de fixar no santuário uma comunidade religiosa que em comunhão com os peregrinos pudesse ritmar as horas do Santuário pela via da oração.

Tendo esta presença sacerdotal, começar-se-ia por ter celebração da Eucaristia dominicalmente e diariamente tendo estas, horas fixas. Passar-se-ia a ter recitação do terço todos os dias à tarde. Poderíamos ter também uma ou duas vezes por semana, por exemplo segundas e quartas, à noite, adoração ao Santíssimo Sacramento acompanhado com cânticos e meditações que ajudassem as pessoas a orar de modo mais profundo e *«durante a exposição, ordenem-se de tal modo as orações, os cânticos e as leituras, que os fiéis entregues à oração, estejam unidos a Cristo Senhor»*²⁵⁷.

Optar-se-ia por ter também eucaristias na capela Velha diariamente, conciliando com o Santuário. Para estas dinâmicas celebrativas, era necessário ter um coro do Santuário para animar estas e todas as outras celebrações litúrgicas ou então, caso não se conseguisse um coro, pelo menos um solista e um organista. Pois entendemos que estes são indispensáveis para a melhor celebração litúrgica *«É indubitável o benefício que trazem à comunidade celebrante estes coros que, depois de aturados ensaios e esforços, realizam o seu ministério litúrgico na celebração.»*²⁵⁸

Propomos também celebrações penitenciais e para abordarmos melhor esta dinâmica, recorreremos à ajuda do Diretório sobre a Piedade Popular onde se refere que *«para muitos fiéis, a visita ao Santuário constitui uma ocasião propícia, muitas vezes até procurada, de se aproximarem do sacramento da penitência.»*²⁵⁹

É de aproveitar esta visita e vontade de estar no Santuário para conduzir as pessoas até ao perdão que por vezes lá vão procurar. Para isso, teríamos de ter no Santuário confessionários reservados, onde a pessoa estivesse e se sentisse à vontade, neste caso até se poderia criar um salão, ou então aproveitando o rés do chão da casa da irmandade,

²⁵⁷ Secretariado Nacional de Liturgia, *Cânticos para o culto Eucarístico* (Fátima: Casa de Santa Ana, 2013), 1.

²⁵⁸ José Alazábal, «Dicionário Elementar de Teologia: Coro», acessido a 12 de Outubro de 2022, https://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=109.

²⁵⁹ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, «Santuários », 211.

onde funcionava o restaurante, criando assim um local para a confissão contendo vários confessionários e uma sala de silêncio para os penitentes.

Para que esta confissão pudesse ser bem feita, chamando à importância da mesma, poder-se-ia ter um religioso, não necessariamente um sacerdote, que ajudasse aqueles que estão menos à vontade com este sacramento e os orientasse no seu exame de consciência.

Todos os sábados, dia de «*memória de Santa Maria*»²⁶⁰, à noite, propomos que a recitação do terço pudesse ser feita na capela Velha seguida de uma majestosa procissão até ao Santuário, criando assim também movimento na Capela velha.

3.4.2. Dinâmicas pastorais

Propomos, antes de mais, que se fizessem melhoramentos nas zonas de lazer, isto é, o melhoramento do parque das merendas. Não era necessário ter muitas mesas fixas, mas era importante ter amplas zonas verdes com sombras, para que os visitantes do Santuário, pudessem usufruir melhor daquele espaço. Criar-se-iam duas lojas junto ao Santuário, onde estivesse disponível numa artigos religiosos e na outra loja livros. E estas seriam os únicos pontos de vendas no Santuário. Pensar-se-ia também na construção de capelas dedicadas à vida de Maria da capela Velha até ao Santuário.

Promover-se-iam encontros espirituais que poderiam ser feitos duas vezes por mês, onde se chamaria alguém no âmbito da espiritualidade, que pudesse orientar esses encontros e quem caso, assim o desejasse, poderia ser seguido pessoalmente por um director espiritual. Podia-se promover, todos os anos no mês de outubro, três dias de congresso Mariano à semelhança daquele que aconteceu em 1951 na cidade de Santo Tirso. Onde contaria com vários oradores e tivesse também um custo fixo onde poderiam participar, todos os que desejassem desde os clérigos aos leigos.

Teríamos também anualmente a realização de umas Jornadas Marianas dedicadas aos jovens onde aqui, poder-se-ia englobar os quatro Santuários Marianos Diocesanos.

A fim de promover mais dinâmicas com o peregrino, criar-se-ia um Itinerário do Peregrino com propostas de reflexão etc., onde se poderia começar na capela velha, passado e meditando junto às capelas dedicadas a Nossa Senhora, em direcção ao

²⁶⁰ Cf. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, «A veneração», 145.

Santuário etc. Estas estações serviriam também, de preparação para a celebração do sacramento da penitência, que depois de percorrido o trajeto, realizar-se-ia no Santuário.

Em relação aos mais novos incentivar a criação de jogos, como *peddy paper* onde estimulasse a descoberta e a oração. Semanalmente teríamos também oração de Taizé desafiando os mais novos.

3.4.3. Dinâmicas Culturais

Para esta dinâmica, seria necessário um órgão de tubos para que assim, o Santuário pudesse promover um encontro de coros litúrgicos da vigararia e não só, poderia ser também um encontro a nível nacional. Tendo um já um órgão de tubos que seria instalado na parte do coro alto, promover-se-ia um concerto de órgão trimestral. Como nos parece claro, tudo isto teria de ter um custo para os participantes. Mas procurar-se-ia de não ser nada de exorbitante podendo até o Santuário, com alguns patrocínios, suportar algum valor.

Devido à devoção a Nossa Senhora da Assunção, achamos importante a criação de um museu para os ex-votos museu este que ficaria num edifício junto ao Santuário. A fim de que as pessoas pudessem testemunhar a fé e a devoção de milhares de pessoas que se entregaram na mão da Mãe.

Ao fazermos os estudos sobre a capela Velha e o Santuário, reparamos que existe muita falta de conhecimento, sobre estas construções, a nível de arquitectos e dos problemas enfrentados. Então achamos que poder-se-ia criar também, nesse mesmo edifício do museu, uma sala com conteúdos audiovisuais, desde jornais, fotografias, vídeos referentes à construção e seu processo desde a capela Velha até ao Santuário como agora conhecemos.

Assim, a nível de infra-estruturas precisaríamos então de começar por fazer obras de melhoramento do Santuário a fim de acabar com o problema principal, que se prende com a humidade. Faríamos obras na casa da Irmandade para que então se fizesse as lojas do Santuário e residência paroquial. Do lado direito da porta principal do Santuário, faríamos a construção de um local para que se pudesse queimar as velas. Do lado esquerdo construir-se-ia um altar exterior devidamente protegido, para missas campais. Um pouco mais à frente, não dentro do recinto, mas já na mata, pensar-se-ia em construir um edifício com quatro salas uma para museu outra para os conteúdos da história do Santuário e as outras duas para a celebração do sacramento da penitência.

Melhoravam-se os caminhos que ligam o Santuário à capela velha. No local da Capela Velha fazia-se obras na capela e casa anexa aproveitando assim o edifício que os Korrodi já tinham projectado, mas com umas ligeiras alterações. Criavam-se dois pisos o primeiro com quatro salas duas para grupos maiores e duas para grupos mais pequenos a fim de lá se realizar os encontros espirituais e o Congresso Mariano.

E também nesse piso um auditório para conferências. Num segundo piso criava-se uma casa de retiros aproveitando aquela zona envolvente melhorando também as condições das zonas de lazer. No caminho que liga os dois locais construía-se então as sete capelas com os momentos mais importantes da Vida de Maria. Isto é: a capela da Anunciação a Maria; a capela da Visitação de Nossa Senhora a sua prima Isabel; a capela do Nascimento de Jesus; a capela da Apresentação do Menino Jesus no Templo; a capela da perda e o encontro do Menino Jesus no Templo; a capela da Assunção de Maria e por último a capela da Coroação de Maria no Céu.

Numa altura em que o Santuário só abre em meses específicos, o que acaba a que com o tempo se degrade, acreditamos que estas dinâmicas poderiam beneficiar dando-lhe a importância que assim o exige. Sabemos que este trabalho não seria fácil, pois requer esforço, tempo e dedicação. Mas como se tem de começar por algum lado, e com a ajuda de todos os devotos, que certamente desejavam ver aquele Santuário mais dinâmico, ajudariam sem pensar duas vezes. Mas para que este seja mais dinâmico é necessário fazer ver que ele existe e por isso teríamos de pedir apoios, principalmente à diocese que o abrange e acima de tudo torná-lo Santuário Nacional e não só diocesano.

CONCLUSÃO

No término deste trabalho deparamo-nos que realmente o que, ao início, nos parecia fácil, tornou-se bem mais exigente.

Ao longo deste trabalho propusemo-nos abordar alguns pontos a fim de conseguir levar a bom porto esta tarefa. Traçamos um percurso pelos significados de lugar teológico, ficamos a saber um pouco mais sobre a origem do termo Santuário que se referia, num primeiro momento, a relíquias dos santos ou então um Santuário não é necessariamente um edifício, mas também uma gruta montanha ou até uma fonte.

Deparamo-nos com a importância dada ao termo monte em toda a Sagrada Escritura aparecendo 579 vezes no Antigo Testamento e 63 no Novo Testamento. Falámos igualmente dos quatro dogmas Marianos o primeiro, proclamado a no concílio de Éfeso (431), o dogma da Maternidade Divina, o segundo a Virgindade perpétua proclamado ano de 649 e depois os mais recentes o da Imaculada Conceição proclamado em 1854 e o dogma da Assunção, proclamado em 1950 sendo este o mais recente.

Tentamos ainda perceber a sua importância para a vida dos crentes sendo que os dois últimos, (Imaculada Conceição e da Assunção) são os mais importantes no que dizem respeito ao processo de fé do povo.

E, por fim, também quisemos destacar a importância que um santuário tem na vida de um crente constituindo um local da aliança de Deus com os homens.

Depois de muito tempo dedicado, admitimos que a parte mais complicada e talvez mais confusa de elaborar, foi a segunda parte pois ao longo do trabalho, fomos deparando com muita falta de informação que nem a Irmandade nem o Santuário tinham em sua posse.

A informação sobre o Santuário estava dispersa entre a Irmandade da Nossa Senhora da Assunção, entre a biblioteca municipal de Santo Tirso, Arquivo distrital quer do Porto, quer de Leiria e até na Suíça. E então a fim de obter mais informação para não deixar pontas soltas, fomos «obrigados» a percorrer estes locais a fim de reunir toda a informação disponível.

Deparamo-nos com documentação em muito mau estado de conservação que num trabalho futuro de preservação seria digitalizar essa mesma documentação. Deparamo-nos também que existem dois edifícios relativamente perto um do outro sob a mesma

invocação, pois numa primeira fase foi construída uma pequena capela, chamada de capela velha e que, devido ao aumento dos peregrinos a visitar esta Capela, a Irmandade sentiu a necessidade de construir o então conhecido Santuário. É de destacar que todas estas obras, quer na capela velha quer no Santuário, foram feitas com as doações dos devotos daí também as suas dificuldades em terminar o projeto e suas várias mudanças.

Relativamente à imagem da Senhora da Assunção que se encontra no Santuário, é da autoria de Afonso d'Afonseca Lapa e o seu ano de construção é de 1889. Ainda não havia capela (1901) mas já tinham, através de doação, a Imagem da Senhora da Assunção que ficara no mosteiro de Santo Tirso até à sua transladação a 15 de agosto de 1901. Mais tarde esta imagem passa para o Santuário quase terminado, no dia 15 de agosto de 1934. Na então capela Velha fica uma réplica da imagem que tinha ido para o Santuário.

Ficamos a saber que além das inúmeras alterações ao projeto do Santuário, este ainda hoje não se encontra totalmente finalizado. Segundo o projeto meia obra já está feita, falta ainda terminar a torre que pelo que apuramos existe, por parte da Irmandade, o desejo de a terminar. Por fim, apuramos que, a partir de documentos disponibilizados pela Sé do Porto, no dia 15 de agosto de 1934, altura da transladação da Imagem para o Santuário, dá-se a consagração da diocese do Porto à Senhora da Assunção feita pelo Bispo diocesano.

Em suma, este trabalho teve o objetivo de reunir informação dispersa, dar conhecer à população de Santo Tirso e a todos os devotos de terras vizinhas, a importância e origem deste Santuário bem como a sua respectiva devoção.

BIBLIOGRAFIA

FONTES E DOCUMENTOS

A Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2019.

AINSA, «Acta da sessão ordinária de 27 de agosto de 1944», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 13r. – 13v.

AINSA, «Acta da sessão ordinária de 30 de julho de 1964», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 34 v. – 35 r.

AINSA, «Acta da sessão ordinária de 30 de julho de 1964», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 9v.- 10r.

AINSA, «Acta da sessão ordinária de 30 de julho de 1964», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 34v.- 35r.

AINSA, «Acta da sessão ordinária de 30 de julho de 1964», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 31v.- 32r.

AINSA, «Acta da sessão ordinária de 30 de julho de 1964», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 47r.- 47v.

AINSA, «Acta da sessão ordinária de 31 de dezembro de 1942», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 46v -7r.

AINSA, «Acta da sessão ordinária de 31 de dezembro de 1942», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 16v.

AINSA, «Acta da sessão ordinária de 31 de dezembro de 1942», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 13v.

AINSA, «Acta da sessão ordinária de 31 de dezembro de 1942», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 4r- 8v.

AINSA, «Acta da sessão ordinária de 31 de dezembro de 1942», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 26v.-

AINSA, «Acta da sessão ordinária de 31 de dezembro de 1942», em *Livro de Actas*, 1940-1992, fl 23r – 23v.

AINSA, «Acta de sessão ordinária de 17 de abril de 1993», *Actas*, 1992-1999, fl. 2v. – 3r.

AINSA, «Acta de sessão ordinária de 17 de fevereiro de 1954», *livro das Actas*, 1940-1992, fl. 26v. -27r.

- AINSA, «Acta de sessão ordinária de 19 de janeiro de 1941», *livro das Actas*, 1940-1992, fl. 2r. -3v.
- AINSA, «Acta de sessão ordinária de 4 de março de 2014», *Actas*, 2012-2016, fl. 25r. – 26v.
- AINSA, «Acta nº1 de 09 de julho e 1992», em *Livro de Actas*, 1992-1999, fl. 5v.-6r.
- AINSA, «Acta nº1 de 09 de julho e 1992», em *Livro de Actas*, 1992-1999, fl. 1v.-2r.
- AINSA, «Acta nº8 de 26 de fevereiro e 1994», em *Livro de Actas*, 1992-1999, fl. 5v.-6r.
- AINSA, «Orçamento da Irmandade de Nossa Senhora da Assunção 1916-1917», *Copiador de Orçamentos e contas da Irmandade de Nossa Senhora da Assunção, 1897-1921*, fl. 34v. – 35r.
- AINSA, *Estatutos da Irmandade de Nossa Senhora da Assunção*.
- Branco, Camilo Castelo. *A Bruxa do Monte Córdova*. Lisboa: Edições Caixotim, 2007.
- C., A. J. «João D’Affonseca Lapa». *Jornal de Santo Thyrsó* 29 (Novembro de 1896).
- Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.
- Código de Direito Canónico*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2007.
- Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. «A veneração à Santa Mãe». Em *Diretório sobre a Piedade Popular e a Liturgia: Princípios e Orientações*, 145-164. Lisboa: Paulinas, 2003.
- Correa, José Bento «O Santuário da Senhora D’Assumpção». *Jornal de Santo Thyrsó* 18 (Setembro de 1896).
- Correa, José Bento. «Alberto Pimentel». *Jornal de Santo Thyrsó* 32 (Dezembro de 1901).
- Correa, José Bento. «Festividade de Nossa Senhora da Assunção». *Jornal de Santo Thyrsó* 15 (Agosto de 1896).
- Correa, José Bento. «O Santuário da Nossa Senhora da Assunção». *Jornal de Santo Thyrsó* 6 (Junho de 1899).
- Correa, José Bento. «O Santuário da Nossa Senhora da Assunção». *Jornal de Santo Thyrsó* 47 (Março de 1900).
- Correa, José Bento. «O Santuário da Senhora D’Assumpção». *Jornal de Santo Thyrsó* 18 (Setembro de 1896).

- Correa, José Bento. «Um Santuário no monte fronteiro a Santo Thyrso». *Jornal de Santo Thyrso* 11 (Novembro de 1896).
- Correa, José Bento. «Um Santuário no monte fronteiro a Santo Thyrso». *Jornal de Santo Thyrso* 16 (Agosto de 1896).
- Cunha, Francisco. «O Santuário da Nossa Senhora da Assunção». *Jornal de Santo Thyrso* 28 (Novembro de 1896).
- Lima, Fernando de Pires. «O Santuário da Senhora da Assunção». *Jornal de Santo Thyrso* 18 (Setembro de 1896).
- Lima, Fernando Pires e Ernesto Guimarães. «Santuário da Senhora da Assunção». *Jornal de Santo Thyrso* 16 (Agosto de 1896).
- Moniz, Aurélio Botelho. «Data Gloriosa para Santo Thyrso». *Jornal de Santo Thyrso* 16 (Agosto de 1951).
- Santarém, José Gabriel. «Congresso Mariano». *Jornal de Santo Thyrso* 14 (Agosto de 1951).
- Santarém, José Gabriel. «N. Senhora da Assunção: A peregrinação Anual – Congresso Mariano». *Jornal de Santo Thyrso* 14 (Agosto de 1951).
- Santarém, José Gabriel. «N. Senhora da Assunção: As pomposas Solenidades». *Jornal de Santo Thyrso* 14 (Agosto de 1934).
- Santarém, José Gabriel. «Senhora da Assunção: Inauguração do novo templo». *Jornal de Santo Thyrso* 13 (Agosto de 1934).
- Santarém, José Gabriel. «Templo de Nossa Senhora da Assunção: Bênção Solene da Capela-mor». *Jornal de Santo Thyrso* 12 (Agosto de 1934).
- Severo, Zeferino. «O Santuário da Senhora da Assunção». *Jornal de Santo Thyrso* 15 (Agosto de 1901).

ESTUDOS E ENSAIOS

- Aiello, Gian Antonio. «Dogmas». Em *Dicionário Mariologia*, editado Stefano de Fontes e Salvatore Meo: 410 – 420. Brasil: Paulus, 1995.
- Azevedo, Carlos Moreira. *História religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- Barardo, Maria do Rosário. *Santuários Marianos de Portugal*. Lisboa: Artipol – Artes Tipográficas, Lda., 2015.
- Benjamín, Fornaco. «Experiencias de vida y Pastorales». *Maria del Evangelio* 69, 2 (1976): 137-146.

- Besutti, Giuseppe. «Santuário». Em *Dicionário Mariologia*, editado Stefano de Fontes e Salvatore Meo: 1197 – 1211. Brasil: Paulus, 1995.
- Bosard, Alphonse. «Assunção». Em *Dicionário Mariano*, editado por António Vieira: 25-28. Poto: Editorial Perpétuo Socorro, 1988.
- Brandão, António. *Terceira Parte da Monarchia Lvsitana*. Lisboa: Mosteiro de S. Bernardo, 1692.
- Breuer, Christina. «Monte». Em *Vocabulario Práctico de la Biblia*, editado por A. Grabner-Haider: 1032. Barcelona: Herder, 1967.
- Brunet, Gustave. *Évangiles Apocryphes*. Paris: Franck, Libraire-Éditeur, 1848.
- Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, «O Santuário: Memória, presença e profecia do Deus vivo». https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_19990525_shrine_po.html. Acedido a 14 de Outubro de 2022.
- Correia, Francisco Carvalho. *Senhora da Assunção*. Paróquia de Santo Tirso: Paroquia de Santo Tirso, 2013.
- Coutinho, José Pereira. «A religiosidade em Portugal: caracterização, comparação e evolução». *Religião e Sociedade* 39, n. °3 (2019): 58-81. <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872019v39n3cap03>. Acedido a 15 de Julho de 2022.
- Coutinho, José Pereira. «A religiosidade em Portugal: perspetiva de longo prazo». *Revista Brasileira de História das Religiões* 12, n.º 35 (2019): 137-158. <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v12i35.47641>. Acedido a 15 de Julho de 2022.
- Da Costa, Lucília Verdelho. *Ernesto Korrodi: 1889 – 1944 arquitetura, ensino e restauro do património*. Lisboa: Editorial Estampa, Lda, 1997.
- Dias, Geraldo J. A. Coelho. «A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos». *Revista da Faculdade de Letras* 11, 4 (1987): 227-253.
- Dickie, George . *El círculo del arte, una teoría del arte*. Barcelona: Paidós, 2005.
- Gaspar, João Gonçalves. *Maria pelo mundo*. Aveiro: Tempo Novo Editora, 2021.
- Geffré, Claude. «Dogme chrétien», em *Dictionnaire des religions*, dirigido por Paul Poupard, 2ª ed, 441-443. Paris: Presses Universitaire de France, 1985.
- Jean Damascène. *Homélies sur la Nativité et la dormition*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1961.

- Jourjon, Maurice e Bernard Meunier, «Marie». Em *Dictionnaire critique de théologie*, dirigido por Jean-Yves Lacoste, 703. Paris: Press Universitaires de France, 1988.
- Léon-Dufour, Xavier. «Montaña». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, editado por Xavier Léon-Dufour: 490-492. Barcelona: Editorial Herder, 1967.
- Lima, José da Silva. «Maria e os Santos na Religiosidade Popular». *Boletim de Pastoral Litúrgica* 157 (2015): 11-32.
- Machado, José Pedro. «Arte». Em *Dicionário Enciclopédico de Língua Portuguesa*. Lisboa: publicações Alfa, 1992.
- Martínez Cortés, Javier. «Religiosidade Popular». Em *Dicionário de Pastoral*, editado Cassiano Floristán et al.: 469-471. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1990.
- Martínez Cortés, Javier. «Santuário». Em *Dicionário de Pastoral*, editado Cassiano Floristán et al.: 499-500. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1990.
- Michon, Cyrille e Gibert Narciss, «Lieux Théologiques», em *Dictionnaire Critique de Théologie*, dirigido por Jean- Yves Lacoste, 658-659. Paris: Press Universitaires de France, 1988.
- Pereira, Gloria Cristina Gomes. *Igrejas Modernas com problemas acústicos: o Caso da Igreja do Santuário da N.ª Sr.ª da Assunção (Santo Tirso)*. Porto, 2011. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/61573/1/000149148.pdf>. Acedido a 15 de Julho de 2022.
- Pereira, José Carlos Francisco. «O Movimento de Renovação da Arte Religiosa e o papel artístico e Pastoral do seu Boletim». *Lusitania Sacra*, 2ª Série, 12 (2000): 431-438.
- Pimentel, Alberto. *As alegres canções do Norte*. Lisboa: Livraria Tavares Cardoso, 1905.
- Pimentel, Alberto. *História do Culto de Nossa Senhora em Portugal*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães, Libanio & C.ia, s/d.
- Pimentel, Alberto. *Santo Tyrso de Riba d'Ave*. Santo Tirso: Santo Tirso, 1902.
- Raposo, Luís. «Arqueologia». Em *Dicionário Enciclopédico da História de Portugal*, editado por José Costa Pereira: 46-48. Lisboa: Publicações Alfa, 1990.
- Ribeiro, A. Jorge. *Camilo Castelo Branco: Terras de passagem, Santo Tirso*. Santo Tirso: Santo Tirso, 2008.

- Romãozinho, Mónica. «O papel do desenho no percurso de Ernesto Korrodi (1870- 1944) como arquitecto e designer: uma metodologia projectual». *Revista internacional de investigación en mobiliario y objetos decorativos* 3, 3 (2014): 42-56.
- Saint-Laurent, Thomas de. *A virgem Maria: Padroeira e Rainha de Portugal e de todos os povos de língua portuguesa*, traduzido por José N. B. Soares. Porto: Livraria Civilização Editora, 1996.
- Suenens, Leo-Jozef. *Maria, Advogada Nossa: Ensaio de Síntese Marial*. Traduzido por Cecília M. São Paulo: Livraria Editora Flamboyant, 1958.
- Teixeira, José Manuel. *Arquiteto Ernesto Korrodi: Vi(N)da e obra (Vol. II-III)*. Porto, 2018. <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/7164/2/TM>. Acedido a 15 de Julho de 2022.
- Velasco, Juan Martín. «Devoção Mariana». Em *Dicionário Mariologia*, editado Stefano de Fontes e Salvatore Meo: 391-409. Brasil: Paulus, 1995.
- Vilaça, Helena e Maria João Oliveira, *A religião no espaço público português*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2019.
- Willam, Francisco Miguel. *Maria Mãe de Jesus*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1946.

ANEXOS

Anexo 1





Soareda Rocha

ESTATUTOS



DA

*Junta da de Nossa Senhora da
Assunção, erecta na freguesia Paroquial
de Santa Maria Madalena de Santo Thyrso*

CAPITULO I

Instituição e Fins

Art. 1.º A *Junta da de Nossa Senhora da Assunção* instituída na *Vila e* da freguesia de Santo Thyrso, *Paroquial de Santa Maria Madalena* Vigararia de *S. J. P. de Santo Thyrso*, reconhece expressamente e compromete-se a acatar e observar tudo quanto as leis canónicas dispõem a respeito das Associações Religiosas, especialmente o que se acha prescrito no Código de Direito Canónico, no Regulamento Geral das Associações Religiosas dos Fieis e bem assim em quaisquer regulamentos, instrucções e ordens legitimas emanadas do Ordinário Diocesano reconhecendo, mesmo nos actos de Administração temporal, a sua autoridade.

Art. 2.º Os fins desta *Junta da de* são os seguintes:

- 1.º Erigir em local apropriado, em monte ou
dentro um templo sob a invocação da Bem-amada e aqui será
consagrado
- 2.º Promover o culto do M. Virgem, celebrando
a festa anual em 15 de Agosto e outras vezes, com a oportu-
nal do Ordinário, e demais celebrações
- 3.º Promover sempre a realização de lanternas para
o termo em todo dia de um fim

4.º «Orar pela Acção Católica Portuguesa; fazer reconhecer a sua excelência, necessidade e vantagens; exortar e encaminhar os melhores dos seus membros para os organismos especializados em que, segundo o sexo, idade e condição social devem militar». (Pio XI às Cong. Marianas—30-3-1930, Reg.º Geral art.º 3.º § único).

CAPITULO II

Dos Irmãos

Art. 3.º Poderão ser admitidos como irmãos as pessoas de ambos os sexos, que tenham 16 anos completos e satisfaçam as condições exigidas nestes Estatutos.

§ 1.º Pode haver uma secção para crianças

desde que tenham feito a primeira Comunhão, até aos 16 anos.

§ 2.º O menor não emancipado carece de licença do seu superior, e as mulheres casadas licença de seus maridos.

Art. 4.º Pelo próprio direito comum da Igreja (Cân. 693, § 1) não podem ser validamente admitidos como irmãos:



162
João da Rocha

1.º os que não forem católicos;

2.º os que estiverem filiados em alguma associação ou seita condenada pela Igreja;

3.º os que estiverem notoriamente excomungados, suspensos ou interditos;

4.º os que forem, à face da moral cristã, considerados como pecadores públicos.

§ único. Entre outros, devem considerar-se como pecadores públicos os que vivem em pública mancebia.

Art. 5.º Também não podem ser admitidos como irmãos:

1.º Aqueles que desdenham ou mofam dos dogmas da fé ou da disciplina da Igreja ou clero e culto católico, e bem assim os que notória e habitualmente são omissos no cumprimento do preceito pascal (Conc. Plen., n.º 150).

2.º aqueles que não tenham bom comportamento moral e religioso nem os que não hajam dado provas de zelo e piedade na sua vida religiosa;

3.º os sacerdotes que, não sendo doentes, não exercem as ordens, embora não tenham sido suspensos pelos seus superiores.

Art. 6.º O documento comprovativo da dignidade do candidato há-de ser passado pelo pároco respectivo e gratuitamente.

Art. 7.º Se algum irmão abjurar a religião católica ou vier a filiar-se em alguma associação ou seita condenada pela Igreja, ou incorrer notoriamente em alguma censura eclesiástica (excomunhão, suspensão ou interdito) ou se se tornar pecador público, depois de haver

sido previamente avisado, será expulso da confraria (cân. 676, § 2.)

§ 1.º Se o irmão expulso julgar injusta a pena, assiste-lhe o direito de recorrer para o Prelado (Ibid.).

§ 2.º Dando-se algum dos casos mencionados neste artigo e bem assim o caso de que se fala no artigo 5.º n.º 3.º, por força destes Estatutos, fica o irmão, ipso facto, privado do direito de tomar parte em quaisquer reuniões da Irmandade e, se fizer parte da Mesa da Irmandade, fica também, ipso facto, afastado do seu cargo.

Art. 8.º Tendo sido expulso qualquer irmão por algum dos motivos referidos no artigo anterior, para que possa ser readmitido, terá de provar, por documento passado pelo Pároco respectivo, que cessou a causa da sua expulsão, e de obter licença por escrito do Prelado da Diocese para a readmissão.

Art. 9.º Havendo causa justa, pode o Prelado da Diocese decretar a expulsão de qualquer irmão (cân. 696, §§ 1 e 3).

Art. 10.º Entre irmãos serão considerados como beneméritos os que se tornarem tais, a juízo da Mesa, por auxílios ou serviços especiais prestados a esta Irmandade

11.º A insígnia ou hábito dos irmãos do sexo masculino é a seguinte: opa branca com cabecol azul claro tendo uma medallão de lado direito com Nossa

§ único. A Irmandade não pode abandonar ou mudar o próprio hábito ou as suas insígnias sem licença do Prelado da Diocese (cân. 714).



870
Irmãos da Rocha

CAPITULO III

Dos direitos e obrigações dos irmãos

Art. 12.º Cada irmão tem direitos: 1.º a participação no
produto de cinquenta mil réis, a ser repartido
pelos irmãos vivos e defunctos da confraria; 2.º a
tomar parte em todas as confrarias e em qualquer
proposição; 3.º sem obrigação de aceitar os cargos
para que forem eleitos, sob pena de demissão; 4.º
tomar parte nos estatutos e estatutos dos irmãos
dentro do limite da frequência delles.

§ único. Os irmãos maiores ou emancipados do sexo mascu-
lino têm direito de voto, e os que, além disso, souberem lêr e escrever,
podem sêr votados para os cargos desta

Art. 13.º Cada irmão é obrigado: 1.º a rezar, uma vez ao menos

vez por mês, e especialmente na festa de 15 de agosto.

3.º a incorporar-se com a *Irmandade de* para assistir às festas e especialmente à festa do Corpo de Deus e à da comunhão das crianças e às procissões da *Comunidade pela Irmandade*

4.º a acompanhar ou mandar uma pessoa da sua casa acompanhar o Sagrado Viático, assim como a Comunhão pascal aos enfermos; 5.º a pagar a Jota, no acto da admissão, e o anual, cuja importância será estabelecida, em cada ano, pela Mesa.

§ único. Os irmãos maiores do sexo masculino, que ainda não tenham 60 anos, são obrigados a acompanhar à sepultura (pessoalmente ou por outro homem) os cadáveres dos irmãos, da mulher destes e filhos, quando a autoridade eclesiástica lhe possa conceder enterro religioso.

CAPITULO IV

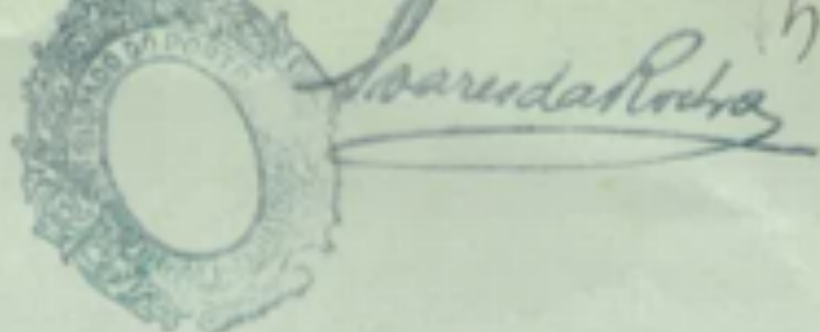
Da Mesa

Art. 14.º Esta Irmandade é administrada por uma Mesa eleita pela assembleia geral e formada por Juiz, Secretário e Tesoureiro, três vogais e três suplentes.

§ único. O juiz, Secretário e Tesoureiro são substituídos nos seus impedimentos pelos vogais e estes pelos suplentes mais votados.

Art. 15.º Conforme o direito (cân. 715, § 1), pertence ao Prelado da diocese confirmar os mesários e empregados eleitos, se forem dignos e idóneos, e bem assim rejeitá-los ou destituí-los se o não forem.

Junco - Não se pode o processo de Santo Tomé, salvo salvo determinação em contrário feita pelo Ordinário, o juiz da Irmandade



Art. 16.º Depois da eleição, por isso, o Juiz mandará ao Prelado, no prazo de oito dias, cópia autentica da acta da mesma eleição, com informação do pároco sôbre a idoneidade dos eleitos. Se o Prelado rejeitar todos ou algum dos eleitos, proceder-se-á a nova eleição para as vagas, e novamente se solicitará a aprovação do Prelado, e assim por diante, até que se tenha completado o número dos membros da Mesa.

Art. 17.º Depois da aprovação do Prelado será fixada na porta da Igreja uma relação dos nomes que constituem a Mesa, a qual deve ser assinada pelo Juiz e pelo Pároco ou Reitor da Igreja.

Art. 18.º O Mandato da Mesa dura três annos
Deve ella tomar posse dentro de 20 dias depois da aprovação definitiva.

Art. 19.º A Mesa terá as reuniões, que forem julgadas necessarias pelo Juiz ou requeridas por 15 irmãos, que indiquem o motivo da reunião, ou ainda pelo Pároco.

§ único. Deve reunir-se especialmente para a aprovação de orçamentos e contas.

Art. 20.º O Prelado da Diocese tem direito a presidir a tôdas as sessões da Mesa, por si ou por um delegado (cân 715, § I).

§ único. Este delegado não havendo determinação do Prelado em contrário, será o Pároco legítimo da frêguesia. A este deve o Juiz participar o dia, hora e local da sessão.

Art. 21.º Havendo de realizar-se alguma sessão extraordinária, o Juiz de ... participará no 4.º em tempo oportuno

de impedir a reunião ou de anular tôdas as deliberações nela tomadas (cân. 715, § 2).

Art. 22.º Pertence à Mesa: 1.º admitir irmãos e expulsá-los, conforme estes Estatutos; 2.º aplicar as outras penalidades; 3.º administrar os bens da *Irmandade* 4.º organizar «por anos económicos» os orçamentos, tanto ordinários, como suplementares, assim como as respectivas contas; 5.º fazer os regulamentos necessários para o bom funcionamento da *Irmandade*.

6.º *promover a realização de festas e outras actividades e manter a ordem e a disciplina dos irmãos nos termos dos Estatutos.* 7.º *acompanhar o trabalho dos irmãos e a sua formação.* 8.º *apresentar a prestação de contas ao Juiz.*

Art. 23.º Todos os anos deve o Juiz prestar contas ao Ordinário local da administração dos bens da *Irmandade* de harmonia com os orçamentos previamente aprovados.

§ 1.º O orçamento ordinário para o ano seguinte deve ser apresentado na Cúria Diocesana até 15 de Novembro e as Contas relativas ao ano anterior até ao fim do mês de Abril (Código, D. Canónico. 1525 § I, 691 § I; Reg. Geral art.º 66 a 78; 92 a 97).

§ 2.º Por ocasião da prestação de contas declarará o Juiz da *Irmandade* se as almas dos irmãos falecidos foram sufragadas, de harmonia com os Estatutos, e se foram cumpridos todos os outros legados pios ou quaisquer outros onuns, que a *Irmandade* esteja obrigada a cumprir.



175
Irmandade do Espírito Santo

§ 3.º Tanto as contas como os orçamentos e a declaração de que fala o § anterior serão sempre acompanhados de informação do Pároco ou Reitor da Igreja, nas igrejas isentas, dizendo que examinou pessoalmente todos os livros da Irmandade e que está em ordem a escrita.

Art. 24.º O Juiz é o chefe da Irmandade. Compete-lhe representá-la, convocar a Mesa e a Assembléia Geral, presidir às sessões, quando não esteja o delegado do Prelado, ordenar o pagamento das despesas e superintender em todos os serviços da mesma Irmandade.

§ único. Pertence-lhe também mandar avisar os irmãos para assistirem aos enterros e outros actos do culto, podendo encarregar disso um irmão ou outra pessoa, a quem será dada uma gratificação mensal ou anual.

Art. 25.º Compete ao Secretário fazer a escrituração da Irmandade.

Art. 26.º Pertence ao Tesoureiro arrecadar as receitas da Irmandade e fazer os pagamentos autorizados em documento assinado pelo Juiz e pelo Secretário.

CAPITULO V

Da assembleia geral

Art. 27.º A Assembléia Geral é formada pela reunião dos irmãos do sexo masculino maiores ou emancipados.

§ único. Para deliberar válidamente deve estar presente a maioria. Não estando presente essa maioria far-se-à a convocação para o domingo imediato, e então delibera com qualquer número.

Art. 28.º A Assembleia Geral deve reunir para a eleição da Mesa, no primeiro domingo de Dezembro, tomando posse no primeiro domingo de Janeiro; quando para isso fôr convocada pelo Juiz, ou fôr essa convocação exigida por 15 irmãos, indicando o assunto.

§ único. Para a convocação são suficientes os avisos feitos duas vezes pelo Pároco, à estação da Missa paroquial.

Art. 29.º As Assembleias gerais são presididas pelo delegado do Prelado, e, não estando este presente, pelo Juiz da *paróquia* ou pelo substituto.

§ 1.º Não havendo determinação em contrário, é delegado do Prelado o Pároco legítimo da freguesia ou Reitor da Igreja.

§ 2.º O Presidente proporá à aprovação da Assembleia dois membros para a Mesa respectiva.

Art. 30.º As actas serão lavradas pelo Secretário da Mesa da *paróquia* ou pelo seu substituto. Deve elle portanto fazer parte da Mesa da Assembleia Geral.

CAPITULO VI

Das penas

Art. 31.º Nenhum irmão elegível poderá recusar-se de servir o cargo para que foi eleito, excepto se comprovar impossibilidade, ou tiver servido nos últimos dois anos; fora destes casos poderá ser ex-



6
Isarinda Rocha

Art. 32.º Também poderá ser expulso o que não pagar o anual dois anos seguidos, excepto no caso de impossibilidade.

Art. 33.º Os que não cumprirem as obrigações dos números 3.º e 4.º do art. 13.º e do § único do mesmo artigo, depois de advertidos pelo Juiz, poderão ser multados a arbítrio da Mesa.

CAPITULO VII

Da aprovação dos Estatutos

Art. 34.º De harmonia com as leis canónicas (cân. 689) serão estes Estatutos sujeitos a aprovação do Prelado da diocese, não podendo, depois de devidamente aprovados, ser alterados sem autorização da mesma autoridade eclesiástica, à qual se recorrerá também nos casos omissos.

§ único. Estes Estatutos serão assinados, pelo menos, por 20 irmãos.

CAPITULO VIII

Da nomeação do capelão e do pessoal do culto

Art. 35.º A nomeação e a demissão do capelão, por direito, reservado ao Prelado da diocese (cân. 698 §§ 1 3).

§ único. Se a *Igreja do Espírito Santo* não tiver capelão privativo, o Pároco da freguesia, em que ela estiver erecta fará as suas vezes.

Art. 36.º A nomeação e demissão do sacristão da *Igreja do Espírito Santo* se o houver, assim como a do outro pessoal do culto, de que se fala no cân. 1185, pertence ao reitor da Igreja, onde estiver erecta a

longa 1307
em 11/3/38

24/11-56



D. ANTÓNIO AUGUSTO DE CASTRO MEIRELES,
por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica,
Bispo do Porto.

Ans que esta Nossa provisão virem saúde, paz e bênção
em Jesus Cristo Nosso Senhor e Salvador

FAZEMOS SABER que, tendo-Nos sido pedida por alguns
fiéis da paróquia de Santo Tirso a erecção
da Imandade de Nossa Senhora da Assun-
ção,
na Igreja da paróquia de Santo Tirso e a
aprovação dos Estatutos por que se há-de reger, de harmonia
com o prescrito no Código do Direito Canónico e Regula-
mento Geral das Associações Religiosas dos Fiéis,

Nós, em virtude da Nossa Jurisdição Ordinária, havemos
por bem anullar ao seu pedido; e por isso, para glória de Deus,

1.º) Erigimos a Confraria Imandade de Nossa
Senhora da Assunção na Igreja parochial da
paróquia de Santo Tirso, a qual gozará da per-
sonalidade jurídica que o Código do Direito Canónico lhe
concede.

2.º) Aprovamos os Estatutos que Nos foram apresentados,
e que vão apensos a esta Nossa Provisão.

3.º) Recomendamos instantemente a todos os fiéis a en-
trada neste Imandade para santificação própria
e incremento do culto católico.

Dada no Porto, sob a assinatura do Nosso Muito Rev.
Vigário Geral, aos 27 de Setembro de 1938.

Manoel António Caspary Pereira

Taxa 10410

2/10

Regist. no liv. 0000

Sp. P. C. 107

Anexo 4



Ex. mos, Reverendíssimos Prelados
 Ex. mo Senhor Governador Civil
 Dignas autoridades Civis e Religiosas
 Minhas Senhoras e meus Senhores

Venho dizer algumas palavras sobre a historia de culto da Assunção em Santo Tirso.

É sabido de todos, e está sebojamente demonstrado, que a crença na Assunção da Virgem, embora se agora dogmaticamente definida, era geral na cristandade desde os primeiros seculos.

Foi comum tambem em Portugal essa crença, como igualmente está demonstrado.

E bastava-nos um facto, culminante na nossa vida de graça, para prova de que de facto o culto da Assunção está profundamente enraizado ha muito na alma do nosso povo.

Refiro-me á batalha de Aljubarrota, que devia ter como resultado, ou a independência de Portugal ou a sua incorporação no reino de Castela.

Travou-se essa batalha num dia 14 de Agosto.

Diz o cronista Fernão Lopes que, sendo, "vespera da Virgem Maria", Mestre de Avis e o seu condestavel, Nun'Alvares Pereira, incitavam os soldados ao combate, lembrando-lhes a festa do dia seguinte - a festa da Assunção - e assegurando-lhes que nossa Senhora os protegia.

Isto fez encher de arder a alma dos combatentes. E a confiança na protecção da Virgem alimentava a esperança de todos os portugueses. Em Lisboa, ao chegar a noticia da vitoria, a população acorreu em massa á ermida de Santa Maria, cantando a Salve Rainha.

Mais tarde, o Santo Condestavel, que salvara a independência de Portugal e fôra por isso cumulado de honras e riquezas pelo novo rei, e a tudo renunciara, trocando os seus titulos pelo de Frei Nuno de Santa Maria indo viver, como o mais humilde dos monjes, no seu convento de Carvo, construiu na cerca desse mosteiro uma ermida "em honra de Nossa Senhora da Assunção", onde passava muitas horas rezando e meditando.

Não seria Aljubarrota um milagre da Senhora da Assunção?

A nossa literatura está tambem cheia de referências á ~~velha~~ crença.

O rei D. Duarte, no seu livre - "O Leal Conselheiro" - afirma categoricamente estar demonstrado que nossa Senhora está no Ceu em corpo e alma.

No mesmo aure seculo XVI, o leuter e poeta Sá de Miranda escreveu: "Virgem celetial ja andando aqui, E em corpo trespassada ao Ceu empirio".

Esse escritor foi, porem, mais profeta quando acrescentou:

"Sem ser vista malica de olhos humanos."

Porque Nossa Senhora, por amor dos homens, tem baixado do Ceu, mostrando-se em corpo, embora, segundo parece, não possa ser vista senão por olhos innocente, porque na verdade se não concebe que um ser impuro possa ter comunhão, ou contacto, mesmo só pela vista, com Aquella que é a ~~summa~~ summa pura.

Já Platão diz que a um coração não limpo não é licite tocar naquilo que é puro.

No mesmo seculo XVI, escreveu o poeta Frei Agostinho da Cruz:

"Virgem resplandente, que subiste/d' Anjos acompanhada..."

Mais explicito, quanto ao misterio da Assunção, é outro poeta desse tempo, Pedro de Andrade Caminha, que se dirigiu á Virgem nestes termos:

"Postes de vossa Filho tão amada, Que toá, como a si, vos quis na Gloria".

é que quer dizer que Jesus, tendo subido ao Céu na totalidade da sua substancia - Corpo, alma e divindade - quis que sua Mãe fosse para ali levada também toda - em corpo e alma.

Ainda no mesmo século, o erudito Amador Arraiz, monge e *leitor* po, aludia á Assunção, dizendo:

" Convinha que aquele corpo sacratissimo, apesente e tabernáculo de Cristo, tivesse o que ao Senhor era devido, que era tornar a vida sem o corpo se resolver em cinza.

No século immediato, Frei Leão de Santo Tomaz, monge beneditino e lente de Teologia na Universidade de Coimbra, escreveu que nossa Senhora tinha de

" subir aos Céus em corpo e alma, triunfando da morte e da corrupção "

Este mesmo escritor, de quem voltarei a falar, mostrava sempre uma grande veneração por Nossa Senhora de quem *devotissimo*.

Foi por isso com surpresa e espanto que li ter-se elle oposto, com toda ou quasi toda a Universidade, á determinação del-rei D. João IV, quando este monarcha resolveu preibir que fossem conferidos graus academicos a quem não jurasse previamente defender a crença na Imaculada Conceição de Maria, - Perguntei a mim mesmo. Teria Frei Leão sofrido algum abalo na sua fé ?

Fui ler com attenção as razões expostas pela Universidade. E vi que uma dessas razões era a excessiva restrição, no ambito do juramento, por não ser logico que se exigisse o juramento de defesa da Imaculada Conceição sem ao mesmo tempo se exigir o juramento de defesa doutros attributos da Virgem, como era o de ter subido ao Céu em Corpo e Alma.

O nosso bom doutor Frei Leão, e toda a Universidade, alguma razão tinham. A crença no misterio da Conceição Imaculada arrastava consigo, como corolário, a crença no misterio da Assunção, porque, se repugna acreditar que o corpo, onde foi gerado o filho de Deus, tivesse tido uma origem com mácula, pela mesma razão repugna crer que esse corpo pudesse ser destinado a decompor-se e desfazer-se na terra, a ser deverado pelos vermes, e que seria em certo modo maculá-lo,

os dois mysterios estão unidos, completam-se, quasi se confundem.

Vencida a resistência da Universidade, e tendo-se celebrado em Coimbra as mais imponentes festas, quem pregeu, na cerimonia religiosa, foi elle proprio, Frei Leão de Santo Tomaz, que não esfriara na sua crença, mas antes solenemente a proclamava.

Poderão, porem, alguns supor que o culto da Assunção embora geral no País, é, nestaterra de Santo Tirso, de data recente, visto que só há 55 anos - no ano de 1896 - foi instituida a Irmandade de Nossa Senhora da Assunção e só um pouco depois este trecho do Monte Cordovo onde começou a ser construido o santuario, passou a ser denominado " Monte da Assunção; "

Mas não é assim. Já muito antes, e sem dúvida de há muitos séculos, existia nesta região esse culto, introduzido, segundo creio, pelos monges de S. Bento.

É fácil demonstrá-lo. Quando Seeiro Mendes da Maia, irmão de lidaçã, deo a esse mosteiro, no tempo de Conde D. Henrique, o conto a que chamou " do Santo Tirso", declarou oferece-lo.

" Ecclesiae S. Thirsi et Beatae Mariae Semper Virginis " - á Igreja de Santo Tirso e da Bemaventura Maria sempre Virgem.

O templo do mosteiro tinha, assim, dois patrones: o mártir Santo Tirso e a Virgem Maria.

E, como a Virgem não podia deixar de ser attribuida situação hiérárquica superior á do Santo, porque é " rainha de todos os santos", foi colocada no altar mór a sua imagem, e a imagem de Santo Tirso foi colocada num altar lateral.

manifestação de piedade e de fe.

O escritor Alberto Pimentel, assistiu á trasladação, que minuciosamente escreve no seu livro - "Santo Tirso de Riba d'Àve"-; e refere, em outro livro - "Historia do Culto de Nossa Senhora em Portugal"- que, tendo presenciado inúmeras festas e homenagens, de caracter religioso e profano, colheu nesse momento " as impressões mais fundas da sua vida".

Isto, só por si, mostraria que o culto da Assunção não fôra então criado ou improvisado, mas penetrara ha muito no intimo da alma de nesse povo.

Nem de outra forma pederia explicar-se a intensidade da devoção desta boa gente, emocionada sempre que contempla a imagem da Senhora, a desprender-se da terra, de braços erguidos e olhos no Ceu.

Compreende bem que se trata de momento supremo em que a Mãe de Jesus, despedindo-se deste vale de lágrimas, em que passou a sua vida dolorosa, vai ser no Ceu a mãe de todos os que sofrem, a Rainha de misericórdia, e balsamo de todas as dores.

Para este Monte da Assunção se voltam por isso os olhos de todos os que se sentem atribulados.

E assistimos ha muito a este espectáculo comovente:- Inúmeras pessoas, de todas as idades, e em todas as estações de ano, sobem ao alto desta montanha, a trazer as suas súplicas ou os seus agradecimentos.

Quantos, com grande sacrificio, se arrastam penosamente, a pé, pelo monte acima!

Porque foi escolhida este Monte para a criação do Santuario?

Pede supor-se que o motivo foi a maravilhosa paisagem que daqui se divisa e que faz do lugar um dos mais belos de Portugal.

Não nego que essa circunstância influisse na escolha.

Mas tinha de haver outro motivo e esse é o conjunto de nobres e longinquoas tradições ligadas a estes lugares.

Claro é que não quero referir-me ás épocas romana e pre-romana, das quais restam numerosos vestigios de uma adiantada civilisação aqui existente.

Quero referir-me á época cristã.

Antes da fundação da Monarquia portuguesa, pelo século X, viveu nesta região um principe cristão Alboasar Ramires, filho do Rei Ramiro II de Leão.

O pai celebrára-se já pelas suas grandes vitorias sobre os mouros. Alboasar tornou-se tambem notável pela brilhante acção militar que exerceu e lhe fez eriar o cognome de Cid.

E notabilisou-se tambem pelo seu espirite religioso. Dizem que foi ele o fundador do mosteiro de Santo Tirso; outros que o não fundeu, mas o reedificou, por ter sido destruido pelos mouros.

Que viveu nesta região, não há duvida. Que o seu fosse como tambem se diz, na Torre Alta, ao pé da nessa actual vila, e onde existe ainda uma antiquissima capela consagrada a Nossa Senhora, afigura-se-me provavel.

E é certo que, dirigindo daqui a luta contra os mouros, construiu no alto deste Monte uma fortaleza. Ignora-se o lugar certo em que foi construida; conjectura-se que seria talvez na área da actual freguesia de Refojos, ou na da actual freguesia de Penamaior. Mas foi num dos cumes do Monte Cordova, expressão que era então meramente geográfica, porque não havia ainda uma freguesia com este nome.

No mesmo século, estabeleceu-se por aqui outro grande chefe, encarregado de identica missão militar, o Conde Hermentilgo, igualmente.

te de sangue real. Não sei onde vive o seu solar, ou a sede do seu governo, mas presumo que seria na encosta deste monte, num lugar da actual freguesia de S. Miguel do Couto, entre as actuais freguesias de Monte Cordeva e de Santo Tirso. E esta presunção vem de que o seu filho e sucessor - o Conde Guteste de Arias - teve ali a sua casa. -

Este Conde Guteste partia com frequência como o pai à frente das suas hostes, em perseguição dos mouros. E deixava a mulher cheia de ansiedade, e toda afervorada em orações. Chamava-se ela Uduara, e diz a tradição que por muito tempo se lamentou de ser estéril e subia muitas vezes ao alto do monte, a pé e descalça, até junto dum ermidão onde suplicava a Deus, por intercessão do arcanjo S. Miguel que lhe desse filhos.

Deus ouviu-a. Nasceu um menino, que veio a ser o grande bispo Rudesindo, ou Rezende, como lhe chamou o povo, e que mais tarde foi canonizado; grande, por ser uma das maiores figuras da Igreja nessa época, e grande porque, encarregado por algum tempo de Governo do território galaico - portugalense, procedeu com a maior valentia e heroicidade na tarefa de repelir duas temerosas invasões - uma de mouros, outra de normandos.

S. Rezende nasceu, pois, próximo do lugar onde nos encontramos, em local que se avista daqui.

Não nasceu no Porto, como alguns dizem, confundindo o território portugalense com a sede do Governo desse território. essa sede, pelo menos no tempo do pai de S. Rezende, e certamente no tempo de Albeasar Ramires e do Conde Hermonegilde, foi junto de Monte Cordeva.

Também no mesmo lugar, onde hoje é S. Miguel do Couto e onde nasceu S. Rezende, nasceu uma sua irmã, que foi mença notável pelas suas virtudes e foi igualmente canonizada: Santa Adesinda, injustamente esquecida por nós.

Em Monte Cordeva existiu um mosteiro, como existiram mosteiros em Burgães, e parece que em Refejes, hoje freguesias, que assentam no vale e encosta do mesmo monte.

Existe, na actual freguesia de Pena Maior no alto desta montanha, uma Capelinha, que foi da invocação de S. Miguel Arcanjo, onde se celebra, desde tempos imemoriais, uma romaria - no dia 15 de Agosto de cada ano, ou seja no dia da festa da Assunção, e junto da qual brota uma antiquíssima fonte denominada "fonte da Senhora".

Seria nessa Capelinha que ia rezar a mãe de S. Rezende? Ou seria uma ermida, que deu origem à igreja de Salvador do Monte Cordeva?

Há ainda nas faldas deste local extremamente aprazível da actual freguesia de Monte Cordeva, outra antiquíssima Capela consagrada a Nossa Senhora, a que o povo chama de "Valinhas".

Por tudo isto, podemos considerar o Monte Cordeva como uma espécie de colina sagrada: até duplamente sagrada, pois ali nasceram e viveram santos, ali existiram mosteiros, ali se celebravam romagens, de tempo em que eram manifestações de pura piedade, sem misturas pagãs - e ali, ou nas suas encostas, viveram também heróis.

São, pois, tradicionalmente de fé estas terras, onde se criou e desenvolveu o culto da virgem, que se não obliterou até hoje.

Para isso muito contribuiu o velho mosteiro beneditino, que por aqui exerceu a sua influencia durante um longo periodo, talvez de cerca de mil anos, e ao qual devemos o nome de Santo Tirso dado a estas terras.

Sinto prazer em citar mais uma vez a grande figura de Frei Leão de Santo Tomaz, que tendo recebido o habite nesse mosteiro, ostentava com orgulho o titulo de "filho de Santo Tirso" e cantou, na sua Benedictina Lusitania, um verdadeiro hino de louvor ao "celebre mosteiro", como ele diria classificando-o a "aguia de todos os mais" por ser o que, numa época de grave crise mais alto se elevou dentre todos os mosteiros beneditinos portugueses.

Naquelle hino laudatório abrange a pelesa da terra.

E refere que, quando, no século XVI, foi criada a Congregação, pela união de todos os mosteiros, foi escolhido, como casa mãe, o mosteiro de Tibães, só pela circunstância de ser o que era mais central, em relação aos outros, oferecendo facilidade de comunicações, pois, se não fosse isso, devia ser escolhido o de Santo Tirso, por ser o que melhores condições oferecia. E, na verdade, outro escritor antigo afirma que o mosteiro de Santo Tirso tinha, não só riqueza, mas grandesa para poder ser um só episcopal.

A memória de Frei Leão de Santo Tomaz merece a gratidão dos tiraenses e bem justo seria que se lho prestasse uma condigna homenagem.

A igreja de S. Bento, em Coimbra onde ele fora sepultado, foi demolida ha dezenas de anos, não sei porquê, nem para quê, porque o local, até ha pouco, não foi aproveitado. Os seus ossos ficaram ao abandono. Mãos piedosas, depois, trasladaram-nos para o mosteiro de Tibães, onde ele estivera duas vezes como Abade Geral da Congregação.

Lamento que Santo Tirso não tivesse reivindicado essas veneráveis cinsas, para virem repousar na casa onde ele renébeu e habitou e onde passou a mocidade, na casa que muito amou, honrou e axaltou e de que carinhosamente se dizia filho.

Eis alguns leves e apagados traços de historia do culto da Assunção em Santo Tirso.

Perdoem-me todos se demasiadamente os fatigui com esta árida exposição.

Senhor D. Agostinho, meu venerando Bispe, eu só quiz mostrar que V.ª Ex.ª Rev.ª, escolhendo as terras de Santo Tirso para a celebração deste Congresso Mariano, praticou, como sempre pratica, um acto de justiça.

António Augusto Fernandes
15-VIII-57
(Intervenção feita no âmbito do Congresso)

Anexo 6



Anexo 7



Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

É conhecido de V. Ex.^a que sobranceiro á linda villa de Santo Thyrsó se eleva em formoso recanto minhóto, ás margens do Ave, o Monte Córdova. Vae para vinte e oito annos que muitas attensões se prendem de cada vez mais ás naturaes bellezas d'aquelle monte de cujos cimos se disfructa um dos mais bellos e amplos panoramas do paiz.

Assim, alli se ergueu em 1900 uma Capellinha a Nossa Senhora da Assumpção e se tem promovido o plantio de alguns milhares de arvores que ensombram já parte do monte.

O incentivo dado por já numerosos visitantes, a comprehensão de quanto o aformoseamento d'aquelle estancia, a dois passos do Porto, contribuiria para a expansão do turismo e o engrandecimento local, suscitaram a constituição da Commissão de Melhoramentos Pro-Monte, signataria d'esta carta, com o fim de realisar em Monte Córdova uma serie de obras que o transformem n'um logar encantador de repouso, pondo simultaneamente em justo relêvo um dos panoramas e locaes mais bellos de Portugal, indevidamente esquecidos.

Está tracejado por competente engenheiro o plano geral dos melhoramentos, aproveitando todas as incomparaveis condições naturaes do monte transformado n'um vastissimo parque onde deverão edificar-se hotéis confortaveis, e se rasgarão um lago, arruamentos, esplanadas, e outras obras requeridas pelas modernas exigencias do turismo.

A commissão encontra em collaboração a seu lado a Irmandade de Nossa Senhora da Assumpção que tem a propriedade dos extensos terrenos do monte, e muito ha feito e continuará fazendo pelo embellezamento d'elle, propondo-se erguer no seu mais elevado cimo um magestoso templo dedicado á sua padroeira, no estilo gotico do seculo XIV para o qual o illustre architecto Ernesto Korrodi já apresentou um formoso ante-projecto devida e minuciosamente estudado.

Demandam evidentemente, avultadas despezas estas obras. Certa porém de que V. Ex.^a muito se interessa pela propaganda e creação de estancias de turismo e tem dedicado simpatia a Santo Thyrsó cujas bellezas naturaes muito admira, a Commissão de Melhoramentos Pro-Monte vem sollicitar o valioso concurso e a importante coadjuvação financeira de V. Ex.^a



Actual Capello de N.^a S.^a
da Assumpção



Imagem de N.^a S.^a
da Assumpção



Monumento no cimo
do Monte



Local do futuro templo

(Bibl. photographica de Marjose Alencar)

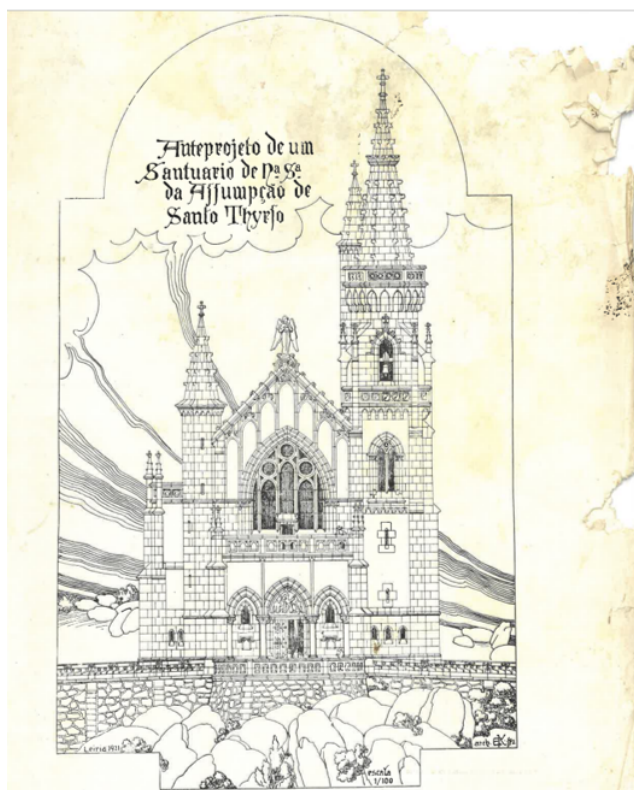
para a realização de tão atrahente, benemerita e patriótica obra porquanto, orçada como está **em muitas centenas de contos**, só poderá levar-se a cabo com a decidida boa vontade de todos os amigos de Santo Thyrsó, da qual esta comissão muito e de antemão espera.

A resposta que V. Ex.^a se dignar dar ao nosso pedido, deverá ser endereçada ao Presidente da Comissão de Melhoramentos Pro-Monte, Santo Thyrsó, ou ao ultimo signatario. Com a melhor consideração e subido apreço por V. Ex.^a, a

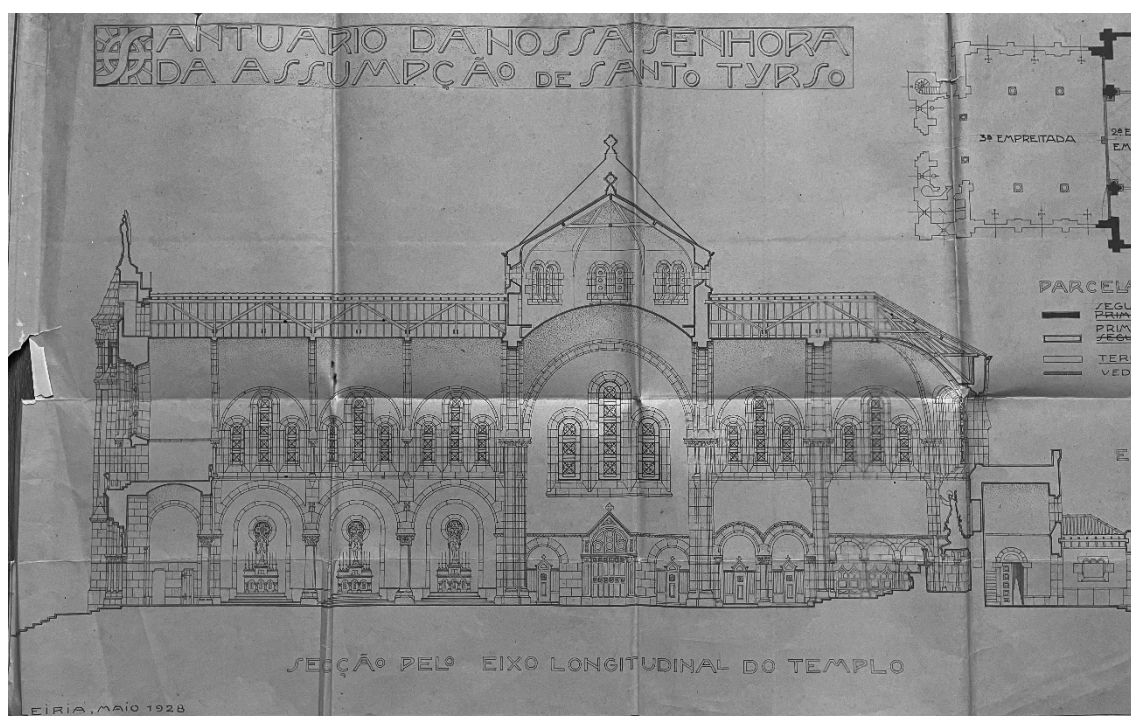
Comissão de Melhoramentos Pro-Monte:

Antonio Maria Lopes
Dr. Francisco de Souza Gomes Veloso
José Francisco da Costa
Franklin Ribeiro Gasparinho
Dr. João da Cruz Cardoso Santarem
Dr. Manuel Joaquim Costa Cruz
Dr. Francisco da Fonseca Pinheiro Guimarães
Dr. Eduardo Miranda
Virgilio Coelho d' Andrade
Arthur de Souza Moreda
Arthur Nogueira Gonçalves
José Pereira
João Gonçalves da Costa

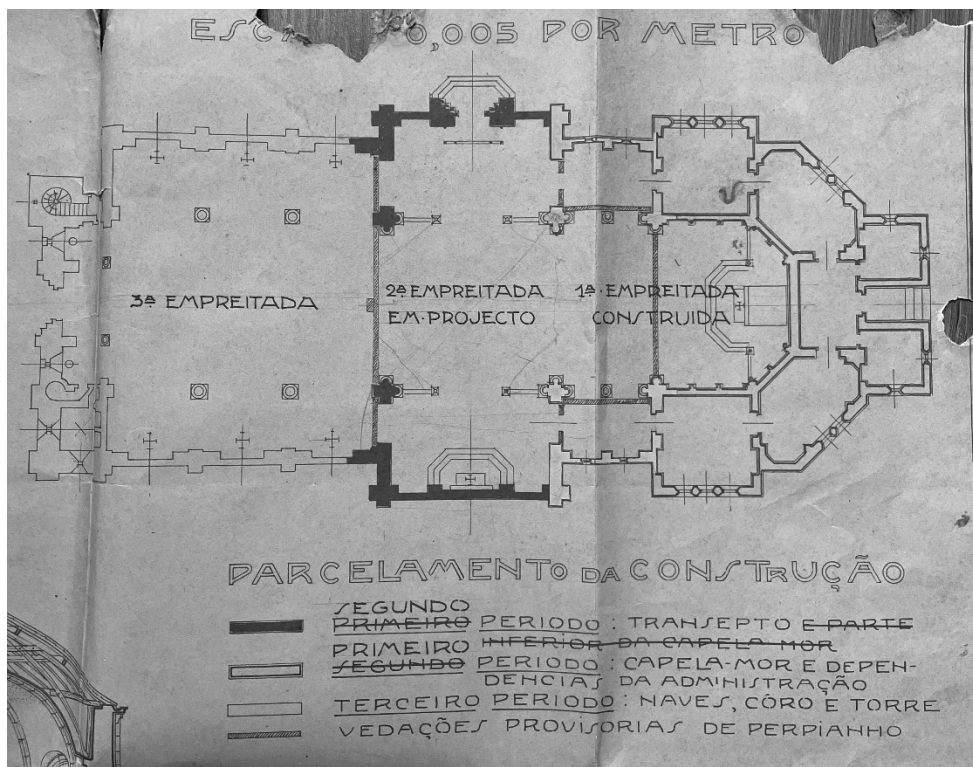
Anexo 9



Anexo 10



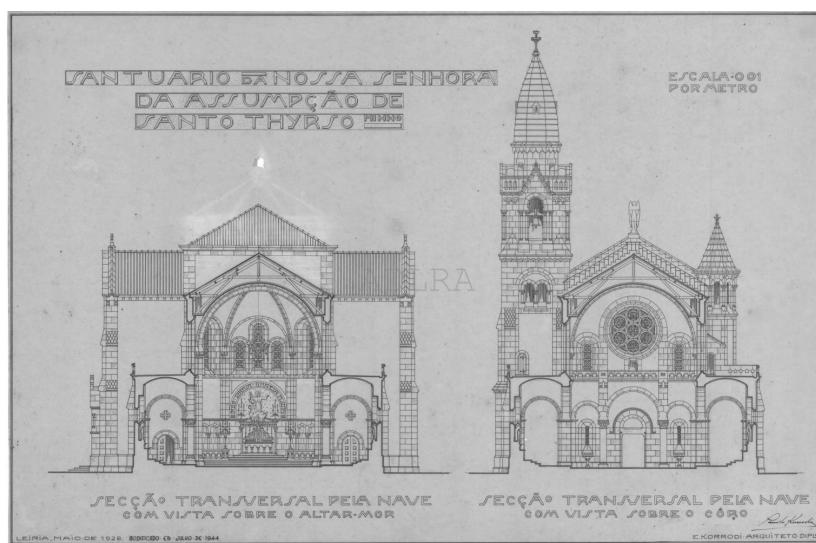
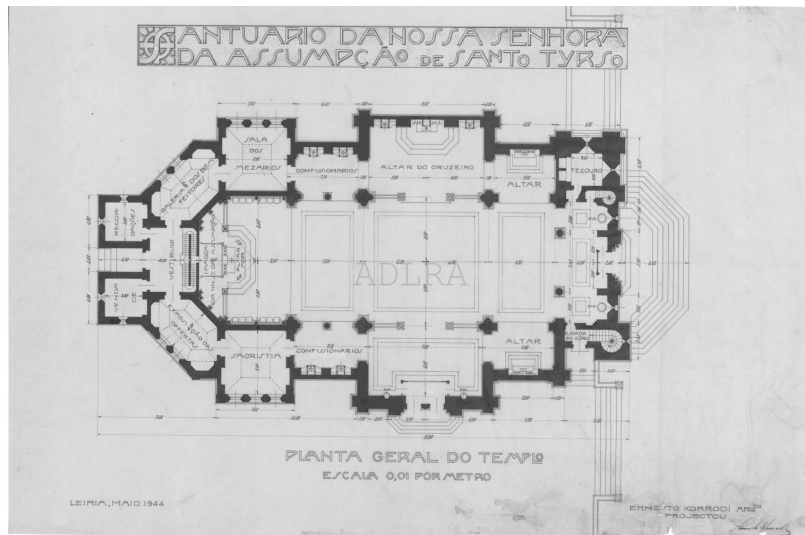
Anexo 11



Anexo 12



Anexo 13



Manoel Pereira

entre eles, se erigiu o Senhor Manoel Pereira de Freitas para permanecer em
Templo junto da taxa das esmolas com a fiscalização do Senhor
E nada mais havendo a tratar foi encerrada e cessou formando-se esta
acta para ser lida e lida por todos e depois de lida em voz
alta por ommi secretario *Felix* que a
subscreeva e assino.

João de Faria Salente Rebelo
Manoel Pereira da Silva
Antoni Lourenço de Costa

Acta da sessão extraordinária de 27 de Agosto de 1944.

Das vinte e sete de Agosto de mil novecentos e quarenta e quatro, no Largo Pazo qui-
al, reuniu a Causa da Termandade de Nossa Senhora da Assunção, com a
comparecencia de todos os Cruzados, e assim reunida a Causa começou por exami-
nar a conta apresentada pelo Sr. Lourenço referente ao rendimento da
Festa do dia quinze ultimo. Por ela se verifica que a receita total foi de
13.619,80 (treze mil novecentos e dezasseis escudos e setenta e cinco centavos), sendo isto
mil quatrocentos e cinquenta e seis escudos e sessenta e cinco centavos de esmolas,
mil cento e setenta e nove escudos e cinquenta e cinco centavos de vendas e
aluguer, digo, centavos colmacea das teidas, tres mil duzentos e trinta e seis
e setenta e cinco centavos de vendas e aluguer de artigos religiosos,
setenta e quatro escudos e trinta e cinco centavos de Balanca, cento e cinco escu-
dos e dez centavos da Caixa da Casa das Viudas, quinhentos e sessen-
ta e tres escudos e quarenta e cinco centavos do Cofre. A Causa congra-
tulou-se com a execucao feita como encerrou a Festa e resolveu
dignar-se a Sua Excellencia Reverendissima o Senhor Bispo de Porto
agradecendo a sua presença que tanto contribuiu para o bem-
tornar de todas as voluntades e em especial do parquiao
em que Sua Excellencia Reverendissima se incorporou fazendo
a fe' todo o percurso desde esta Vila até ao Santuario. Seguidamen-
te subscreeva na officina das obras em curso verificando-se que
deveriam normalmente ser havendo incumbencia para fe' de
qualquer obra que se anteriormente se resolveu. Atendendo

a que o salário normal de muitos pedreiros nesta vila é inferior ao que está sendo pago ao pedreiro Joaquim Silva, foi resolvido accumular em cinco escudos diários o seu salário. O Conselheiro Antonio Costa declarou que oferecia a Teresinha cincoenta mil reis de legados de pedra que foram colocados na escadaria junto da antiga Capela os quais custariam quinhentos escudos. A Mesa acordou. Deliberou-se que nos afrescos arrumados para a caputada do muro de suporte do lado sul da esplanada a Teresinha mandasse executar a obra por sua conta. Sendo-se notado que uma peregrinação se nos encorpou a Banda de Musica que havia sido tratada foi resolvido proceder, apresentando-se quince e exigindo-se uma indemnização. Foi apresentada e submetida a apreciação do Conselho o projecto de alterações a introduzir no templo em construção, tendo sido, em principio, aprovadas as alterações constantes do mesmo. Resolveu-se officiar ao architecto Camilo Corrodi pedindo-lhe emdições promencionadas para que elle supri cubique a direccão tecnica dos obras. Foram autorizados os seguintes pagamentos: a Theotima Leunhada, de Farnabeão a quantia de seis mil oitocentos e setenta e tres escudos e vinte centavos de taboague para a condução de agua; a David Martins de Sousa, a quantia de setecentos escudos, de placas e a Carvalho e Irmao a quantia de setecentos e dois escudos e cinquenta centavos, cento e trez e lamparinas para a Casa das Vendas. O orçã mais humilde a tratar foi encerrado a renda, lembrando-se esta acta para constar e valer um anno, por todos de pae e filho em voz alta por anno necessario. Fez-se que o subscrisor e arguis. Resolve a rezura que diz "tenuea".

P. José Maria de Saesete Robely
 Director
 Manuel Curran da Silva
 Antonio Lourenço Costa
 Joaquim Alberto de Almeida
 J. Alves, Agulha e Filho

recente o telhado. Deu-se foi resolvido dar uma
 pintura em toda a casa. Igualmente, foi deli-
 berado cortar-se a pedra, quando fosse preciso
 para a continuação das obras da Santuária, no
 terreno que ficava junto do túmulo do Padre Frei
 José Ribeiro de Silveira, mudando para junto
 deles o barraco de abrigo para os trabalhadores,
 com a respectiva fôrça. E não havendo mais
 nada a tratar, foi passada a presente acta, que
 vai elle assinada por todos.

João da Silva de Fátima

Antônio Maria de Fátima

Acta da sessão extraordinária de 8 de Outubro de 1949 -
 com oito dias de mês de Outubro de mil novecentos e quaranta e nove, que se deu na casa do tesoureiro da Irmandade da Nossa
 Senhora da Assunção, reunida a mesa da Irmandade,
 com a assistência de todos os mesários, à excepção
 do vogal Joaquim de Sousa Oliveira. António Maria
 Lopes. Antes de se entrar na discussão dos assuntos
 presentes o secretario Agostinho Fernandes Machado
 fez voto em seu nome e com a aprovação de
 todos os mesários, pela continuação das melhoras
 do seu colega da Mesa e grande benevolência da
 Irmandade congratulando-se por já ter passado o pe-
 rigo da grave enfermidade sofrida pelo Sr. António Ma-
 ria Lopes. Depois dos Amigos da Senhora da Assunção -
 foi tratada conhecida a ideia do Sr. Joaquim de Sousa
 Andrade, de formar um grupo de pessoas para criar
 em Santo Vito uma associação denominada "Grupo
 dos Amigos da Nossa Senhora da Assunção", a fim
 de, com as cotas mensais recolhidas, auxiliar
 a Mesa da Irmandade nas obras do templo em

~~o crime~~

construções. Resolvido dar-lhe todo o apoio e a ajudar a formação do referido Grupo. Iluminação da cruz - Voltou a falar-se na cruz que, em tempos, esteve iluminada electricamente. Vendeu-se a fundo o assunto e resolveu-se estudar a maneira de se fazer uma cruz mais pequena, para ser talvez colocada no templo e poder, assim, resistir ao tempo etc. O vogal Américo Noqueira Lyucalves ficou encarregado de tratar do caso. Porro do largo do templo - Foi resolvido o corte total do caminho junto ao monumento, por se reconhecer que este muito beneficiava, tanto no movimento em dias de festa como nas vistas à distância. Doativos - Os mesários António Maria Lopez, Américo Noqueira Lyucalves e Alíbio Ferreira de Oliveira declararam oferecer cada um a importância de vinte mil réis, para as obras do templo, importâncias estas que tinham suprestado há tempos, conforme a acta de vinte oito de Fevereiro de mil novecentos quarenta e oito. Da mesma forma, fizeram saber os referidos mesários que tomavam o compromisso de pagarem, cada um, um mês de despesas de obras até ao fim do ano corrente. Foi resolvido admitir como sócio o Sr. Arnaldo Pereira de Silva Araújo e convidá-lo para fazer parte da Mesa, como vogal. Arquitecto Korrodi - Interrogado o Presidente sobre as condições em que o Architecto Korrodi está a prestar assistência às obras, este esclareceu que estava sem effecto o accordo feito com ele em dezembro de quatorze de mil novecentos e quarenta e oito. Na sua última visita concordou em modificar as condições de prestação de trabalho e respectivos honorários. Como as obras vão em ritmo vagaroso, não é necessária a assistência permanente do citado architecto. Assim, este combinou que só prestará assistência técnica quanto o mestre de

Anexo 16

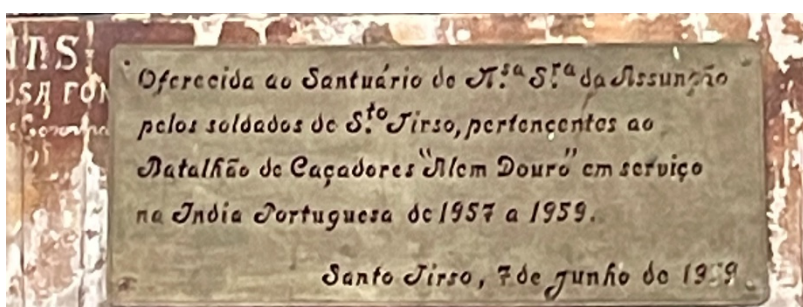


Anexo 17



Adriano Guimarães Teixeira (Nano)
Obedecendo à vontade e promessa
de seus pais,
Virginia Pinto Guimarães Teixeira
e
Élio Pinto Teixeira
Oferece a esta basílica a
imaculada imagem de nossa
Senhora de Fátima
Santo Tirso, 13-05-2006

Anexo 18



ao senhor

Tercin. Retocar as fotografias dos Benfeitores que estavam deterioradas e entregar este trabalho tra fotografia geral;
 O Tesoureiro informou que existe na conta geral de depósitos o saldo de 336.226,60 (Trescentos e trinta e seis mil duzentos e vinte e seis escudos e sessenta e seis centavos)
 O Sr. João Maria Romz ficou encarregado de chamar um mestre de obras para arranjar o teto e o tecto da capela velha, receber orçamentos para a Igreja e decidir resolver definitivamente. E não havendo mais nada a tratar encerraram a reunião de que lavrei esta acta, que depois de lida e conferida vai ser acionada por means secretários e por todos os presentes

Antônio Gomes
 O Secretário
Belmiro Assunção
 Maria Alves Romz
 Manuel Alves do Couto

Acta de 22 de Setembro de 1943

Aos vinte e dois dias de Setembro de 1943

reuniram na secretaria da Igreja Matriz a Sociedade de Nossa Senhora da Assunção com excepção do senhor Sr. João Maria Romz que não compareceu por motivo justificado. Aberta a sessão foi ventilado o arranjo do pavimento exterior, acabamentos do piso interior e bancos para a assembleia. Para os bancos foi proposto o fornecimento da madeira e colher propostas para o trabalho de fazer os ditos bancos. Para a parte de arranjo do pavimento interior e exterior ficou assente em falar com o empreiteiro Sr. Joaquim Saldanha para dar proposta sobre o custo da obra por partes. Também foi ventilado em chamar um mestre de obras para ver qual seria o custo do arranjo da Capela velha pois está em precárias condições, assim como as janelas da casa da Sociedade. E não havendo mais nada a tratar

41

foi encerrada a sessão a qual foi passada a acta
presente que vai ser assinada por todos.

Relatório Fímio
Eduardo Albuquerque
Mário Alves Trariz
Manuel Augusto Costa
Eduardo Pereira Marques

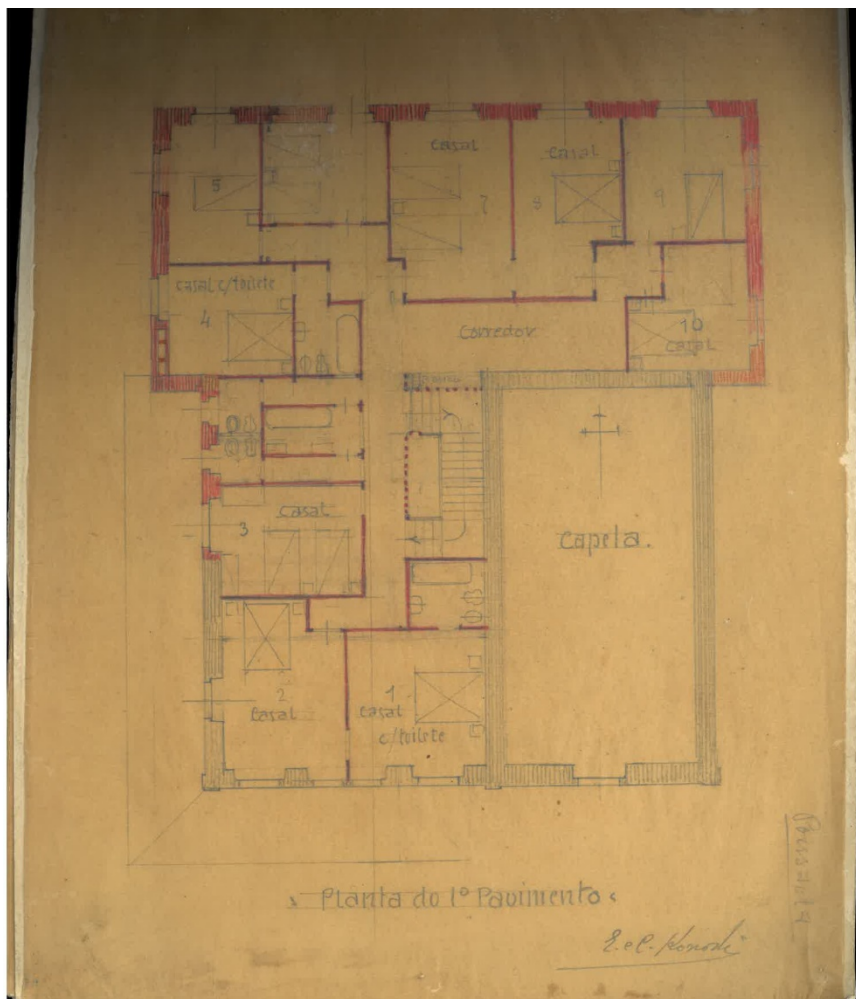
Acta de 17 de Novembro de 1973

Aos 17 dias de Novembro de 1973 reuniu
na Secretaria da Igreja Matriz a mesa da
Ligação da Nossa Senhora da Assunção.

Estavam todos presentes. Aberta a sessão foi
apresentada pelo Presidente os orçamentos dados
pelo empreiteiro L. Joaquim Saldanha para o
acabamento do mosteiro, piso interior e exterior,
arranjo da capela velha e casa das bondes que
importa tudo isto na importância de 1620.000 \$000
mil seiscentos e vinte escudos. Foi ventilado em
vender uma partida de árvores para auxílio das
ditas obras. Ficou assente em pagar ao guarda
da mata Joaquim Barbosa o ordenado mensal de
2.100 \$00 dois mil e cem escudos, sendo os descontos
feitos para a Caixa da Previdencia por conta da
Mesa da Ligação. Falar com o Sr. Presidente da
Câmara sobre o arranjo da betificação da esplanada
do mosteiro. Não havendo mais nada a tratar
encerrou-se a sessão de que lavrei esta acta que depois
de lida vai ser assinada por mim secretário e por
todos os presentes.

Relatório Fímio
Eduardo Albuquerque
Manuel Augusto Costa
Mário Alves Trariz

Anexo 20



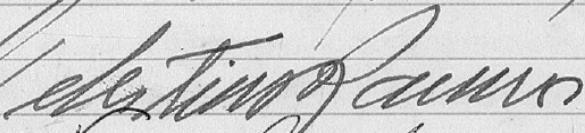
Anexo 21



Anexo 22



vez, a obra do templo, encarregando-se o mesário
 Américo Roqueira Goncalves de se avistar com o respu-
 ctivo architecto, a fim deste se promocia sobre a
 cobertura do edificio. Fizeram-se as contas do penulti-
 mo dia da peregrinação de Agosto findo, cuja
 importancia final foi de quarenta e cinco mil se-
 tecentos setenta e oito escudos, sessenta e centavos.
 Como não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessã
 da qual é passada a acta presente, que escrevi e
 assino.


 Américo Roqueira Goncalves
 Vogal
 Forcato Dias Correia Portela
 Presidente da Mesa

Sessão extraordinária de 14 de julho de 1966

Aos catorze de julho de mil novecentos e sessenta e seis,
 na secretaria da Igreja matriz de Santo Vito, reuniram-se a
 Mesa da Irmandade da Nossa Senhora da Assunção,
 com excepção do mesário Aluísio Ferreira de Oliveira
 que não compareceu, por motivo justificado.
 Aberta a sessão, veio diuturnamente, todos os mesários
 presentes se manifestaram no sentido de se lançar
 na acta um voto de muito pesar pelo faleci-
 mento do mesário-tesoureiro Américo Roqueira
 Goncalves, que, durante longos anos, foi devotado
 amigo e verdadeiro benemerito da Santuario da
 Assunção, que lhe ficou a dever prestimos in-
 superáveis, quer monetários, quer de assistência
 constante ás obras da Basílica, sem seguida
 e por unanimidade, foi eleito o vogal Forcato
 Dias Correia Portela para o lugar de tesoureiro,
 a fim de suprir a vaga deixada pelo saudoso
 Américo Goncalves. Vendo da cara do Porto- O me-
 sário Forcato Dias Correia Portela deu a publicidade
 á Mesa o resultado das aturadas diligências

para a venda da casa da Rua das Flores, do Porto, que se vendeu, finalmente, por 300.000,00, e com a Irmandade só tivesse recebido 291.000,00, por ter de ceder a percentagem de 9.000,00 à agência vendedora. E não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessão, da qual é pastada a acta presente, que escrevi e assino.

Corcato Dias Corrêa ~~Porto~~

Roriz Maria Alves Roriz

Alfonsinho Bernardino Machado

Sessão extraordinária de 15 de Novembro de 1966

Em quinze de Novembro de mil novecentos sessenta e seis, na secretaria da Igreja Matriz de Santo Tirso, reuniram a Irmandade da Nossa Senhora da Assunção, apensas com os mesários deixo assinado. Aberta a sessão, por todos ficou resolvido prestar homenagem ao falecido benemerito Américo Rodrigues Gonçalves, seu activo tesoureiro, com a colocação do seu retrato na galeria respectiva e missa por seu eterno descanso. Também se deliberou entregar a empreitada, que antecederá a cobertura do templo em construção, ao sr. José Pereira Campos, ^{rua do Quintal, de 384. 809100} e não havendo mais nada

a tratar, foi encerrada a sessão, da qual é pastada a acta presente, que escrevi e assino. Pasarei que é José Pereira e a acta lida referente à importância acima citada. Pres. ~~Manus~~

Corcato Dias Corrêa ~~Porto~~

Roriz Maria Alves Roriz

Alfonsinho Bernardino Machado

Sessão extraordinária de 18 de Maio de 1968

em depósito de Maio de mil novecentos sessenta e oito na secretaria da Igreja Matriz de Santo Tirso reuniram a Irmandade da Nossa Senhora da

Anexo 24



e três mil escudos.

Verificando-se que se iniciaram e prosseguem em bom ritmo as obras do edificio anexo à Capela Velha e considerando-se vantajoso substituir também o telhado da Capela foi decidido solicitar um orçamento relativo a esta obra.

Foi, a seguir, aprovada a lista dos vendedores que poderão ser autorizados a exercer a sua actividade junto ao Santuário, de acordo com o deliberado na Acta número dezasseis de seis de Novembro de mil novecentos e noventa e cinco. São os seguintes:

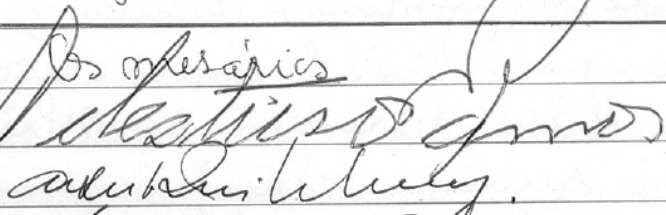
- 1- Jaime Pereira Araújo, vende fruta, pão, doce;
- 2- Jmª Maria Andrade Barvalho, de S.ta Cristina do Couto, vende brinquedos;
- 3- Maria do Carmo Vale Pereira, de Reguenga - vende refrigerantes;
- 4- Agidius Fernando Ferreira dos Santos, de Vilela, Paredes - vende brinquedos;
- 5- Jmª Gomes dos Santos, de Rio Tinto, vende refrigerantes;
- 6- Grazianda Ferreira Torres, de Paços de Ferreira - vende fruta, pão.

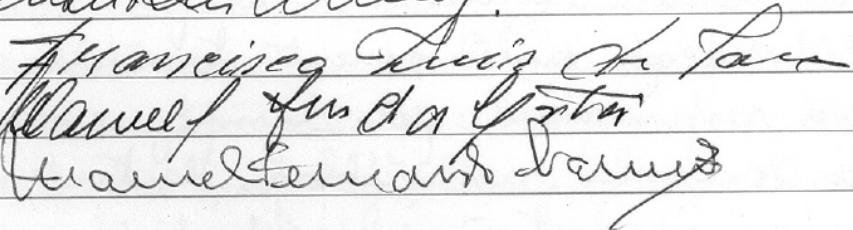
Após o Senhor Tesoureiro ter informado que o saldo actualmente existente era de quatro milhaes trezentos e dezasseis mil e cento e trinta escudos, foi encerrada a reunião, da qual se levantou a presente Acta que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada por todos os mesários presentes.

Secretário da Igreja Matriz de Santo Tirso aos quatro dias do mês de Junho de mil novecentos e noventa e seis

Presidente
Tesoureiro
Vagante

Secretário

Os mesários

 António Gomes

Francisco Luiz de Paiva

 Manuel Fernando Barroso

PELO COCELHO

SANTO TIRSO
Aves, 7.8.1934.

Principiaram ontem as obras para a fabrica de teodagem da «Empresa Industrial do Vale do Ave». As primeiras empilhadas foram tomadas pelos srs. Domingos Ribeiro, Narciso Garcia e Manuel Ferreira Dias.

A aldeia de Romão vai dar um grande salto, e o lugar onde a nova fabrica anda a ser levantada é um dos mais lindos das Aves.

Que formosa aldeia ali não se poderá formar, se a Junta e a Camara souberem dar convenientes alinhamentos ás moedas!

Vamos a ver o que se faz. Já aqui dissemos que os alinhamentos devem ser uniformes e que nenhuma construção se deve permitir sem um metro de recuo da feze da estrada. A nova aldeia vai surgir. Já se encontram lá marcadas tres casinhas. Oxalá que não se deixe estragar tudo como é velha costumeira entre nós. A gerencia da «Empresa Industrial do Vale do Ave», para dar exemplo e importancia ás suas instalações, deixa entre estas e a estrada uma avenidazinha de 10 metros de largura!

No proximo dia 15 tomari a sagrada Ordem do Presbiterio, em Braga, o teologo nosso conterraneo Joaquim de Almeida Pereira da Silva, filho do nosso amigo sr. Domingos Ferreira da Silva.

Como se vê, as Aves continuam as suas gloriosas tradições de darem ministros ao altar do Senhor. Ainda não ha um mez que um seu filho celebrou a sua primeira missa e já no proximo dia 19 outro vai subir o altar para consagrar pela primeira vez o Corpo de Jesus Cristo e oferecer-lo pela salvagão do mundo. No proximo numero daremos o programa da festa desta Missa-Nova, que promete ser muito brilhante.

Damos sinceros parabens ás sr.^{as} D. Adelaide Benedita Monteiro e D. Maria Arminda Ferreira Moreira da Silva, nossas illustres professoras primarias, pelo esplendido resultado colhido nos exames do 2.^o grau.

A primeira apresentou 15 alunos, ficando 7 distintos e 8 aprovados. Nunca nas Aves ninguem fez mais. Bateu o record. Que esforço e que canoabras a brava e intelligente professora não teve de empregar para conseguir tamanho exito! E note-se que ainda tinha preparados mais três meninos que não foram a exame só por não terem a idade.

A sr.^a D. Adelaide é uma das concorrentes á nossa escola do sexo masculino ultimamente posta a concurso. Ela bem merece o despacho. As Aves ficariam bem servidas. Deus a fixe aqui.

A sr.^a D. Maria Arminda preparou e levou a exame 8 meninas, ficando todas aprovadas, sendo 6 com distincção. Isto é que é trabalhar! Se todas as escolas primarias do país dessem o rendimento das das Aves, a vergonha da formidavel percentagem de analfabetos levaria um grande rombo, um rombo atiquilador.

No liceo da Povoas de Varrizim fez exame do segundo anno, com distincção, a menina Maria Emilia Dias Martins Gouveia, filha do nosso amigo e bom conterraneo o sr. Arnaldo Gouveia.

— N: mesmo estabelecimento de ensino tambem fez o mesmo exame, com boa classificacão, a menina Maria Olivia Pinheiro Leão Ferreira, filha do sr. Bernardino Ferreira, habil farmacoeutico e digno presidente da nossa Junta de Paroquia.

Copinhos, á moda de Minho, e mais peças de iluminação excute qualquer quantidade, prontificando-se fazer a sua entrega para as Festas da Assunção,

JOSÉ MACHADO BRANDÃO
Carvalhais — Santo Thyrsó

Ambas estas meninas são alunas do Collegio de S. José, de Vía do Conde.

— Como aluna do Collegio de Nossa Senhora da Conceição, de Ovarães, transitou com boas notas, para o quarto anno dos liceos, a menina Odete de Magalhães Carneiro, da Barca, que tambem fez exame de canto, com 18 valores, no Conservatorio Municipal do Porto.

A's três simpáticas e boas meninas damos sinceros parabens, com os votos de que continuem a ser estudiosas e santinhas. — No Instituto Nun'Alvres, das Caldas-da-Saude, fizeram respectivamente lindos exames de terceiro e primeiro anno do curso dos boens os meninos Juizo Cesar e Delim Albano de Lemos Magalhães, aqueles meus dois sobrinhos irrequietos como escarvalhos, de quem já muitas vezes aqui falei, e que hão de dar dois doutores.

Um abraço cá do velhote aos esperanzosos rapasinhos.

A passar o verão na sua linda vivenda da Tupêa, já se encontra, desde ha 15 dias, com sua familia, o nosso amigo e grande amigo da sua terra, as Aves, o sr. Antonio Martins Ribeiro, acreditado industrial do Porto.

No dia 2 deste, passou-se o aniversario natalicio da sr.^a D. Constança de Sousa Guimarães Padilha, dilecta esposa do nosso amigo sr. João Bento Padilha e distinta dama aveas.

Embora tardamente apresentamos á illustre senhora os nossos cumprimentos de parabens com os votos de que tal data se repita vezes sem conta. — C.

EDITAL

Mario Faria Carneiro Pacheco, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra e Presidente da Comissão Administrativa da Camara Municipal de Santo Thyrsó:

Faz publico que se acha aberto concurso por espaço de trinta dias, contados da data da segunda publicação do Diario do Governo para provimento do lugar de medico municipal, deste concelho, com o ordenado anual de 7.790\$52. Os pretendentes deverão apresentar dentro do referido prazo, na secretaria da Camara, os seus documentos de harmonia com o decreto de 24 de Dezembro de 1892 e art.^o 7.^o do decreto de 23 de Agosto de 1911.

Para constar se passa este e outros identicos que vão ser afixados no lugar do estilo.

Santo Thyrsó, 9 de Agosto de 1934. E eu Alberto

Amaral de Sousa Carneiro, chefe da secretaria o subscrevi.

O Presidente,

Mario Faria Carneiro Pacheco.

EDITAL

Manuel Jacinto Elal Monte Júnior, Engenheiro-Chefe da 1.^a Circunscripção Industrial:

Faz saber que José Maria Neves, requereu licença para instalar uma fabrica de tecidos mistos de algodão e seda e tinturaria, incluída na 2.^a classe, com os inconvenientes de barulho, trépidação, perigo de incendio, fumes nocivos, emanacões e inquinacão das águas, no lugar do Romão, freguesia de S. Miguel das Aves, concelho de Santo Thyrsó, distrito do Pórtó, confrontando ao Norte com estrada, Sul com propriedade (Bosca) da Manua de Araujo Marques, Nascente com Estrada e Poente com Caminho.

Nos termos do regulamento das indústrias insalubres, inofensivas, perigosas ou toxicas e dentro do prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Repartição, com sede no Porto, rua Sã da Bandeira, n.^o 145-B.

Porto e Secretaria da 1.^a Circunscripção Industrial, em 30 de Julho de 1934.

Pelo Engenheiro-Chefe,

Vasco dos Santos.

Vende-se

Um grande terreno, com arvores, vedado, na Assunção, proximo do novo Santuario, e servido pela estrada que dá acesso ao Monte. Preço vantajoso. Nesta redacção se diz.

EDITAL

Manuel Jacinto Elal Monte Júnior, Engenheiro-Chefe da 1.^a Circunscripção Industrial:

Faz saber que Abilio Ferreira de Oliveira, requereu licença para instalar uma fabrica de tecidos, incluída na 2.^a classe, com os inconvenientes de barulho, trépidação, perigo de incendio e fumes, no Lugar da Ponte de Negrais, freguesia de S. Martinho do Campo, concelho de Santo Thyrsó, distrito do Pórtó, confrontando do Norte, Nascente e Poente com terrenos de Julio Pinto do Sousa e do Sul com estrada municipal e terreno de Rodrigo Pimenta.

Nos termos do regulamento das indústrias insalubres, inofensivas, perigosas ou toxicas e dentro do prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Repartição, com sede no Porto, rua Sã da Bandeira, n.^o 145-B.

Porto e Secretaria da 1.^a Circunscripção Industrial, em 3 de Agosto de 1934.

Pelo Engenheiro-Chefe,

Vasco dos Santos.

Cartões de visita

Imprem-se com a maxima fidelidade na tipografia deste jornal.

N. Senhora da Assunção

Festas comemorativas da inauguração do novo templo nos dias 12, 13, 14 e 15 de Agosto

SANTO TIRSO, a fidelga vila de Entre-Douro-e-Minho, banhada pelas águas do remançoso e poético Ave e dotada de incomparáveis belezas naturais e melhoramentos materiais que a colocam a par das mais progressivas terras de Portugal, comemora no próximo dia 15 de Agosto um dos mais notáveis acontecimentos que registra nos seus annos — a **Bênção Solene da suntuosa Capela-mór do majestoso templo-monumento de Nossa Senhora da Assunção**, erecto no cimo do Monte-Córdeva, em honra da Santissima Virgem — a para que tão gloriosa data fique gravada a letras de ouro no coração dos tirsenses e dos milhares de forasteiros que, pela certa, hão de vir tomar parte em tão pomposas solenidades, organizam-se, nos dias acima indicados, deslumbrantes festas com números de escolhido e surpreendente effeito, constantes do seguinte

PROGRAMA

DIA 12

Deslumbrantes festas nocturnas no Parque Conde de S. Bento, sendo apresentadas, pela primeira vez, em Santo Thyrsó, feéricas illuminações eléctricas; artisticas illuminações regionais, com lindas e soberbas peças de maravilhoso effeito, num total de **12.000 lumes**.

Fogo prêso e do ar, confeccionado pelo afamado pirotecnico de Lanhelas.

Exhibição do já celebre **Grupo do Areal**. — Concerto musical, no corêto do Parque Conde de S. Bento pela excelente **Banda Ovarense**, sob a habil direcção do sr. Capitulo Salvador Guimarães, que executará um escolhido programa.

DIA 13

Feira franca, com prémios aos melhores expositores de gado.

Vários divertimentos, durante o dia; e, á noite, animado arraial minhoto, no Parque, onde se ostentarão illuminações de esplendido brilho, sendo ali exhibidos o rancho de S. Cristovão do Muro, que com o referido **Grupo do Areal**, obtiveram um grandioso successo na Parada Regional da Exposição Colonial, sendo queimado muito fogo, de surpreendente êxito popular, tais como a conhecida e interessante **vaca de fogo** e os engraçados **bonecos**.

DIA 14

De tarde, entusiastica recepção a Sua Eminencia o Senhor Cardinal Patriarca e aos illustres Prelados, Arcebispo de Braga, Arcebispo de Osririno, Arcebispo de Evora, Bispo do Pórtó, Bispo de Portalegre e Bispo de Bragança que virão tomar parte nas pomposas solenidades religiosas comemorativas da **Bênção Solene da Capela-Mór do novo e suntuoso Templo-Monumento de N. Senhora da Assunção**. No salto nobre da Camara ser-lhes-hão dadas as saludações de boas-vindas.

A' noite, imponente **Proccissão das Velas**, que percorrerá as ruas da vila, encontrando-se as fachadas dos prédios belamente iluminadas.

No Parque, novo festival, tocando no corêto a apreciada **Banda dos B. V. Tirsenses**.

DIA 15

A's 9,30, partida da imponentissima peregrinação, da actual capela, na Assunção, para o novo templo.

A's 11, bênção solene do novo templo.

A's 12, missa rezada, campal, para todos os peregrinos.

A's 12,30, Missa de Pontifical, presidida por Sua Eminencia o Senhor Cardeal Patriarca, e allocução por S. Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Bispo de Portalegre.

A's 4,30, Exposição do Santissimo Sacramento. — Sermão por S. Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Bispo do Porto — Consagração da Diocese a Nossa Senhora por S. Ex.^a Rev.^{ma} — Te-Deum — Proccissão Eucaristica na explanada e bênção do Santissimo Sacramento.